Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANNO 1 · N. 1 15 MARÇO 1931

REVISTA NOVA

DIRECÇÃO DE PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

PALAVRAS DA DIRECÇÃO
RAMALHO ORTIGÃO
RONALD DE CARVALHO
TRISTÃO DE ATHAYDE
MANUEL BANDEIRA
MURILLO MENDES
ALFREDO ELLIS (JUNIOR)
LUIS DA CAMARA CASCUDO

CARTA A EDUARDO PRADO
RETRATO DE GRAÇA ARANHA
ENSAIO SOBRE O PROGRESSO
BOCA DE FÔRNO
MULHER EM TODOS OS TEMPOS
POPULAÇÕES PAULISTAS (I)
A ESCRAVARIA NA EVOLUÇÃO ECONOMICA DO RIO GRANDE DO NORTE

OCTAVIO DE FARIA
PEDRO DANTAS

FREUD
BAZAR COLOSSO

Chronica
MARIO DE ANDRADE — A POESIA EM 1930

Notas
de
LEOCADIO PEREIRA, ORESTES GUIMARÃES e ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

Resenha

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72
SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

(março, junho, setembro, dezembro)

DIRECTORES: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

GERENTE: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redacção e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

SÃO PAULO

ASSIGNATURA ANNUAL . . . . . 18$000

(remessa registrada)

NUMERO AVULSO . . . . . 5$000

EM TODAS AS LIVRARIAS:

MANUEL BANDEIRA — LIBERTINAGEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — ALGUMA POESIA

MURILLO MENDES — POEMAS

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — PASSARO CEGO

ANNO 1 15 MARÇO 1931 N.º 1

REVISTA NOVA

A' Administração da **REVISTA NOVA**

Rua Xavier de Toledo, 72 - Telephone 4-7547

SÃO PAULO

Desejo uma assignatura annual da REVISTA NOVA para:

Nome.....

Rua.....

Cidade.....

Estado de.....

Incluo a importancia de 18$000.

.....

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO TRIMENSAL

(março, junho, setembro, dezembro)

DIRECTORES: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO

GERENTE: NELSON PALMA TRAVASSOS

Á Administração da REVISTA NOVA
Rua Xavier de Toledo, 72 — Telephone 4-1-3-8
SÃO PAULO

Desejo uma assignatura annual da REVISTA NOVA para

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado de .....

Incluso a importancia de 38$000

EM TODAS AS LIVRARIAS:

MANUEL BANDEIRA — LIBERTINAGEM

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — ALGUMA POESIA

MURILLO MENDES — POEMAS

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — PASSARO CEGO

ANNO 1 15 MARÇO 1931 N.º 1

REVISTA NOVA

Direcção de Paulo Prado, Mario de Andrade e
António de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 1.º

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
SÃO PAULO

Esta revista nasce com a firme tenção de durar. Anno começado será acabado: assegura-se aos possiveis assignantes. E essa affirmação é necessaria numa terra que nem esta de desanimo facil e tentativas abortadas. Sobretudo no terreno ainda bravo das chamadas cousas do espirito.

Para Sinclair Lewis a literatura é a sexta preoccupação do americano do norte. Entre nós é preciso distinguir. Porque a literatura é ao mesmo tempo a primeira e a ultima preoccupação do brasileiro. E' a primeira quando se trata da literatura por conta propria saída do desejo humano e muito nacional de brilhar falando e escrevendo: daí as citações classicas pondo erudição nos documentos administrativos e a presença distincta de Anatole France nas brigas de secção livre. Porém é a ultima das ultimas quando se affirma na leitura do verdadeiramente bom poeta ou na compra do indiscutivelmente optimo romance do momento. O que pode ter varios nomes mais ou menos generosos: ignorancia, preguiça, egoismo, indifferença, atraso. Este ultimo parece o mais certo: immenso atraso intellectual.

A *REVISTA NOVA* portanto se destina a uma minoria. Fazendo tudo quanto lhe fôr possivel para engrossal-a. Nos dois sentidos.

Com tal intuito não se cingirá á pura literatura de ficção. Nem mesmo lhe reservará a maior parte de espaço. O conto, o romance, a poesia e a critica delles não occuparão uma

linha mais do que de direito lhes compete numa publicação cujo objectivo é ser uma especie de repertorio do Brasil. Assim o interessado encontrará aqui tudo quanto se refere a um conhecimento ainda que summario desta terra, atravez da contribuição inedita de ensaistas, historiadores, folkloristas, technicos, criticos e (está visto) literatos. Numa dosagem imparcial.

Resta esclarecer que sendo da sua terra a *REVISTA NOVA* será tambem do seu tempo. E deste terá sobretudo a feição de polemica que o caracteriza e vem definida por Trotsky no prefacio de sua autobiographia. Quer dizer: combatividade, agitação de ideas, choque de correntes, procura e discussão. Ficando bem entendido entretanto que a revista só fornecerá o espaço para a polemica. Esta correrá livremente por conta e risco dos collaboradores.

P. P.
M. de A.
A. de A. M.

Carta a Eduardo Prado

Em 1887 Ramalho Ortigão esteve na America do Sul, visitando o Brasil, a Argentina e o Uruguay. Em outubro veiu a São Paulo, onde passou alguns dias. E de volta a Lisboa escreveu a Eduardo Prado, dando muito confidencialmente um resumo do livro que pretendia publicar sobre sua viajem. Não realizou entretanto esse projecto, o que augmenta o interesse da carta agora revelada pela primeira vez.

Lisbôa, 14 Desembro.

Meu querido Eduardo Prado.

Recebi o seu amigavel telegramma e esperava o primeiro momento de ordem nos meus livros e nos meus papeis para lhe dirigir uma longa carta. V. hoje obriga-me com uma carta e com o mais interessante presentesinho a não adiar por mais tempo o doce dever de conversar um pouco comsigo. V. comprehende que só n'um volume eu lhe poderia dar a minha opinião geral sobre o Brasil.

Resumindo-me em alguns traços principaes dir-lhe-hei que com a minha visita a importancia que a Colonia portugueza ti-

nha aos meus olhos diminuiu; a da sociedade brasileira augmentou muito.

Entre os meus compatriotas teem vingado e prevalecido influencias funestas. O famoso Conde de S. Salvador de Mattosinhos, que por muito tempo dirigiu e não sei se dirige ainda, o espirito portuguez no Rio, não é mais que um *parvenu* da mais antipathica especie. A excessivamente celebre Beneficencia Portugueza é uma infecta fabrica de commendas e de maus retratos a oleo e uma enfermaria pessima para alguns pobres desvalidos que pagam com os seus gemidos a vaidade dos seus protectores. A porção de rhetorica fedorenta, de reles festivaes, de hymnos patrioticos, de bambolins azues e brancos de que essa instituição tem sido o foco mephitico, é uma coisa enorme, e em nenhuma outra parte do mundo se toleraria. Se em Lisbôa um brasileiro se lembrasse de assumir o papel nacional que por tantos annos tem representado no Brasil o S. Salvador, Lisbôa poria esse parlapatão fóra de portas pelas orelhas ao fim do 1.º semestre de exercicio.

Que especialissima circumstancia local torna o Rio de Janeiro mais apto que qualquer outra cidade do mundo para aturar o barulho que um tão subalterno e tão insignificante personagem se permitte levantar em cada dia em torno de si, da sua nação, do seu rei, da sua rainha, etc?

A circumstancia que assim torna o Rio de Janeiro inaccessivel ás provocações do mais ordinario, do mais implicativo, do mais grosseiro mau gosto é que o Rio de Janeiro pela sua convivencia habitual com o espirito e com o genio de S. M. o Imperador está vaccinado para resistir victoriosamente a tudo quanto offenda a delicadeza esthetica de uma sociedade. A influencia dos prestigios da Côrte sobre a sociedade brasileira durante o reinado do Snr. D. Pedro II é uma coisa verdadeiramente deploravel de que sómente se pode fazer ideia indo ao Brasil olhar de perto para os documentos. Em um paiz de governo parlamentar em que o Chefe de estado não actúa senão muito indirectamente na direcção dos negocios politicos e no exercicio

dos diversos poderes publicos, a influencia de uma monarchia manifesta-se na acção que pelo prestigio da sua categoria social ella exerce na distincção hyerarchica dos talentos e dos caracteres, na organisação dos costumes, no culto da arte, na formação do gosto, na moda, na toilette, nas maneiras, n'esse conjunto de regras, de convenções, de habitos nobres e delicados que escapam pela sua fina natureza á acção propriamente governativa e de cuja conformação resulta para cada sociedade o seu nivel de attracção, de graça, de dignidade, de bem estar — a sua civilisação, emfim, no sentido em que esta palavra se toma entre gente culta e decente.

Ora, n'este ponto de vista, meu caro amigo, a influencia imperial do Senhor D. Pedro, figurou-se-me completamente nulla. A preponderancia social do seu temperamento absolutamente inesthetico, fundamentalmente anti-artistico, rebelde a toda a noção do bom gosto, foi uma calamidade enorme para a civilisação brasileira. Esse principe deixou desemcaminhar e perverter tudo aquillo em que deveria influir, não se ocupou senão d'aquillo em que nunca deveria entrar. A unica obra seria de sua existencia consistiu em fazer de si um sabio, e essa obra falhou-a. A sua corte foi um covil de pedantes e de pés de boi. Nunca deu pelo merito de um unico homem de verdadeiro valôr. E pelo seu exemplo estragou quanto pôde a arte de conversar, a de vestir, a de receber, a de jantar, a de dictar um *menu,* a de conduzir um "cotillon", a de governar um cavallo, a de mobilar um salão, a de edificar a casa, a de escrever o livro. Não o vi no seio da sua paisagem admiravel mas calculo quanto elle a devia prejudicar pelo seu aspecto, e imagino-o entre as lindas arvores de Petropolis, apparecendo entre os seus cortezãos ás 7 horas da manhã de chapeu alto e casaca preta, com o chapeu de sol debaixo do braço e o famoso tozão de oiro de Carlos V pendurado ao peito!

Estou-lhe dizendo a V. coisas que eu ainda não disse a ninguem, nem aos meus mais intimos. São as minhas primeiras impressões, que eu quero ainda contraprovar na leitura de

uma grande massa de documentos que reuni para esse effeito. Por emquanto o imperador faz-me um bem triste effeito. Prefiro-lhe D. João VI.

E' singular como a sociedade brasileira reagiu á acção dissolvente d'este factor culminante. Os primeiros homens brasileiros podem competir com os primeiros de qualquer parte. Os segundos é que estão talvez a uma distancia excessiva dos primeiros; ou para me explicar d'outro modo: não ha *segundos;* aos primeiros seguem-se immediatamente os nonos ou os decimos. A média é fraca. Com as senhoras succede o mesmo. As primeiras são encantadoras. Em duas ou trez encontrei as mulheres mais intelligentes que eu tenho visto. São bellissimas quando lhes dá para isso, e teem uma força de carinho terno á primeira vista superficial, mas no fundo avassalador, terrivelmente dominativo ao que me quiz parecer na distancia a que naturalmente me collocava o sal e pimenta dos meus 50 janeiros.

Abaixo d'esta primeira fina creme vem logo a massa vulgar, que me fez o effeito de não prestar para grande cousa. Ha falta de pedagogia. Come-se geralmente de uma maneira bestial. O instinto que eleva os povos a procurarem a alimentação que mais convem ao seu temperamento e ao seu clima atraiçoou a raça branca no Brasil. Ha creaturas completamente embrutecidas pelas feculas, pelas gorduras e pelo alcool. A escravatura produziu grandes males no regimen do trabalho, na organisação economica do paiz, no equilibrio social, mas em nenhum outro campo ella foi tão funesta como na constituição da familia, na dignidade do lar, na educação domestica da infancia. Ha muita falta de pedagogia. Ha immenso que ensinar. Não ha quem ensine a não ser alguma vez o medico, mas as mães não acreditam na importancia dos conselhos dos medicos na educação dos meninos senão quando os meninos teem dôres de barriga.

S. Paulo, que se libertou muito antes do Rio de Janeiro da cooperação do escravo, está a todos os pontos de vista em

muito maior progresso. Accresce ainda que não tem a Côrte a derrancar a cidade. A differença de nivel sente-se particularmente no aspecto das creanças, e é immensa. A casa da sua mãe é uma joia e sem ir mais longe ahi tem V. um bem singular typo de mulher esperta. Que fina habilidade na arte de ser amavel! Que natural perspicacia na observação dos homens e das coisas! que quantidade de ideias precisas e justas deixadas cahir ao accaso na conversação mais simples e mais sem ceremonia! que subtil discernimento de certas nuances e emfim que perfeito bom gosto na escolha dos moveis e na escolha das palavras! Almocei com ella e devo-lhe além d'esse almoço *accompli,* do presente de um livro e de um estofo de S. Paulo muito curioso, uma linda carta tocantemente maternal. Com seu pae jantei no Rio em casa de seu irmão na linda rua de Paysandú. Achei-o muito mais moço do que em Lisbôa. A viagem no *Portugal* não lhe tinha parecido boa, porque o mar estivera manso de mais e todos os passageiros sem eleição vinham em cambulhada comer á mesa. Isto melindrava a sua susceptibilidade de viajante que não enjôa nunca. Profundamente sympathicas no mais dôce typo brasileiro a sua irmã e Madame Antonio Prado. Não vi as mulheres dos outros dois.

Não cheguei a fallar com Ferreira Vianna. (1) Procurei-o duas ou tres vezes sem nunca o encontrar. Um filho d'elle, Arthur Ferreira Vianna, appareceu-me a bordo á ida para lá embarcando na Bahia. Disse-me que escolhera essa viagem para ir commigo e que me trazia uma caixa de charutos que um amigo com quem jantara n'esse dia o incumbira de me offerecer. Não me disse quem era o amigo nem me deu a caixa. Apenas depois de cada jantar me offerecia um charuto — *dos taes,* accrescentava elle. Se a palavra *cacete* não existisse já no vocabulario brasileiro seria preciso invental-a para este joven sabio. *Cacete* e dos temerosos, — curto, grôsso, com ferrão e de móca. De momento a momento vinha

---

(1) Conselheiro Antonio Ferreira Vianna.

a mim e convidava-me a expôr-lhe succintamente as minhas ideias sobre religião, sobre politica ou sobre arte. Tinha tambem um livro no qual desejava que eu espargisse alguns pensamentos mais escolhidos. Creio que era uma edição de Milton com folhas brancas intercaladas no texto para receberem tudo o que se pudesse expremer do meu cerebro. Vieram-me desejos de o assassinar, e se a viagem dura mais tempo eu teria com certeza expurgado o Brasil de semelhante malfeitor. Confesso-lhe que a iniquidade, a premeditação e a protervia d'este bandido contribuiram um pouco para esfriar a curiosidade que qualquer pessoa da sua familia até então me tivesse podido inspirar. O pae Ferreira Vianna, de quem segui mais ou menos as palavras emquanto estive no Rio, tem indubitavelmente muito espirito, mas falta-lhe uma certa doze de sinceridade e de bonhomia sem a qual as intelligencias mais largamente cultivadas teem para mim não sei quê de hostil e de repelente.

Um bem fino e sympathico espirito é o senador Octaviano. (2) O barão de Cotegipe é um parlamentar habilissimo, espirituoso e maligno, no genero de Rodrigo da Fonseca, e ao qual não temos ninguem comparavel nos partidos conservadores portuguezes. Belisario (3) não só é mais intelligente do que a sua mulher — o que já constitue excepção no Brasil — mas é em absoluto intelligente, dotado de uma consideravel força de applicação e de raciocinio. Affonsinho Celso (4) é experto como um alho, e se não fizer grande coisa de per si ha de pelo menos dar bastante que fazer aos outros quando se lhe metter isso na cabeça que elle tem rija e saudavel.

Ha notaveis escriptores. Aloizio de Azevedo tem grandes falhas mas possue estofo para grande romancista. Machado de Assis é de primeira força. Alguns dos seus contos são originalissimos, de uma rara perfeição de forma e encantadores de invenção.

---

(2) Francisco Octaviano de Almeida Rosa.
(3) Conselheiro Francisco Belisario Soares de Souza.
(4) Conde de Affonso Celso.

Estive na Republica Argentina e no Estado Oriental. Não sei se V. conhece estes paizes. A Republica Argentina é admiravel de riqueza e de progresso. A nova cidade La Plata é uma maravilha. Buenos Aires faz tanta differença do Rio, nos seus aspectos exteriores, como Pariz faz differença de Lisbôa. No fundo, porém, o Brasil, com muito menos progresso, tem mais consistencia social. E' uma raça em atraso, mas é uma raça; é um povo mal dirigido mas é um povo. Os estados do Rio da Prata são apenas prosperas, bellas e ricas colonias. A Republica Argentina é uma casa d'hospedes. O Brasil é uma casa de familia. Uma coisa todavia me parece que faltou na constituição perfeita da nacionalidade brasileira: foi uma mais desenvolvida phase guerreira. As coisas teem o valor dos sacrificios que custam e a liberdade custou pouco aos brasileiros. Na face de um povo fica bem uma cicatriz de combate como fica bem ao general Mitre o vestigio da bala que recebeu na testa. Ao brasileiro convinha-me parece, ter endurecido um pouco mais na guerra, ou corrigir o defeito dessa lacuna com um artificio de educação que o familiarisasse um pouco mais com o perigo. Não ha um unico argentino mediocremente educado que não saiba manejar uma espada e sofrear um cavallo. A mocidade do Rio de Janeiro está muito pobre de musculos. A Rua do Ouvidor só de per si não basta para formar um gentleman.

O meu amigo Bezzi (5), antigo official da cavallaria na Italia visitando uma vez a coudelaria de seu irmão em S. Paulo disse ao seu sobrinho, o qual até ahi não montava senão um cavallo escolhido para seu uso, que não era cavalleiro todo aquelle que não montasse ao accaso qualquer cavallo que lhe apparecesse, e que a obrigação do referido seu sobrinho era montar a um por um todos os cavallos que estavam na cavallariça e no campo. Elle não esperou que lh'o dissessem segunda vez e no dia seguinte quando veio almoçar tinha cahido

---

(5) **Architecto Thomaz Bezzi, autor da planta do monumento do Ypiranga, hoje museu Paulista.**

de cavallo abaixo 7 vezes. Ora a maior parte dos frequentadores das pastellarias do Castellões e do Paschoal teem-me o ar de não ter cahido nunca — o que acho pouco. E' indispensavel que a aprendizagem de um officio, a gymnastica e o exercicio militar sejam obrigatorios em todos os lyceus e em todas as escolas superiores. A instrucção publica, principalmente a Instrucção Primaria, especialmente a instrucção das raparigas, precisa de uma reforma profunda.

A exhibição quotidiana das senhoras na rua do Ouvidor e o compte rendu que dão os jornaes das toilettes com que ellas ahi apparecem são phenomenos bem lastimaveis. Era preciso que a Capital do Brasil tivesse um ponto de reunião de carroagens e mais bailes na Corte ou fora da Corte onde as senhoras levassem as toilettes que vão mostrar nos *bondes* e na rua do Ouvidor. Faltam duas ou tres senhoras de prestigio dominante que encaminhassem o movimento elegante. Uma das minhas amigas explicou-me que modernamente só duas senhoras no Rio tinham tido auctoridade para desempenhar esse papel: uma tinha morrido, e era a Viscondessa de S. Clemente; a outra tinha emigrado para a Europa, e era Madame Diogo Velho.

Não lhe fallo da politica, não lhe fallo do abolicionismo, não lhe fallo do triste estado em que se acha o importante serviço de immigração, porque tudo isto V. conhece tão bem ou melhor do que eu.

Algumas coisas me fizeram optima impressão: a Escola de Medicina, a Polyclinica do Dr. Moncorvo, a imprensa nacional, a bibliotheca publica, a estrada de ferro D. Pedro II. A Academia das Bellas Artes não presta. Tambem não presta o Conservatorio. E todavia ha artistas de grande merito. O esculptor Bernardelli, por exemplo. Faz-se musica perfeita, a princeza tem vulgarisado muito o gosto da musica classica e em parte alguma se ouve tocar piano com mais talento e com mais maestria.

A architectura é lastimosa. Não ha seguramente em toda a cidade mais de 12 casas correctas. Alguns dos edificios publicos como por exemplo o da Typographia Nacional e o de uma escola no largo da Mãe do Bispo (6), são absolutamente irrisorios. Na fachada da escola a que me refiro ha uma inscripção estupenda. Diz assim: *Ao povo o governo*. Não se faz ideia nenhuma da comprehensão que tem do que é o *povo* e do que é *governo* o governo que assim julga fazer elle presente de uma escola ao povo. Quando V. tiver uma parcella de auctoridade na sua terra peço-lhe encarecidamente que mande deitar abaixo desde a cimalha até os alicerces esse edificio e esse letreiro. A casa é do pseudo-gottico mais estupidamente aleijado, mais pervertido, mais asno, que a imaginação possa conceber. Accumulada com o letreiro dá o conjunto mais bêsta que o sol cobre (7).

Leia como puder estas linhas feitas a trôxe-môxe, e, não as mostre a ninguem, porque dentro d'ellas, competentemente cheios todos os espaços, está tambem todo o meu livro cuja primeira impressão me não convem desflorar. Diga V. em que lhe parece que eu vi mal.

---

(6) **Equivoco de Ramalho. Quiz elle se referir ao largo do Machado, onde existe a actual Escola José de Alencar. O largo da Mãe do Bispo é hoje praça Marechal Floriano.**

(7) No recente livro de Afranio Peixoto "Marta e Maria", está explicada a razão do distico (p. 62-63): "D. Pedro II, que se não cansava nem nas "Falas do Trono", reclamando o cuidado da instrucção publica, nem, com o exemplo, se desvelando por ela, escrevia a 4 de Abril (de 1870) ao Conselheiro Paulino de Sousa, Ministro do Imperio: "O senhor e seus predecessores sabem como sempre tenho falado no sentido de cuidarmos seriamente da educação pública, e nada me agradaria tanto como ver a nova era de paz, firmada sôbre o conceito da dignidade dos Brasileiros, começar por uma grande iniciativa dêles em bem da Educação Pública. Leio no "Diário" que se pretende fazer uma subscrição, para elevar-me uma estátua. O Sr. conhece os meus sentimento, e desejo que declare, quanto antes, á Commissão de que fala o mesmo "Diário", que, se querem perpetuar a lembrança do quanto confiei no patriotismo dos Brasileiros, **(alude á Guerra contra o Paraguai)** para o desagravo completo da honra nacional e prestigio do nome brasileiro, por modo que não me contrarie na minha satisfação de servir minha Pátria unicamente pelo cumprimento de um dever de coração, muito estimaria que só empregassem os seus esforços na aquisição do dinheiro preciso para a construcção de edi-

O casamento da minha filha, que deve realisar-se em Lisbôa no proximo mez de março, lança na minha vida uma bem grande perturbação. A falta d'esta minha joven amiga despovôa a minha casa e converte-n'a n'um bem escuro e bem silencioso buraco. Nem mesmo calculo o que virá a ser a minha vida quando não vir mais o seu cavallete defronte da janella e não ouvir mais a sua voz em cada manhã anunciar o meu dia repicando uma escala! O seu noivo é um homem bem educado, moço, bem parecido, bom e rico. Tem bons sentimentos e bonitos cavallos, falla as lingoas do mundo civilisado, veste-se bem, está bem á mesa. Não tenho direito de exigir mais nada e acho que ella faz bem casando-se. Se eu porém soubesse que isto me havia de succeder teria de preferencia viajado só. Em abril irão para Pariz e passarão provavelmente em França, em Inglaterra e na Italia o anno de noivos. Por fim creio que se fixarão em Lisbôa.

Eu logo que conclua a minha reedição das *Farpas* e dois novos livros que vou escrever, retomarei o meu bordão, mas ainda não sei bem para onde me levarão as pernas. Em todo o caso em 89, se eu lá chegar, irei passar alguns mezes em Paris.

Dedicado amigo

RAMALHO ORTIGÃO

---

fícios apropriados ao ensino das escolas primárias, e o melhoramento do material de outros estabelecimentos de instrucção pública. Agradecendo a idea, que tiveram de estátua, estou certo de que não serei forçado a recusa-la". Diante dêste tom peremptório, a subscrição feita, foi convertida a estátua em dois edifícios escolares, os mais belos que possui ainda hoje a Capital do País, as actuais escolas "José Bonifacio", á rua da Harmonia, no bairro popular da Saúde, e "José de Alencar", no largo do Machado, no bairro burguês de Botafogo, assim explicando aquele enigmático distico da frontaria": "O Govêrno ao Povo": antes, ao Povo, a modéstia, a dignidade, a magnanimidade de D. Pedro II".

Retrato de Graça Aranha

A exemplo dos primeiros mestres da sua formação, — Rousseau e Chateaubriand, — era Graça Aranha um genio inquieto. Desde menino, quando lia, no solar paterno, da tranquilla provincia de São Luis do Maranhão, as invenções de Le Sage, seu espirito acustumou-se a reduzir a realidade a puros schemas cerebraes. Rodeado de doutores, que falavam gravemente, no estilo de João Francisco Lisbôa, comprimido num circulo aristocratico de barões juristas e gentishomens catholicos, seus sonhos infantis se povoaram dos anjos luminosos da Theologia e das imagens classicas do mundo mediterraneo.

Cedo, entretanto, o agil demonio côxo do seu autor predilecto começou a quebrar o rythmo igual e melancolico daquellas planuras que lhe fatigavam os olhos avidos e insomnes. Sua curiosidade venceu os limites da razão e transbordou na duvida, ante o problema do increado. Cartesiano, sem o saber, aos dez annos o descendente de senhores beatos espantou os sacerdotes que o instruiam, affirmando-lhes ser Deus uma idéa innata.

Sua primeira batalha travou-a, assim, com a tradição.

A logica impressionante desse determinismo explica-se facilmente. Um complexo de preconceitos remotos condensara-se na atmosphera que elle respirava. Procediam de varios quadrantes esses influxos subtis. Do sangue celtibero, exaltador do mysticismo dos seus antepassados. Do tragico romance naval vivido pelos portuguezes do seculo XVI, entre cujos

capitães se encontravam gentes da sua linhagem. Do drama terrivel da conquista americana, onde Aranhas e Carneiros Monteiros se distinguiram como bandeirantes nas entradas pelos sertões de Pernambuco, do Ceará e do Maranhão. Taes factores contribuiram para compôr a physionomia dessas familias nortistas, esplendidos typos de clans conservadores, impregnados do prejuizo da lei, do respeito á autoridade, das praticas religiosas, e onde o artificio politico do Imperio foi buscar a sua melhor e mais honrada clientela.

A inquietação de Graça Aranha vinha do seu passado longinquo, das raizes celtiberas que o impelliram. Na especie já aquietada pela fortuna, adormecida na posse de heranças conquistadas através de lutas immensas, brotou, de subito, o aventureiro, o revolucionario insatisfeito, *le cadet gascon*. O tataraneto de capitães épicos surgiu, de improviso, no filho do magistrado sereno, do humanista ciceroniano e thomista.

Graça Aranha não se contentou, pois, com a tradição. Preferiu a experiencia, para conceber o universo. Preferiu a Republica, para comprehender o Brasil. Discipulo de Tobias Barreto, sua adolescencia extasiou-se ante o monismo de Haeckel. A formula germanica, entretanto, parecer-lhe-ia, em breve, estreita. Seu espirito latino exigia uma base social, em que a especulação metaphysica se transformasse numa regra para attingir a felicidade humana.

Reduzir a sciencia a uma disciplina de acção, a um instrumento para dominar a realidade, foi a sua primeira experiencia pessoal. Dessas cogitações nasceu o *Chanaan*. Sempre movido pelo interesse sociologico, latente na sua obra, Graça Aranha procurou coordenar os elementos que se amalgamariam para produzir um Brasil maior. Sem aceitar o exaggero do aryanismo de Gobineau ou de Chamberlain, sem admittir o racionalismo de Renan, então em voga na America e na Europa, elle propoz, no *Chanaan*, uma solução lucida para o problema brasileiro: vencer a mestiçagem, pelo caldeamento das correntes migratorias latinas e germanicas, e o empirismo improvisador, pela cultura scientifica e pela educação da vontade.

A' medida que escrevia o *Chanaan,* seu instincto de rebeldia agitava-o novamente. O contacto que, nesse momento, mantinha com os velhos institutos politicos da Europa, nutria-lhe o espirito de alimentos estranhos. As reivindicações das classes proletarias chocavam-se com a armadura feudal e burgueza dos governos nascidos da Igreja, da Reforma e da Revolução. Na Inglaterra, onde elle trabalhava com Joaquim Nabuco, a majestade da éra victoriana dissolvia-se nos clamores das classes opprimidas pelo capitalismo que, pela mão dos grandes chefes liberaes e conservadores, dilatara, nas guerras da Criméa, da India e do Transvaal, o poderio da corôa.

O imperialismo de Gladstone, de Disraeli e de Chamberlain principava a defrontar-se com as forças tenazes da "Tory Democracy", emergentes das profundezas proletarias. As revelações do censo, de Charles Booth, accusando, na capital do Imperio, a existencia de 32 por cento de miseraveis, espantaram a opinião das elites. Desenhava-se, atemorizadora, nos circulos de St. James e nos clubes politicos, a ameaça de um Partido Trabalhista coheso, energico e seguro do seu prestigio na Camara dos Communs. Na estructura dos partidos tradicionaes abria-se de repente, uma fresta perigosa, por onde se encadeariam os vendavaes que, desde 1848, as idéas marxistas desprégaram sobre a Eurpoa. A febre do continente contaminava o *esplendido isolamento* das Ilhas de Salisbury.

A influencia do romance russo, por outro lado, imprimia á literatura de ficção um accentuado caracter politico. Turgueneff, Tolstoi, Dostoiewski invadiam, com os seus personagens sombrios, gerados no terror, a imaginação occidental. Esse espectaculo impressionou a sensibilidade de Graça Aranha. A violencia do seu temperamento extremado levou-o quasi ao anarchismo. Parecia-lhe, então, que a piedade humana seria o movel da arte.

Sua maravilhosa intuição do universo salvou-o, porém, desse estreito apriorismo. Elle sentiu, afinal, que a felicidade não estava na acção, nas formulas da experiencia social, na-

quella "conquista do pão", de Kropotkine, ou nas ingenuas taboas de valores do super-homem, de Nietzsche, mas na vontade de ser livre. Os fundamentos da sua philosophia de individualismo desesperado começaram a delinear-se no problema da liberdade. Dominar a realidade contingente, ser um com o universo, vencer o melancolico dualismo, que separa o homem do "todo absoluto", eis a preoccupação que o assaltou.

Malazarte é o symbolo dessa crise. Apesar de tantas vezes repisado, o exemplo de Ibsen não serve para explicar a estranha figura do mestre brasileiro. *Malazarte* não é um *caracter,* como o *Brand* ou *Hedda Gabler.* Não se rege por theoremas nem abstracções caprichosas. O plano social não o limita. Elle não quer impor nem uma regra de conducta, nem lhe importa servir de modelo a uma comparsaria de doutores requintados. *Malazarte* é a imaginação deformadora do real. Na sua mão, o mundo se fragmenta num enorme jogo de probabilidades. Sem acreditar na verdade nem no erro, elle não se fatiga, em sua perpetua relatividade. *Malazarte* inventa o mundo, a cada passo. Desagrega-o, desarticula-o, sem penetrar na sua substancia. E' a luz, que engendra a forma e a supprime, no subito mysterio do seu fluido.

No dynamismo de *Malazarte* repontam as raizes da *Esthetica da Vida.* Aqui se define a inquietação angustiosa que abrazou toda a juventude de Graça Aranha. E' uma obra de altitude, onde se evaporam os relevos das encostas ásperas, galgadas soffregamente. Fundindo-se com o universo, pelos sentimentos da arte, da religião e do amor, o homem chega á *perpetua alegria,* áquella beatitude suprema do sêr que se integra no todo infinito. A *Esthetica da Vida* é, assim, uma philosophia da liberdade absoluta.

O Philippe, da *Viagem Maravilhosa,* é essa "esthetica da vida" em acção. Seu espirito e sua carne mergulham raizes profundas na tragedia brasileira, que elle analysa e penetra intimamente. Philippe é a intelligencia pura, que se desequilibra em sentimento divinatorio. Sua razão pára deante do

instincto subtil. Ao contrario de *Werther* e *Adolpho* sua vontade de ser livra-o do terror romantico. Pelo amor, Philippe sorri das contingencias e percebe a *unidade infinita do universo,* fundindo-se na plenitude da alegria.

Philippe é o melhor retrato de Graça Aranha, porque transcende os relevos da imagem physica e o representa na propria essencia do seu espirito, no proprio drama da sua vida, que foi uma ardente paixão de liberdade.

RONALD DE CARVALHO

Ensaio sobre o Progresso

O problema do progresso é desses que se encontram no fundo de todos os movimentos, de todas as concepções, de todas as tendencias sociaes do mundo moderno. Isto não quer dizer que haja conformidade nas soluções que lhe dão. Muito pelo contrario. O problema se tem tornado tão complexo, que por saturação já readquire, por vezes, novos aspectos de simplicidade, para recomeçar novamente a complicar-se com a grande experiencia da realidade a que vem sendo submettido, desde que passou da cabeça dos utopistas para o arsenal dos logares communs da demagogia parlamentar ou jornalistica.

Vamos tentar analysá-lo rapidamente, não na illusão de impormos qualquer uniformidade de opinião, mas para ao menos mostrar as razões da diversidade de concepções, que em torno delle enxamêam.

NATUREZA DO PROGRESSO

Consideremos o termo nas duas accepções geraes que póde assumir, como progresso *individual* e como progresso *social*.

Progredir é tender á perfeição. Todos os seres vivos progridem, portanto, pois todos elles tendem a realizar a sua propria perfeição. Podemos falar de um progresso das plantas, portanto, como podemos dizer que um animal progride na medida em que se approxima do typo ideal de sua especie.

No homem, entretanto, é que a noção de progresso alcança a sua verdadeira significação. Pois o homem é o ser essencialmente insatisfeito e cuja natureza não se explica apenas pelos elementos naturaes que a compõem.

O homem tende á perfeição, como todos os demais seres creados, mas tende *livremente* a essa perfeição, quando os demais tendem necessariamente. Dadas as condições normaes para o desenvolvimento de uma planta, ella chegará fatalmente á perfeição do seu typo. Desde que nada tolha a evolução natural de um mamifero, elle virá a realizar a finalidade contida no seu germen. São seres que progridem *necessariamente,* pelo simples jogo dos factores naturaes que os determinam.

O homem não. O homem é o ser que póde *não* progredir, apezar de realizadas todas as condições naturaes para o seu progresso. Como póde progredir, a despeito de todos os empecilhos naturaes que lhe forem oppostos. A historia dos homens é uma illustração viva dessas observações. Não ha, portanto, no homem o progresso necessario. Factores imprevistos concorrem com os factores naturaes para que a sua evolução não possa ser predeterminada. E o seu progresso é sempre cortado de surprezas.

O segundo factor que distingue o progresso individual humano, daquelle que os demais seres vivos realizam — é a sua *espiritualidade.*

A planta tende á perfeição da vida vegetativa e o seu progresso se caracterisa pela perfeição das fórmas exteriores.

O animal tende á perfeição da vida instinctiva e o seu progresso se realiza na medida em que desenvolve esses instinctos, rudimento de toda vida interior.

No homem, o progresso é a perfeição dessa vida interior, pelo desenvolvimento de sua racionalidade e pela ecclosão de uma vida superior.

Ao longo, portanto, das tres grandes ordens de seres vivos, acompanhamos a realização de um movimento de progres-

so, que vai da *vida exterior* nas plantas aos rudimentos de *vida interior* nos animaes, e da plenitude dessa vida interior nos homens aos rudimentos de uma *vida superior,* que é a verdadeira finalidade do ser humano que por natureza excede á propria natureza: a vida sobrenatural.

Vida exterior, vida interior, vida superior — eis o itinerario do progresso individual nos seres vivos.

Liberdade e espiritualidade, são portanto os dois elementos que caracterisam o progresso individual humano. E desde já podemos fazer uma distincção primordial, cujo desconhecimento tem levado a grandes confusões em torno do problema. Quero referir-me á distincção entre *progresso* e *evolução*. (1)

Progresso é o movimento de ascenção dos seres vivos.

Evolução é o movimento de transformação dos seres animados ou inanimados.

Como se vê pelas definições, se todo progresso significa evolução, nem toda evolução implica progresso. Modernamente os dois termos têm sido confundidos, de modo que ao progresso humano se dá commumente um sentido chronologico, em prejuizo do seu verdadeiro sentido ethico.

Para comprehendermos a verdadeira natureza do progresso, não é á idéa de *successão* que devemos recorrer e sim á idéa de *finalidade*. E isso no homem adquire toda a sua importancia, pois toda a nossa concepção do progresso individual depende da concepção que tivermos da finalidade individual.

Esse é o ponto capital a determinar. Delle depende tudo mais.

Que é o homem? Qual a sua natureza? Qual a sua finalidade?

Em torno á solução que dermos a essas interrogações é que vai girar a nossa concepção do progresso, como em geral tudo o que se refere á vida individual e social. O fim é que especifica os meios, em toda a ordem das sciencias e das actividades praticas.

Vimos, pela observação da natureza e dos seres vivos como uma concepção integral (e não parcial, como as concepções que reduzem o ser humano á categoria e á finalidade de simples ser animal), como uma concepção verdadeiramente *integral* do universo nos leva naturalmente a ver no homem uma finalidade superior que transcende á ordem natural.

E nesse movimento de ascenção livre a essa ordem de espiritualidade é que está realmente a verdadeira natureza do progresso individual. (2)

Progredir é subir. E subir é passar da ordem material á ordem intellectual, e da ordem intellectual á ordem moral. A ascenção á vida sobrenatural não é essa passagem brusca que a morte provoca, de uma a outra vida, segundo a concepção vulgar dos que acceitam a alma e a immortalidade. A vida sobrenatural está contida na propria vida natural e começa a realizar-se desde o inicio desta. E' apenas um desdobramento della, não é uma innovação. De modo que a finalidade sobrenatural do homem, que explica a sua verdadeira natureza, governa toda a sua vida natural e explica o sentido do seu progresso individual. Sobrenatural não significa apenas o que está *acima* da natureza e sim tudo o que *dentro* da natureza prepara essa tendencia á perfeição que trancende a natureza.

O progresso individual de cada homem, portanto, é o verdadeiro sentido da sua vida.

Hoje em dia, nesta era de scisão entre a ordem natural e a ordem sobrenatural em que vivemos, — perderam os homens *essa* noção de progresso e por isso mesmo perderam o *sentido* da vida.

Tende cada vez mais a prevalecer uma concepção geral da vida que se limita ao *immediatismo,* aos fins proximos e especialisados. E essa absorpção da vida pelos sentidos é propriamente a negação do verdadeiro sentido da vida. Mesmo naquelles que reagem contra essa sensualisação, aliás perfeitamente explicavel e mesmo logica, da vida moderna, — não chegamos a encontrar o esforço de restaurar o sentido *total* da vida.

Esse sentido total da vida só póde ser a reintegração da ordem sobrenatural na ordem natural, a intima união entre ambas, sem essa *successão* brusca, que uma concepção insufficiente da immortalidade suppõe; sem essa scisão entre as duas, que é a triste herança do cartesianismo; e muito menos sem a *suppressão* do sobrenatural que desequilibra todo o sentido do progresso individual e humano.

Determinado assim o sentido do *progresso individual,* procuremos qual seja o do *progresso* social, que é o outro aspecto geral por que podemos encarar a tendencia do genero humano á perfeição.

A vida social não se confunde com a vida individual. A sociologia não se reduz a uma inter-psychologia. De modo que o progresso social não se reduz apenas á somma dos progressos individuaes. Ha um progresso social por si. E a esse é que chamamos commumente — *civilisação.*

Entre os modernos sociologos ha a tendencia a distinguir nitidamente cultura e civilisação. O ultimo e magistral capitulo da philosophia da historia de Berdiaeff é dedicado á analyse dessa opposição, pois elle vê na *civilisação* a negação e a morte da *cultura.* (3)

Spengler chega tambem á conclusão de que as civilisações são apenas degradações de culturas. (4)

Outros autores, ao contrario, subordinam a cultura á civilisação, vendo naquella os elementos de passividade e nesta os de actividade social. (5)

Por ahi se vê quanto são delicados esses dominios dos estudos sociaes, em que ainda não encontramos nem mesmo uma uniformidade terminologica. O que succede, hoje em dia, em gráo ainda mais accentuado com todas as sciencias do espirito, entregues cada vez mais ao arbitrio subjectivista.

Conservemos aqui, ao termo civilisação, o seu sentido classico, aquelle mesmo em que o empregou Toniolo quando definiu a sociologia como sendo a sciencia da civilisação. (6)

O que expressamente caracterisa essa concepção é o seu sentido absoluto e não relativo. Do mesmo modo que ha um progresso individual absoluto, que não se confunde com a relatividade de cada esforço individual nesse sentido, — ha tambem um progresso social absoluto, cujo modo de ser domina todas as modalidades de civilisações particulares.

E o sentido desse progresso collectivo não differe do sentido do progresso individual: ambos significam uma *ascenção* no sentido da *racionalidade*. O progresso social, como o individual, é uma marcha á perfeição, á integração dos bens em seu Principio. E o principio de espiritualisação é que depura e eleva, tanto o ser humano individual como o ser social. "Civiliser c'est spiritualiser", escreve Maritain. (7)

E' preciso ficar bem nitida essa idéa da hierarchia ascensional do progresso humano, tanto em sua modalidade individual como social. Ella visa nitidamente corrigir um dos graves erros que, nesse sentido, a desintegralisação do pensamento moderno tem commettido. O progresso tem sido frequentemente confundido com *hypertrophia*. Quando é indispensavel que lhe conservemos, escrupulosamente, o seu sentido nitidamente hierarchico e *qualitativo*.

Progredir é tender ao espirito. E isso tanto na ordem individual como na ordem collectiva.

Fixados assim os traços communs ás duas fórmas de progresso, vejamos em que se distinguem.

Creio que a distincção principal está em que o homem é um *fim* e a sociedade um *meio*. O progresso, para o homem individual, é portanto uma finalidade em si. Ao passo que o progresso social visa apenas uma finalidade *ad alterum*. A sociedade progride para crear aos homens as condições indispensaveis ao seu progresso individual. Nenhum progresso social, portanto, se póde buscar, com qualquer sacrificio de um progresso individual. Ao passo que o progresso de um ser humano não póde ser tolhido em nada pelas necessidades do progresso collectivo.

Nesse sentido é que Charles Journet escreveu, com toda a razão, que — "O individuo se subordina á sociedade e a sociedade á pessoa". O progresso social é um fim subordinado ao progresso individual. O homem é a medida da sociedade e não a sociedade do homem.

Isso não implica de modo algum qualquer affirmação de individualismo, que é a propria negação do progresso, no sentido em que o vimos expondo, essencialmente harmonioso e limitado por sua natureza e complexidade. O homem, para realizar o seu progresso individual, precisa necessariamente dos varios *grupos* em que desenvolve a sua actividade: a familia, a classe, o syndicato, a nação, o Estado, a Igreja, etc. Não o póde fazer em opposição ou repulsa a esses grupos naturaes, que permittem a expansão plena de sua natureza de ser social. O erro do individualismo é *não* levar em conta essas modalidades de agrupamento, que são a propria condição da existencia normal do homem. O erro do grupalismo exaggerado é *só* levar em conta essa necessidade de socialisação, de modo a subordinar a finalidade individual á collectiva.

Temos, portanto, no progresso individual uma finalidade em si.

E no progresso social uma finalidade para outrem.

Essa é a distincção principal que os separa. A outra é que o progresso individual tem uma finalidade *transcendental* e o progresso social, ou civilisação, uma finalidade *temporal*.

Não ha, portanto, *uma* civilisação universal, como fazia crer o evolucionismo naturalista, que via no progresso social uma lenta ecclosão da materia á intelligencia, da barbaria á civilisação, da guerra á paz, da animalidade á humanidade, segundo um monolinearismo predeterminado pelo schema a *priori* em que Spencer procurou synthetisar todos os conhecimentos humanos.

Ha tantas civilisações — (ou o que Delós chama — *culturas*) quantas forem as modalidades dos factores secundarios e primarios que as affectem. O tempo, o meio physico, a

raça, a economia, a technica, o estagio de cultura intellectual, as fórmas religiosas, tudo são factores differenciadores das civilisações.

O progresso social absoluto é apenas a *finalidade,* attingida ou não, da sociedade em seus diversos grupos; o progresso social relativo é o gráo *real* de ascenção alcançada por uma determinada civilisação. As civilisações (ou *culturas* no sentido de Delós) se succedem, de caracter e evolução differente, progredindo e regredindo, dentro de uma finalidade temporal e ephemera. Ellas devem visar a creação de um ambiente cada vez mais favoravel á plena expansão da personalidade humana. E serão tanto mais perfeitas quanto mais se approximarem desse seu objectivo.

Tres condições primordiaes são necessarias para o desenvolvimento desse progresso social: a *cooperação,* a *ordem,* e a *continuidade.*

A primeira, isto é, a cooperação, exige a collaboração de muitos num objectivo commum. A *unidade* é portanto a primeira condição de sociabilidade progressiva.

A segunda exige a coordenação de todos os esforços individuaes em um todo unico ou antes harmoniosamente diversificado.

A *autoridade* é a segunda condição de sociabilidade progressiva.

A terceira exige a permanencia de certos factores e da idealidade commum atravez de um tempo sufficiente á fusão de todos esses elementos. A *vitalidade* é a terceira condição de sociabilidade progressiva.

Pela *unidade,* o progresso social desenvolve as condições espontaneas de collaboração, que vencem as diversidades excessivas e impedem a acção pathogenica dos factores constantes de dissociação que toda sociedade leva necessariamente comsigo.

Pela *autoridade,* o progresso social crêa a estructura exterior e objectiva necessaria a manter aquella unidade atravez das vicissitudes dos tempos.

Pela *vitalidade,* o progresso social demonstra se uma sociedade possue realmente elementos de permanencia, de renovação e de futuro, que justificam e caracterisam as civilisações ascendentes.

Todo progresso social visa crear essas condições em cada civilisação de modo a tornar a vida em commum cada vez mais fecunda para a vida individual.

Eis, portanto, em traços rapidos, quaes me parecem ser os factores que determinam *a natureza do progresso,* tanto em sua fórma individual, como em sua fórma collectiva.

O progresso individual tende á formação da *personalidade* humana.

O progresso social tende á formação da *civilisação* humana.

CONCEPÇÕES DO PROGRESSO

A idéa de progresso, se bem que possa ser encontrada em todos os tempos, só modernamente é que adquirio uma importancia fundamental na historia.

Foi uma das grandes consequencias do phenomeno que marcou, no mundo occidental, o inicio da idade moderna: a ruptura da unidade medieval.

A Idade Media conheceu perfeitamente a noção de *progresso moral,* de progresso ascendente, como razão de ser e caminho de toda a vida humana. A noção de *progresso social,* porém, que é o aspecto sob o qual se apresenta desde então a idéa de progresso, nasceu com o Renascimento.

Não podemos, portanto, affirmar que a idéa de progresso só então surgiu. Não seria exacto.

O que devemos affirmar é que a idéa de progresso tomou, desde então, um rumo inteiramente diverso.

A concepção classica do progresso era uma concepção *vertical* do progresso. A concepção moderna veio a ser, desde então, uma concepção *horizontal* do progresso.

Essa me parece ser a differenciação nitida que, a esse respeito, notamos entre a concepção tradicional e a concepção que se desenvolveu desde o seculo XVI. Pois desde então podemos seguir a marcha que veio seguindo essa nova concepção do progresso, o *progresso plano,* que succedeu á concepção christã do *progresso no espaço,* se é possivel dizer.

O Renascimento foi essencialmente um redescobrimento da terra e do homem. As grandes restaurações da arte, das letras greco-romanas, as descobertas geographicas, os primeiros albores da sciencia positiva, o inicio da technica moderna, (nitidamente apreciavel em homens como Leonardo da Vinci, por exemplo) — tudo isso foi o signal de uma radical mudança no sentido da civilisação. Ao sentido do céo, como orientação final de todo o movimento historico e social que vinha crescentemente dominando desde o advento do christianismo e já antes elaborado nas grandes metaphysicas gregas e hellenisticas — veio succeder o sentido do mundo, como orientador e interprete de toda a vida individual ou social.

Ora, essa mudança de orientação vinha affectar fundamentalmente a concepção do progresso, isto é, no sentido da perfeição. A uma elevação constante do homem *a Deus,* num universo realizado em todas suas partes essenciaes, veio substituir-se uma elevação crescente do homem *sobre a natureza,* num universo que se ia *realizando* gradativamente.

A idéa do progresso no seculo XVIII marcou vivamente essa nova orientação sobre a concepção do progresso ainda de certo modo dominante no seculo XVII. Basta comparar as duas concepções de progresso historico que tiveram como interpretes o genio fundamentalmente christão de Bossuet e a figura essencialmente anti-christã de Turgot. O "Discurso sobre a historia universal" de Bossuet é de 1681; o discurso de Turgot na Sorbonne, no qual elle deu o primeiro esboço de sua theoria do progresso, é de 1750.

Nesses 70 annos se processou uma evolução profunda na sociedade. Bossuet fôra a grande voz da concepção tradicional

do progresso, que o seculo XVII ainda acceitava. Elle mostrara os grandes imperios se succedendo sob a acção invisivel da Providencia, por uma fórma que nem sempre correspondia á verdadeira concepção christã do progresso, pois o apresentava em fórmas excessivamente subordinadas ao fim a que se destinava a sua obra: a educação politica do Delphim de França. Era entretanto uma concepção monolinear do progresso, em que a religião desempenhava o papel de força dynamica da historia. E por isso mesmo se cercava esta de mysterio. O providencialismo de Bossuet tem sido uma presa facil demais para os criticos da nossa era anti-providencialista, que nunca o leram. Pois o "Discurso sobre a Historia Universal" é das taes obras que todo mundo critica, mas que ninguem se dá ao trabalho de ler. Mas ha nesse providencialismo de Bossuet um aspecto que a experiencia da historia vai cada vez mais ensinando: o *imprevisto*. "Todos aquelles que governam sentem-se subordinados a uma força maior. Elles fazem mais ou menos do que pensam e os seus conselhos nunca deixaram de ter effeitos imprevistos. Nem são elles senhores das orientações que os seculos passados deram aos acontecimentos, nem podem prever o curso que tomarão no futuro, quanto mais forçá-lo". (8)

Turgot, em 1750, vinha expressamente retomar o problema de Bossuet, que era afinal o do progresso através da evolução historica. E vinha retomá-lo para dar-lhe a nova orientação que o racionalismo do seculo XVIII lançava contra a interpretação christã da historia.

Nos ensaios de Turgot, que iam marcar a concepção do seculo XVIII quanto ao progresso e que Condorcet apenas desenvolveu e systematisou no seu "Tableau historique des progrès de l'esprit humain" em 1794, duas idéas novas se introduziam: a suppressão das causas sobrenaturaes, na evolução do genro humano, e a marcha necessaria a seu aperfeiçoamento continuo. (9)

Foram essas as grandes innovações que o seculo XVIII vinha trazer á idéa de progresso. O sentido da perfeição mu-

dava-se inteiramente. Supprimida a acção sobrenatural, desdenhados os factores religiosos, reduzidas as causas moraes á acção racional e subjectiva dos individuos, — tornava-se o progresso uma simples dominação progressiva da natureza, uma organização crescente da sociedade, um desenvolvimento gradativo do individuo, tudo sob a acção de causas naturaes, em um plano natural, sem nenhuma finalidade transcendental.

Estava mudado o sentido tradicional do progresso e mutilada a harmonia completa do universo. Começava a tyrania da visibilidade. E com ella o predominio crescente dos valores economicos sobre os valores espirituaes. O progresso vinha cada vez mais perder a sua significação qualitativa, para assumir um aspecto quantitativo.

Se em França, era a ideologia do progresso que mudava no seculo XVIII, — na Inglaterra era a propria pratica do progresso que assumia um novo aspecto.

A' revolução social que se processava no Continente, correspondia nas ilhas Britannicas (de onde aliás tinham partido os germens daquella revolução social, com espiritos como Hobbes (1651), Locke (1690) ou Hune (1740) — a Revolução Industrial. A introducção da *machina* ia ser o phenomeno central do mundo moderno. E a concepção de progresso não podia deixar de ser radicalmente influenciada por esse factor essencialmente novo, que vinha revolucionar toda a ordem de valores sociaes. Theoricamente, o progresso já deixara de ser uma ascenção ao mundo dos valores absolutos, para ser uma elevação no proprio mundo dos valores relativos. Praticamente, vinha o progresso significar sobretudo um aperfeiçoamento technico, uma dominação crescente do homem sobre a natureza.

Essa noção relativista e temporal do progresso, que succedeu no seculo XVIII á anterior concepção transcendental, veio encontrar em Condorcet, como dissemos, o seu systematisador e na Revolução Franceza os realizadores do trabalho de destruição que essa idéa causara na estructura social do Antigo Regimen.

O optimismo progressista, contido na concepção de Turgot e desenvolvido por Condorcet, ia encontrar no seculo XIX a sua plena expansão.

Duas correntes principaes iam apoderar-se do novo mytho: a corrente idealista, na Allemanha, com Kant, Fichte, Schelling, e sobretudo Hegel. E a corrente naturalista, que veio a predominar com Aug. Comte, Spencer e Marx.

Ambas representavam o *immanentismo* da nova formula do progresso, contra o *transcendentalismo* da anterior. E ambas partiam do postulado do *progresso necessario*.

O sentido da vida humana, da historia, da civilisação passava a ser essa realização necessaria, ao longo do tempo, de um aperfeiçoamento natural e gradativo da sociedade.

E alguns chegaram mesmo a elaborar a theoria do aperfeiçoamento biologico e mental indefinido da especie humana. Foi mesmo isso uma das increpações de Spencer ao progressismo insufficiente de Comte. Comte acceitava o progresso social como a propria lei do dynamismo historico. Mas recusava-se a ver no ser humano uma capacidade biologica e psychologica indefinida de progredir. (10)

Spencer vinha dar um passo avante na theoria naturalista do progresso, submettendo a propria especie humana á lei de evolução indefinida. O homem era um animal capaz de progredir physiologica e psychologicamente, sem limites, de modo a realizar um dia a propria perfeição na terra. Era a theoria do progressismo absoluto, dentro aliás de todos os dogmas do spencerismo: o evolucionismo, o industrialismo, o individualismo, o liberalismo, o agnosticismo, o naturalismo, etc.

De tudo isso resultava a propria imagem do *optimismo social*, que era a figura typica do sec. XIX.

As outras tres grandes theorias do progresso no seculo XIX — as de Hegel, Comte e Marx, se bem que inteiramente diversas entre si, não deixam tambem de seguir o mesmo rythmo optimista de progresso *natural* e *necessario*, que o seculo XVIII legara ao seculo XIX e que este systematizou nos

grandes systemas philosophicos e procurou realizar nos progressos do liberalismo economico e politico, — no capitalismo e na democracia.

Hegel via a historia como a realização do Espirito atravez de um processo dialectico, a these, a antithese e a synthese, que era a *lei metaphysica dos tres estados* em opposição á *lei positivista dos tres estados* de Comte: o theologico, o metaphysico e o positivo.

Tanto um como outro, porém, representavam um progresso natural e necessario, no ambiente do optimismo e do naturalismo dominantes. O progresso immanente era a propria lei da historia, tanto para Hegel como para Comte, ou para Spencer. As modalidades sob as quaes cada um delles via a realização da lei eram secundarias em face do proprio phenomeno do progresso. O *progresso em si* era a finalidade das civilisações.

Marx apezar de partir de postulados oppostos, de recusar todo dogmatismo philosophico, de construir sobre o puro pragmatismo social, segundo a hypostáse que fez do conceito de *classe*, — chegou no fundo a rezultado identico, vendo no progresso dos methodos de producção o determinismo immanente da elevação da humanidade em bem estar e perfeição. O progresso ainda ahi era a lei de toda a evolução, progresso *natural* e *necessario* tambem, ainda que subordinado a outros rythmos. A' *lei de evolução* adaptativa e interior de Spencer, á *lei de contra-revolução* intellectual e positiva de Comte, á *lei de dominação* crescente e fatal do Estado, de Hegel, — Marx oppunha a *lei da revolução* necessaria pela victoria successiva de uma classe sobre outra: dos nobres sobre o clero, dos burguezes sobre os nobres, dos proletarios sobre os burguezes. O progresso é segundo essa concepção a realização successiva dessas victorias das classes dominadas sobre as classes dominantes. O progresso é a passagem do empirismo economico ao capitalismo e do capitalismo ao communismo. O progresso é uma marcha necessaria e constante ao predominio or-

ganizado do economico, pela suppressão das ideologias desnaturadoras do materialismo social. A' *lei metaphysica dos tres estados* de Hegel: these, antithese, synthese — á lei *positivista dos tres estados* de Comte: theologico, metaphysico e positivo; — Marx oppunha a *lei economica dos tres estados*: feudalismo, burguezia, proletariado.

Em todas essas theorias naturalistas do progresso no seculo XIX nós vamos encontrar o mesmo traço dominante: *optimismo*. O progresso é uma marcha necessaria e natural da humanidade, que passa sempre de um estagio inferior a um estagio superior, á custa de simples adaptações naturaes, como queria Spencer, á custa de uma passagem fatal do theologico ao positivo, como queria Comte, á custa da subordinação do individuo ao Estado, como queria Hegel, á custa de revoluções successivas, como queria Marx, — mas *sempre subindo,* no plano da propria natureza ja se vê.

Esse, creio eu, é o traço dominante da concepção do progresso no seculo XIX.

Pois bem, o seculo XX parece querer mostrar-nos uma concepção diametralmente opposta. A guerra e a revolução foram os dois gritos de alarma que vieram despertar a muitos ingenuos da euphoria periclitante dos vagos spencerismos do seculo passado.

E ao passo que na Russia ou nos Estados Unidos, (antes da ultima crise economica, ao neros) o babittismo triumpha, (11) — nos espiritos mais lucidos ou mais tragicos vemos uma reacção que attinge por vezes o extremo opposto ao optimismo progressista do seculo XIX.

O caso de Spengler é conhecido demais para que seja necessario chamar a attenção para a sua "Decadencia do Occidente". Procuro, em outros autores allemães contemporaneos a expressão de uma idéa de progresso diametralmente opposta á de Spencer ou Hegel, e antes derivada (se lhe quizermos encontrar raizes) da de Tolstoi, Schopenhauer ou Nietzche no seculo XIX. Quero referir-me a esse grupo de Ludwig Klages,

Edgar Dacqué e Theodor Lessing, para apenas mencionar os mais famosos, que inverteram categoricamente o *progressismo* optimista do seculo XX, chegando a um verdadeiro *regressismo* absoluto.

Na impossibilidade de mostrar as concepções de todos elles, limito-me ao nucleo das idéas de Lessing (não confundir com o seu predecessor do mesmo nome, que em 1780, publicava uma "Erziehung des Menschen Geschlechts", que era uma verdadeira precursora do quadro de Condorcet).

O Lessing pessimista de hoje commenta como os grandes *progressistas* dos seculos XVIII e XIX — Vico (1725), Voltaire (1756), Lessing (1780), Hender (1784), Condorcet (1794), Comte (1847), Darwin (1859), Spencer (1860), Buckle (1860), Lecky (1865) — commenta como elles julgaram todos elles crear uma *nova* concepção do progresso, sobre as ruinas da concepção christã. No seu entender, porém, nada mais fizeram do que prolongar o christianismo. "Com elles assistimos no mundo occidental á mascarada de uma necessidade de fé, fantaziada em sciencia do progresso e da evolução". (12)

E para impressionar melhor os leitores com essa apresentação inesperada da idéa de progresso no mundo moderno, serve-se de uma comparação de grande felicidade, em que se vê a passagem do catholicismo ao protestantismo e deste ao naturalismo moderno, como sendo uma diluição cada vez mais insôssa das grandes e fortes verdades primitivas. (13)

Apenas, Lessing não consegue vencer o seu desespero nietzcheano, e a sua attracção pelo pantheismo, e termina o seu quadro impressionante da decadencia do mundo occidental exclamando: "E' possivel que a vida não tenha objectivo algum. E se o tiver só póde ser um fim negativo (p. 315). Porquanto o Espirito ou Deus, é ao mesmo tempo a Morte ou o Demonio, da mesma fórma que o Inferno (Hölle) é apenas uma outra palavra para Luz (Helle)". (14)

Mas não é só na Allemanha vencida que encontramos essa philosophia do progresso em termos perfeitamente antagonicos ao do optimismo do seculo XIX. Na propria França vencedora, o estado de reacção contra a concepção scientificista do progresso, tão bem representada pelo Renan do "Avenir de la Science" (1848), é expresso em seus melhores espiritos.

Não tenho espaço senão para mencionar duas obras recentes, ambas da maior repercussão philosophica e social, e ambas pregando, com intenção aliás radicalmente distincta, a mesma philosophia do progresso negativo: a "Trahison des Clercs" ou a "Fin de l'Eternel" de Julien Benda, e a "Mort de la Pensée Bourgeoise" de Emmanuel Berl. Que me seja permittido citar, como resumo de toda essa nova concepção pessimista do progresso, tão categoricamente antagonica á do seculo XIX, os periodos finaes e propheticos dessa tão poderosa quanto sophistica "Trahison des Clercs": — "Diziamos acima que o fim logico desse realismo integral professado pela humanidade de hoje, era a entre-destruição organizada das nações e das classes. Podemos conceber outro (fim), que seria ao contrario a sua reconciliação... Unificada em um exercito numeroso, em uma immensa usina, só conhecendo heroismos, disciplinas, invenções, verberando contra toda actividade livre e desinteressada, bem desilludida de collocar qualquer Bem fóra do mundo real e só tendo por deus a si mesma e aos seus desejos, a humanidade attingirá a coisas bem grandes, quero dizer a uma victoria realmente grandiosa sobre a materia que a cerca, a uma consciencia realmente satisfeita de sua potencia e de sua grandeza. E a historia ha-de sorrir pensando que Socrates e Jesus Christo morreram por essa especie". (15)

Pagina formidavel, imagem do nosso tragico seculo XX que por ironia desejo approximar das palavras de Turgot, em 1750, quando o mytho naturalista do progresso real se movia em seu berço: "A massa total do genero humano, por alternativas de calma e de agitações, de bens e de males, marcha

continuamente, se bem que a passos lentos, para uma perfeição cada vez maior". (16)

O irracionalismo historico de Julien Benda está no polo opposto ao racionalismo dos Encyclopedistas. E a concepção de progresso nesses dois seculos, tambem passou de polo a polo.

Mesmo que tomemos espiritos menos extremados que Lessing, Benda ou Berl, mas bem representativos do pensamento do seculo XX em duas correntes bem diversas, taes como Bergson e Maritain, encontramos em ambos a repulsa ao dogma do progresso necessario. Maritain o diz explicitamente, ao fixar em paginas admiraveis qual o verdadeiro sentido dessa idéa, que é uma daquellas "idéas loucas", que Chesterton vê divagarem pelo mundo moderno. (17)

Bergson o deixa entender implicitamente, se bem que ainda não tenha publicado, nem a sua theodicéa nem a sua sociologia. (18)

E mesmo aquelles que acceitam a idéa de progresso incessante como sendo a propria condição da vida, procuram toda sorte de attenuantes e contrapesos, cahindo mais num movimento pendular, do que numa ascensão continua, como se dá, por exemplo, com a "lei dos dois estados" de Weber, que elle oppõe á fracassada "lei dos tres estados" de Comte. (19)

A America, e especialmente a America do Norte, que parecendo o continente do futuro é muitas vezes o continente do passado, ainda é hoje a grande herdeira do progressismo optimista do seculo XIX. Mesmo ahi, porém, ha toda uma serie de espiritos como H. L. Mencker, Hartley Wickhare, Paul Elmer More, Waldo Frank, J. Wood Krutch e outros que consideram a America civilisada demais para que o mytho do progresso possa ainda ahi fazer escolta e designam os novos barbaros da Russia sovietica, como os verdadeiros representantes, hoje em dia, da ideologia progressista do seculo XVIII.

Como se vê a concepção do progresso, desde que rompeu com o sentido da elevação ao sobrenatural, no inicio da idade

moderna, — passou por uma curva de elevação e decadencia, tendo passado do extremo optimista no seculo passado ao extremo pessimista em nossos dias. Foi o veneno naturalista que desnorteou essa idéa, *megalomanisona,* se é possivel dizer, arrancando-a da sua inserção harmoniosa no complexo das realidades humanas e sociaes, em que tem e terá sempre o seu posto necessario e limitado.

LIMITES DO PROGRESSO

Para terminar estas rapidas considerações, vejamos como se deve reintegrar a idéa de progresso em nossa vida psychologica e social, sem dar-lhe a autonomia que os racionalistas do seculo XVIII lhe attribuiam, nem eliminá-la como o fazem os irracionalistas de nossos dias.

Para isso, o necessario é reconhecermos que a idéa de progresso, como todas as que se applicam a valores historicos e sociaes, está intimamente subordinada ás nossas concepções philosophicas. Ella será o que estas forem. Uma vez que o seculo XVIII pretendeu dominar a tradição e a autoridade como elementos do conhecimento, e quiz reconstruir o universo baseado na fragilima base da razão individual, — todas as idéas sociaes deviam soffrer as oscillações que as idéas philosophicas iam soffrer. E por mais que quizessem evitar o desastre, substituindo a metaphysica pela sciencia, — a tentativa era utopica. Pois as sciencias naturaes (typo dessa sciencia nova que se oppunha á metaphysica tradicional) não podiam ter applicação integral e basica na ordem dos *valores,* que era a das sciencias sociaes e anthropologicas. O resultado foi essa oscillação constante que vimos, entre as variadissimas concepções naturalistas do progresso, de que apenas apresentamos um pallido esboço.

Só ha um remedio para essa situação: a restauração de uma metaphysica sadia, que venha restabelecer o equilibrio

entre essa massa de sciencias dissociadas e sem dono que hoje vivem a multiplicar-se cegamente pelo mundo.

A idéa de progresso é uma das muitas que só poderão encontrar uma apreciação justa de seu valor relativo, quando o homem se compenetrar de novo na hierarchia essencial dos valores naturaes e sobrenaturaes. (20)

E para lhe darmos o seu justo valor o essencial é fazermos as distincções necessarias. O progresso se transformou em mytho, quando quiz fazer de si mesmo a propria finalidade da vida. Ou pelo menos pretendendo ser uma *lei geral e uniforme,* quando não passava de um movimento multiforme e particular que varia de accordo com as tres grandes modalidades por que o podemos encarar na ordem individual e na ordem social: o progresso material, o progresso intellectual e o progresso moral.

a) O *progresso material* é o verdadeiro dominio do progresso indefinido. A mutabilidade natural da materia torna-a praticamente capaz de ser melhorada incessantemente, ou pelo menos em limites extremamente dilatados. (21)

Essa capacidade excessivamente ampla do progresso material é que tem dado ao mundo moderno a concepção optimista do progresso necessario e indefinido, em todos os dominios. Foi o progresso industrial da Inglaterra que impressionou fortemente a imaginação de Spencer e fê-lo o theorista do progresso indefinido do genero humano. Como hoje em dia é o progresso economico espantoso da America do Norte que faz dos seus sociologos, discipulos de Giddings, os continuadores do optimismo evolucionista de Spencer.

Essa capacidade indefinida do progresso material não deve aliás ser entendida em termos absolutos. A civilisação material soffre as vicissitudes de todo cyclo cultural e ha mesmo progressos materiaes que se perdem, como certos processos de fabricação dos egypcios ou mesmo de povos primitivos, que não são conservados pela tradição. Hoje em dia, entretanto, o

phenomeno é mais raro e todo progresso material póde soffrer eclypses mas propriamente não se perde. O que ha é que a *hypertrophia do progresso material* é um dos phenomenos mais perigosos do mundo moderno. Toda civilisação só póde esperar equilibrio e elevação real, da coincidencia hierarchisada das 3 formas apontadas de progresso. Ora, a hypertrophia do progresso material tem sido em outras civilisações um symptoma precursor de catastrophes formidaveis. E é o que se está dando hoje em dia, quando a *machina* prolongou indefinidamente os membros *operadores* do homem, sem que as suas faculdades *moraes* e *especulativas* possam accompanhar esse progresso exaggerado na capacidade de manipulação e fructificação da materia.

Ha portanto um desiquilibrio grave. O progresso material moderno está levando a uma *multiplicação artificial da materia* (super-producção) que está trazendo á harmonia do mundo as mais graves ameaças.

b) O *progresso intellectual* é mais lento e menos visivel que o progresso material. "Não se trata ahi de operar sobre a materia e sim de trazer a verdade á alma" (22). A lei do progresso está ahi fortemente presa a uma lei de permanencia, pois o desenvolvimento das sciencias não é uma mutabilidade incessante, como é o progresso da technica, e sim uma construcção sobre as bases do já adquirido. Nesse sentido, póde-se tambem falar de um progresso incessante dos conhecimentos, como dizia admiravelmente Santo Thomaz, ao exprimir essa collaboração que as gerações e as culturas successivas devem prestar umas ás outras na lenta acquisição da verdade:

"E' natural a intelligencia humana elevar-se gradualmente do imperfeito ao perfeito. Vemos assim, nas sciencias especulativas, que os primeiros philosophos nos deixaram obras imperfeitas, que foram em seguida aperfeiçoadas por seus successores. E assim tambem nas sciencias operativas: os primeiros que se ensaiaram em invenções uteis á communhão humana, não estavam em condições de tudo ver por si mesmos;

estabeleceram assim instituições imperfeitas e cheias de defeitos que os seus successores modificaram aperfeiçoando". (23)

Tanto as sciencias praticas como as sciencias doutrinarias são capazes, portanto, de um progresso incessante. E esse progresso intellectual deve dominar o progresso material. E' na esphera daquelle que este se deve operar, afim de ser evitado o desiquilibrio que hoje se nota, como acima apontamos. Dentro, porém, do cyclo do progresso intellectual, as duas ordens de sciencias — praticas e especulativas — devem estar presas tambem por um nexo de hierarchia intima, para que, como se está dando tambem em nossa civilisação naturalista, — o progresso das sciencias physicas e mathematicas não venha a fazer-se desligado das sciencias metaphysicas, creando a situação perniciosa em que nos encontramos: desenvolvimento excepcional das sciencias da materia e abandono crescente das sciencias do espirito ao puro arbitrio individual. Dahi o facto de termos uma physica ou uma biologia universalmente acceitas, mas possuirmos tantas psychologias quantos psychologos e tantas philosophias quantos philosophos, o que é simplesmente *um desastre*.

c) O *progresso moral*, ao quai podemos accrescentar o *progresso artistico* é aquelle em que o desenvolvimento em linha horizontal é minimo ou nullo e só podemos falar propriamente em progresso no sentido vertical.

A arte não conhece um progresso gradativo ao longo do tempo. Póde attingir á culminancia no inicio de uma civilisação e não voltar mais a ella em seguida, como póde soffrer as mais variadas vicissitudes, pois que está intimamente subordinada á lei individual.

A moral, por sua vez, no sentido em que a entendemos, segundo uma philosophia integralista da realidade, não depende tambem do progresso material e intellectual e ao contrario deve ser a medida de ambos. As regras moraes fundamentaes são poucas e extremamente simples. E são indissoluvelmente liga-

das á propria natureza das coisas, ao proprio Principio Absoluto, que é a Origem e a Finalidade de todo o creado e portanto de todas as fórmas do progresso.

A condição do desenvolvimento justo das outras duas fórmas de progresso é a sua subordinação ao progresso moral. Isto é, o *progresso horizontal* da humanidade, de uma cultura, de um povo, ou mesmo de um só individuo, deve estar por natureza subordinado ao *progresso ascencional* dessa humanidade, dessa cultura, desse povo ou desse individuo.

Esta é a conclusão a que chegamos, ao procurar no *progresso* o sentido profundo da vida e não a sua ephemera evolução pela superficie das coisas, na ordem individual e na ordem social.

Ha portanto duas sciencias do progresso, no sentido em que procuramos restabelecer o equilibrio desse conceito: a moral e a sociologia.

A Moral é a sciencia que tem por objecto os actos humanos e por fim o progresso individual.

A Sociologia é a sciencia que tem por objecto os factos sociaes e por fim o progresso collectivo.

Rio — Setembro de 1930

TRISTÃO DE ATHAYDE

---

(1) "O facto de que uma coisa está evoluindo não é prova alguma de que seja bôa; o facto de que a sociedade evoluio não é prova de que tenha progredido. O ponto é importante porque, sob a influencia de concepções biologicas, as duas idéas são muitas vezes confundidas e o facto de que certos seres humanos evoluiram sob certas condições é considerado como uma evidencia do valor dessas condições ou talvez mesmo como comprovando a futilidade de certos ideaes ethicos que se oppõem a processos evolucionistas".

(**Leonard T. Hobhouse** — Social Evolution and Political Theory, p. 8-12, cit. por **C. M. Case.** Outlines of introductory Sociology. Harcourt, Brace & Co., New-York, 1924, p. 930).

(2) "Essa marcha para a perfeição é o que chamamos o progresso. O sentido da vida humana só póde estar na lucta pelo progresso. Se o homem está sobre a terra para tender á sua finalidade, o progresso será a formula mais exacta do dever humano".

(**A. Jacques Leclerc** — Leçons de Droit Naturel. A. Dewitt ed. Bruxellas, 1927, vol. I, p. 105).

(3) "A civilisação é a morte do espirito de cultura... A cultura deriva do culto, ella se desenvolve a partir do culto religioso... Cada cultura (mesmo a cultura materialista) é uma cultura do espirito... Na civilisação domina sem restricções o economismo; a civilisação é por sua natureza technica... A civilisação despersonalisa... O principio da personalidade só apparece nas culturas... A civilisação é futurista. A cultura procura sempre contemplar a eternidade... O capitalismo industrial da civilisação foi o negador do espirito de eternidade, o negador das sacralidades... O systema industrial-capitalista da civilisação destrôe os fundamentos espirituaes da economia e prepara assim a sua propria decadencia".

(**Nikolaus Berdjajew** — Der sinn der Geschichte. Otto Reichl Verl. Darmstadt, 1925, p. 286-300).

3) "Eu não me limito a ligar espirito e cultura: eu os identifico, porquanto a cultura é por natureza espiritual, ao passo que só a civilisação póde ser a negação da espiritualidade (ungeistig kann nur die Zievilisation sein)".

(**N. Berdjajew** — Die Weltanschanung Dostoiewskis. C. H. Becksche Verl. München, 1925, p. 157).

(4) "Civilisação é o estado extremo e mais artificial a que póde chegar uma especie superior de homens. E' um remate... E' um **final** irrevogavel, a que se chega sempre de novo, com intima necessidade... A civilisação **pura**, como processo historico, consiste em uma **dissolução** gradual de fórmas já mortas, de fórmas que se tornaram inorganicas".

(**O. Spengler** — La decadencia del Occidente, trad. esp. Calpe ed. Madrid, 1923, vol. I, p. 54-55).

(5) "E' facil agora vermos em que medida são antitheticos a sociedade de civilisação e os meios culturaes nacionaes. A primeira tem por principio a pessoa humana, intelligente e dominadora, — os segundos têm por origem os agentes — alguns dos quaes materiaes e physicos — que intervêm na formação humana... Na primeira o homem modela o mundo, nos segundos o mundo é que fórma o individuo... Uma attesta a independencia do homem, os outros suas dependencias. A sociedade civilisada é una, unificadora; os meios culturaes são multiplos, diversos, irreductiveis. Só ha uma civilisação humana, mas ha numerosas culturas... O homem se cultiva afim de adquirir o poder de levantar-se á civilisação... A acção dos meios culturaes é um intermediario que conduz o individuo á civilisação".

(**J. T. Delós** — L'internationalisme, in "Revue des Sciences Philosophiques et théologiques". Out. 1928, p. 671-75).

(6) "Acima dos grupos hierarchicos de sciencias sociaes positivas, se desenvolve uma sciencia comprehensiva ou synthetica, que é a sociologia, ou seja a doutrina geral da sociedade e da civilisação".

(**Giuseppe Toniolo** — Trattato di Economia Sociale. Lib. Ed. Fiorentina, 3.ª ed., 1906, vol. I, p. 5).

(7) "Todos os nossos valores dependem da natureza de nosso Deus. Ora, Deus é espirito. Progredir — o que significa para toda natureza, tender ao seu Principio — é passar do sensivel ao racional e do racional ao espiritual e do menos espiritual ao mais espiritual; civilisar é espiritualisar. O progresso material póde concorrer para elle, emquanto permitte ao homem o repouso da alma".

(**Jacques Maritain** — Art. et Scolastique. L. Bouart, ed. 1927, p. 129-130).

(8) **Bossuet** — Discours sur l'Histoire universelle — Hachette ed, in fine.

(9) "Desvendar a influencia das causas geraes e necessarias, a das causas particulares e das acções livres dos grandes homens e a relação de tudo isso á propria constituição do homem; mostrar a mola e a mecanica das causas moraes pelos seus effeitos: eis o que é a historia aos olhos de um philosopho".

(**Turgot** — Oeuvres. t. II, p. 626-627 — cf. **Georges Sorel** — Les illusions du progrés. M. Rivière, ed. 4.ª, ed. 1927, p. 222).

(10) "Negando, como o faz, que a especie seja indefinidamente modificavel, (Comte) mostra ignorar uma das verdades capitaes que a biologia fornece á sociologia, uma verdade cujo esquecimento enche de erros todas as explicações sociologicas".

(**N. Spencer** — Introduction à la Science Sociale, trad. fr. Alcan ed., p. 353).

(11) cf. **Sinclair Lewis** — Babitt. tr. fr. Stock ed. 1930. "Na America, Babitt se escreve hoje babitt", do pref. de Paul Morand.

(12) **Theodor Lessing** — Untergang der Erde am Geist. W. A.. Adam. ed. Hannover, 1924, p. 310.

(13) "Desejo (para explicar a idéa de decadencia crescente em espirito) introduzir uma comparação que impressione o leitor. Uma forte folhada de chá (Theeblüte), nascida no Oriente, é preparada na Europa. O christianismo paulinico é a primeira e mais forte bebida. A Reforma, uma segunda preparação mais aguada e mais fraca. A sciencia moderna e a sua formação de seitas (como o monismo, o pragmatismo, o agnosticismo, o ficcionalismo, criticismo, etc.) são o ultimo cozimento já muito aguado e sem gosto daquellas velhas flores do Assam. Aos olhos prejudicados pela excessiva proximidade parecem as tres idades, catholica, protestante e positivista, como se oppondo radicalmente. Os olhos da posteridade, porém, que só consideram as grandes linhas, hão de ver que se trata de

tres fórmas diversas e decadentes, e por isso mesmo adversarias entre si, do mesmo espirito... O perfume das flores do chá, isto é a sua vida cosmica metaphysica, se torna cada vez mais evaporado. E cada vez maior a diluição aguada do espirito occidental, isto é, a logica e a ethica humanas". (**Th. Lessing** — op. cit., p. 311).

(14) **Th. Lessing** — ibid., p. 460..

(15) **Julien Benda** — La trahison des cleres. Grasset ed 1927, p. 247.

(16) cf. **Georges Sorel** — op. cit., p. 223.

(17) **Jacques Maritain** — Theonas — Nouv. Lib. Nat., ed. 1925. Caps. VII a X passim.

(18) "O que parece resultar expressamente dos principios fixados na "Évolution Créatrice" é que o progresso, embora dependente do ambiente material, limitado e canalisado a cada um de seus momentos pelo meio, pelas circumstancias e por todo o trabalho anterior da vida, é tambem a cada momento um acto de vontade e uma intensificação da consciencia, uma lucta, um risco ousado e um obstaculo transposto... Em uma tal doutrina, o progresso é possivel, mas nada tem de fatal".

(**Louis Weber** — Le rythme du progrès. Alcan ed. 1913, p. 48-49.

(19) "A' lei dos tres estados, que o positivismo pensou poder deduzir de uma documentação insufficiente, e da historia limitada ás civilisações mediterranea e occidental, eu proponho substituir uma formula que resumiria schematicamente o rythmo evolutivo e que seria **a lei dos dois estados.** A intelligencia technica se desenvolve em certas épocas até que exgotte a sua capacidade de invenção e penetração pratica do mundo, compativel com uma certa base ideologica anteriormente constituida. Por sua vez, a intelligencia reflexiva se apodera dos resultados da technica e serve-se delles indirectamente para se elevar a uma visão mais alta e a uma consciencia mais completa das coisas, apoiando-se sobre os dados da consciencia social."

(**Louis Weber** — op. cit., p. 301-302).

(20) "A noção de progresso só tem sentido se a fundarmos sobre uma metaphysica, sobre uma concepção geral do mundo e do homem, que marque uma finalidade ao homem".

(**J. Leclerc** — Leçons de Droit Naturel, op. cit., p. 138).

(21) **Jacques Maritain** — Theonas., op. cit., p. 165.

(22) ibid., p. 173.

(23) Sum. Theol. I.ª II.ª, 2, 97, art. 1.º.

Boca de fôrno

Cara de cobra
Cobra
Olhos de louco
Louca!
Testa insensata
Nariz capeto
Cós do capeta
Donzela rouca
Porta-estandarte
Joia boneca
De maracatú!

Pelo teu retrato
Pela tua cinta
Pela tua carta
Ah tôtô meu santo
Eh abaluaê
Inhansã boneca
De maracatú!

No fundo do mar
Há tanto tesouro
No fundo do céu
Há tanto suspiro
No meu coração
Tanto desespero!

Ah tôtô meu pai
Quero me rasgar
Quero me perder!

Cara de cobra
Cobra
Olhos de louco
Louca
Cussarũe boneca
De maracatú!

MANUEL BANDEIRA

Mulher em todos os tempos

O anjo crece na sombra,
a sombra tambem creceu.
Ele tira o saxofone,
o som tambem aumentou.
Então acorda a agonia
que se escondera no escuro,
crece a agonia tambem.
A moça crece um pouquinho,
tambem em compensação
já é hora de decrecer.
O anjo torna a assoprar.
No avião do sopro vem
a mãi da moça, coitada,
vestida de rendas brancas,
com o pai de pencinê;
vem um quarto vaporozo
com um berço navegando
e uma criança chorando
no vestidinho de rendas;
vem o canto de outro anjo
chamando outros anjos distantes
para a criança dormir;
vem a criança crecendo,
caminhando para a escola
com o primo pela mão;

vem a criança menina,
na meza de comunhão;
vem a menina já moça,
com os seios palpitando
— o primo tambem creceu —,
vem a moça já bem moça,
namorando no portão;
vem a moça — é uma mulher —
caminhando para o altar;
vem a moça bem mulher,
olhando pro corpo dela
que palpita de outro modo;
vem a mulher segurando
um menino pela mão,
depois vem ela chorando,
enterra a mãi no vestido
de rendas pretas, coitada,
depois enterra o pai dela,
coitado, sem pencinê.
Vem ela quando adoece
de paixão, já piorou;
vem ela no mez passado,
depois na semana passada,
sem vibração, já sem côr,
depois no instante passado,
o sopro do anjo vai traz
o instante que está nacendo,
o marido deu um grito,
o filho os braços levanta,
sopra o anjo com mais força,
a moça não vê mais nada,
mas Deus a viu, e levou.
No outro mundo já estão
julgando a moça morena.

MURILO MENDES

Populações Paulistas

1 — ASSIMILAÇÃO

As raças não se fundem, não se assimilam.

Sob o ponto de vista anthropologico, não ha assimilação, não ha fusão.

Quando duas raças, ou dois grupos de raças se defrontam, quaesquer que sejam as proporções de vulto com que se apresentem um ao outro, jamais desaparece o concurso de cada um na mestiçagem, que por ventura se dê, por mais intensa, por mais continuada, por mais intima e completa que ella possa ser.

Nessa mestiçagem inperarão sempre as leis de hybridação de Mendell, com o que jamais desaparecerão os caracteres, que differentes formam as duas raças ou os dois grupos de raças que se defrontam.

Nessa mestiçagem os caracteres dominantes e recessivos de ambas as estirpes se alternam em genotypos e em phenotypos, diversamente associados, sem que se nivelem, por uma medida commum.

E' disso que resulta o axioma de anthropologia que affirma que o individuo mestiço jamais dará raça pura.

A hybridação sempre poderá dar lugar a retrocessos denunciadores da mestiçagem.

Hoje pode-se affirmar não haver raças puras e o progressivo desenvolvimento do mundo, com a sua civilisação agitada, vae sempre complicando as mestiçagens de forma que cada individuo é portador de uma formula algebrica correspondente á sua natureza racial.

Isso em anthropologia considerada sob o ponto de vista "strictu sensu", isto é resumida a parte unicamente anatomica-biologica do homem.

Acuradas analyses, pesquizas profundas, poderão vir a nos relatar mais tarde os resultados anthropologicos da imigração exotica em S. Paulo. Por ellas ver-se-á que os valores raciaes, trazidos pelos italianos, como pelo magyar, pelo slavo, pelo allemão, hão de sempre existir, quer aparente, quer latentemente em alternancias combinadas com os do iberico, do africano e do indio, naturalmente na proporção em que cada um desses ramos entrou para a constituição da população paulista.

O que resultar dahi, a formula algebrica que sortir dessas combinações, jamais será alterada se não houver intromissão de outros troncos ethnicos, que viriam fazer mais complexo ainda o nosso systema. Mas um determinado valor ethnico, por maior que seja a sua proporção, jamais poderá annular ou diminuir outro, por menor que este seja. Nas formulas genotypicas e phenotypicas todos terão que ser representados.

Isto em anthropologia, como disse. O mesmo não se dá em sociologia e em ethnologia. Aqui, sim, ha assimilação, ha absorpção, ha annulação de factores, ha extinção de elementos, ha lucta ethnica e assim ha vencedores que devoram os vencidos, ha eliminações, etc.

Do contacto de dois povos differentes, pode um delles se curvar ao antagonista, perdendo para os deste quasi todos os seus caracteres, ou parte delles sómente.

Então teremos assimilação.

Esta poderá ser *sociologica,* isto é assimilação pelo idioma, pela religião, pelas instituições politicas, e *ethnologica* isto é pela civilisação.

A historia nos ensina cousas interessantissimas a esse respeito.

A conquista romana do mundo antigo, se sob o ponto de vista anthropologico "strictu sensu" nada realisou, nenhum vestigio deixou em parte alguma do immenso imperio de outróra,

sob o ponto de vista sociologico e ethnologico, estabeleceu magnifico exemplo de assimilação, nas suas diversas graduações, desde a completa romanisação, como na Iberia e na Gallia, até a simples e tenue influencia como na Britannia, na Germania, no Oriente e no Norte africano.

A Iberia, com uma população de 6 milhões de almas, foi de tal maneira assimilada pelo romanos que até a sua lingua foi latinisada, com o seu espirito conquistado pelo christianismo romano, sem que o imperio dos Cesares tenha contribuido com 1 % do sangue na evolução das populações ibericas.

Gallia com igual população, tambem conquistada pelas legiões, foi assimilada pelas idéas, pela lingua e pela civilisação latinas, que impuseram a sua cultura, o seu credo, as suas instituições etc., sem haver talvez contribuido com 5 % do seu sangue na evolução do povo gaulez.

Essas duas regiões do imperio foram admiravelmente assimiladas, a ponto de hoje serem néo latinas sem possuir muita cousa de commum com a Cidade Eterna, sob o ponto de vista anthropologico propriamente dito.

Entretanto Roma não havia, nessas duas repartições imperiaes, feito grande cousa em materia de colonisação, não havia para ahi promovido correntes emigratorias, não havia determinado intercambio de populações, mas praticado tão sómente a dominação militar e a administrativa com a imposição de uma cultura superior.

Com seus delegados administradores e com os seus consules, Roma, centro irradiante de organisação superior, logrou empolgar a Iberia e a Gallia.

Essa mesma capital do mundo antigo, porém, fracassou na Britannia, menos populosa e mais abarbarada.

Ahi, as legiões dominaram por mais de 2 seculos e meio, nada deixando que as lembrasse senão um sedimento imperceptivel.

Roma fracassou ainda na Germania, onde penetraram as suas aguias mas não poude se manter o seu intellecto.

Fracassou tambem no Oriente, onde explendoravam civilisações brilhantes, que não se curvaram ás emanações da latinidade. Só nas margens encharcadas do Danubio, na velha Dacia de Trajano, ficaram os signaes indeleveis da passagem da gente colonisadora que o imperante romano para ahi transplantara. Na Syria, na Armenia, na Palestina, como nos Balkans, nenhum sulco denunciador da força romana ficou a lhe perpetuar esse passado homerico de mil conquistas, sem embargo da secular dominação da cidade do Latium.

No Egypto e na Mauritania muito menos se vêem vestigios do dominio de Roma.

Os barbaros germanicos se mostraram ainda menos potentes que os romanos nessa luta ethno-social. Elles eram rudissimos, incultos e principalmente pouco numerosos.

Cahiram sobre gente civilisada, intellectualmente muito superior, que apesar de dominada militarmente esmagava e engulia seus vencedores.

Que resta da gente das invasões dos Alariks, dos Genseriks, dos Stlicons, dos Radogasts, dos Odoacros, dos Amalarikys, etc.? Nada na Iberia, em cujos idiomas néo latinos se conservam uma ou outra palavra de raizes gothicas. Pouco na Gallia, nada nos Balkans e na Italia.

Muito mais do que esse homens de prea loura, por certo deixaram os arabo-berbers na Iberia, em cuja civilisação néo latina souberam cunhar bem fundo a sua influencia, cousa de que se resentem fortemente as linguas e a cultura.

Phenomeno ainda mais illustrativo do que a influencia dos islamitas na Iberia, teria sido a assimilação dos amerindios aos milhões pelos minguados hispanicos, que lhes impuseram o idioma e a civilisação em substituição ás monumentaes culturas aztecas, mayas, incas, quichúas, aymaras, etc.

Tambem phenomeno notavel foi a teutonisação da Germania oriental, mergulhada no mundo slavo, mas que hoje bem se integra nos povos que fallam o allemão.

Deante, pois, desses sucessos que se encaminham por veredas differentes, nesses capitulos historicos enunciados, seria muito difficil de prever o resultado da imigração italiana em S. Paulo, posta em scena de um modo perigosissimo para a brasilidade, com as avalanches annuaes, cujo total sobe a 75 % da população preexistente.

Hoje entretanto já podemos ver os resultados desses acontecimentos sociaes. Já a penumbra do tempo se afastou de um modo evidente para que se possa acompanhar com a vista as figuras consequentes dos capitulos dessa invasão pacifica.

O italiano foi engulido, sem deixar grandes vestigios de natureza ethnico-sociologica da sua passagem. A lingua sahe incolume do embate. A cultura, os costumes vão cicatrizando os arranhões deixados pela passagem dessa gente exotica, hoje tão homogeneamente cimentada comnosco.

2 — RAÇA E NACIONALIDADE

Reina, mesmo nos meios scientificos, a mais lamentavel confusão entre os conceitos de raça, de lingua e de nacionalidade.

Tenho visto pessoas de grande saber, até medicos acatados e scientistas eminentes, encamparem os mais descabellados absurdos a esse respeito. Não sabem distinguir o conceito *"raça"* do conceito *"nacionalidade"*, e por isso não attendem que *"raça"* é uma unidade biologico e natural, cujos limites e caracteristicos nem sempre são coincidentes, ou antes nunca se acertam pelos limites caracteristicos de uma nacionalidade, entidade méramente politica e artificial. Essas personalidades acompanham a noção do vulgo ignorante, que pensa distinguir *"raças"* pelos idiomas, e dahi as affirmações ocas e completamente erroneas de *"raça latina"*, *"nossa raça"*, *"America latina"* e uma serie enorme de refrões imbecis que nada exprimem a não ser uma mentalidade ignorante.

As nacionalidades, entidades artificiaes e politicas, são formadas pela immensa variedade de raças, que se congregam na

inconsciencia biologica, falando ás vezes mais de um idioma, ou mais de um dialecto, professando ás vezes mais de um credo religioso.

Esses agrupamentos artificiaes, constituidos por acervos historicos de conveniencias politicas, dymnasticas ou religiosas, ou ainda de tradições erroneas que a mentalidade mal orientada da epoca interpre ás cégas com desvio da verdade, são as mais das vezes verdadeiros monstrengos, se examinados na face biologico-animal dos seus componentes.

O criterio linguistico para a classificação racial é um dos mais flagrantes absurdos que tenho visto, apesar de ser elle o mais popular, o mais vulgarisado. Veja-se por exemplo o negro, de igual raça melanica, fallando o portuguez na Bahia, o castelhano na Venezuela, o hollandez no Transwaal ou em Paramaribo, o inglez em Barbados ou nas Bahamas e o francez na Martinica ou no Senegal.

Essa mesma raça de africanos seria, então, ora latina, ora germanica, ora anglo-saxã, se nos deixassemos levar pelo criterio linguistico.

Ha, por outro lado, povos que formados de muitas unidades raciaes fallam um só idioma como o allemão, por exemplo, o francez, ou o italiano, como ha povos, de relativa unidade ethnica, a fallar varios idiomas, como o hespanhol, entre outros. Disso se conclue que ha casos em que se verifica a mesma *"raça"* endorporada a diversas nacionalidades, a varias entidades politicas, fallando idiomas differentes portanto e professando credos diversos. Assim, por exemplo, o *"Homo nordicus"* fallando o escandinavo na Noruega e na Suecia, no Hannover o allemão, o inglez na Escossia e o francez no Artois ou no Flandres. O *"Homo alpinus"*, fallando o francez na Borgonha ou no Morvan, falla o allemão na Baviera ou no Baden, e o italiano na Liguria ou no Piemonte.

O criterio pois de se querer fazer uma classificação racial pelo idioma é o mesmo de querer classificar os homens pela côr da gravata.

E' preciso distinguir a entidade natural e biologica *raça,* da entidade artificial e politica *nacionalidade,* e das entidades méramente sociaes, externas, de facil transmutação *lingua* e *religião.*

Possivelmente as fronteiras dessas entidades ás vezes se tocam, se aproximam, correm pela mesma parallela, seguem talvez a mesma direcção, coincidem de alguma maneira, mas querer de uma maneira simplista confundil-as é incidir em erro tão grave que acarreta consequencias bem lesivas ao credito intellectual de quem as profére.

De todos esses factores que entram para a constituição de uma nacionalidade, estou bem convicto, o menos importante, o que menos peza, o mais insignificante é o factor *raça,* que é o factor biologico-natural-animal, na inconsciencia do seu portador, e que por isso passa incolume ao raciocinio das massas.

Os elementos formadores de uma qualquer nacionalidade ignoram em 99,99 % a sua constituição bio-herodologica. Não sabem a que tronco ethnico se devam filhar. Desconhecem de que gente tenham herdado taes e taes caracteristicos physico-somatologicos. Ignoram mesmo quaes os caracteres dominantes e quaes os recessivos que os acompanham na sua formula fatal, a qual herdaram dos seus antepassados.

Assim sendo, as unidades artificiaes e politicas se foram constituindo pela Historia, não de accordo com as delimitações raciaes, as quaes ignoravam por certo, mas de conformidade com as delimitações linguisticas, que a sciencia obsoleta, e já posta de parte, cria fosse o seguro criterio das differenciações ethnicas, mais de accordo com as differenças de crédos religiosos, que, como fronteiras de odios e de fanatismo, separaram os agrupamentos humanos durante tantos seculos na historia politica da Europa.

Portanto, sendo os povos tão cégamente organisados e politicamente isolados, nenhum delles pode ser considerado homogeneo, sob o aspecto racial. Nesse sentido, toda a homogeneidade é relativa.

Na Europa, onde os paizes de formação multisecular se estratificaram em limites geographicos os mais marcados por notorios e vultuosos accidentes physicos, todos elles, sem embargo, contêm no seu bojo, variado e matizado contingente de differentes origens ethnicas. Assim, por exemplo, a Inglaterra, isolada por tanto tempo na sua ilha maior, contem uma enorme seriação de typos anthropolicos, escalados na metrica estatatural, na dermochromia e nas nuanças capilares, combinados todos esses caracteristicos entre si da forma mais variada, demonstrando a evidente heterogeneidade das origens, de camadas humanas que se foram superpondo em sedimentos successivos atravez dos aparatosos capitulos de um longo passado ou de uma anonyma e lenta penetração por infiltração methodica, desde os "round barrows" brachycephalos, os "long barrows" dolicocephalos, os iberos, os celtas, os anglos, os saxões, os dinamarquezes, os normando ou ainda os israelitas polvilhados em todas as nações européas.

A Iberia, peninsula que os Pyrineos isolam no isthmo e que a politica dividiu em duas nações sem embargo da perfeita harmonia da conformação craneana, como nos ensinam Mendes Correia, Aranzadi e tantos outros, espelha a diversificação já pela dermochromia, ou pelas estaturas desuniformes, que são possivelmente os indicios denunciadores dos quadros historicos que se foram scenificando pelas encostas pedregosas dessa terra redoirada do meio dia européu, desde o Calpe abrupto até as penedias enevoadas de Covadonga nas cantabricas serranias do norte iberico.

Fechados nessa retorta, o velho ibero de Mendes Correia, o louro godo e o trigueiro e nervoso sarraceno, em 12 seculos de convivencia estreitissima, no arfar estrepitoso das batalhas ou no mourejar diuturno dos lavores, foram impotentes para se fundir sem distincção, anthropologicamente fallando.

A Escandinavia, que a politica bipartiu por conveniencias dymnasticas, igualmente não pode reflectir homogeneidade ethnica, com os seus "*europaeus*" ao lado dos residuos bra-

chyoides do velho de Borreby e dos elementos laponoides, como Ripley evidencia com clareza illustradora nos multiplos mappas anthropometricos do seu maravilhoso *"The races of Europe"*.

Esses são, com a Inglaterra, os exemplos mais apontados de homogeneidade racial.

Vimos que nenhum delles, sem embargo do isolamento geographico relativo em que vivem, pode servir de padrão para comparações, senão muito relativamente.

Talvez, com esses exemplos citados, a Suissa, seja na Europa das nações de maior homogeneidade anthropologica, congregando em suas terras altas, em seus valados profundos, em seus platós de galgar difficil a gente mais parecida de *"raça"*.

Acredito que essa nação, sob esse aspecto tão ignorada, poderia nos evidenciar a predominancia de um só typo anthropologico, o *"alpinus"*, tarjado de louro pela influencia do *"nordicus"*, a governar inconteste as estatisticas com a quasi unanimidade que lhe permittem os accidentes geographicos isoladores da cadeia mestra da Europa, cousa que tem deixado os suissos mais ao abrigo das invasões furiosas dos povos germanicos, como mais a salvo do fluxo impetuoso da gente mediterranea. (Ripley, loc. cit.).

Mas mesmo ahi se encontram os caracteres associados de duas estirpes matrizes: *"nordica"* e *"alpina"*. O que não impede seja a população mestiçada igualmente, tendo a forte brachycephalia alpina ao lado da nuança loura do nordico, cuja alta estatura e cuja leptoprosopia ás vezes surgem desharmonicamente com o largo craneo alpino.

A Allemanha, ajuntamento politico formado ha menos de um seculo pela reunião de dezenas de pequenos estados que se estendem sobre area vasta, tambem nos apresenta um quadro ethnico bem heterogeneo, com a alta estatura e o typo louro no norte a divergir profundamente do slavo com quem convive no Brandemburgo, na Pomerania, na Prussia Oriental e Occi-

dental. Na Saxonia, como na Baviera e no Wuertemberger, a mestiçagem entre o louro *nordicus* e o pequeno *alpinus* produziu o *chestnut* de baixa estatura, que Ripley assignala no seu livro citado.

No Baden como no Reinland, na Alsacia como na Westfallia, tambem a mestiçagem entre os dois typos, nordico e alpino, fez resultar um intermedio, differente porém do outro mestiço, aparentando do nordico a alta estatura e o caracter louro e do alpino a forte brachycephalia. Só no Hannover ou no Schleswi-Holstein o louro surge preponderante, emquanto o alpino domina na Silesia e na antiga Posnania.

Na Italia, o homem alpino da Lombardia, da Venetia, do Piemonte e do Trentino, com o influxo alourado do nordico, contrasta profundamente com o *meridionalis* da Calabria, da Apulia, do Brutium e da Sardenha.

Nos Balkans, em cada uma das nações que fermentam nas mil contendas que torvam os agitados horizontes do proximo Oriente, tambem as infiltrações alouradas do nordico não conseguem se sobrelevar pelo vulto ao *Homo Dinaricus,* brachycephalo, moreno de estatura agigantada e inconfundivel a evocar as physionomias abarbaradas dos ermos selvaticos das margens do Vardar ou das escarpas do Lövcen, ou ainda das boccas hiantes do azulado Danubio.

Na França, o paiz alvejado por todas as invasões, o pasto sangrento de todos os morticinios, o caminho entrincheirado de todas as avalanches humanas, os trez typos europeus se entrechocam mal divididos pelos departamentos, com o nordico e os seus mestiços ao norte, no Flandres, no Artois e na Picardia, com o alpino no centro, nas regiões altas da Borgonha, do Morvan, da Bretanha, da Saboya, e com o *"meridionalis"* ao sul na velha Aquitania e na Provence ensolarada.

De tudo isso e depois de reflexão criteriosa trazida pelo exame imparcial que resulta das caminhadas anthropometricas pela Europa, temos que, dos factores constituidores de uma na-

cionalidade, o menos valioso é sem duvida o factor racial, nessa sua accepção biologica que é a unica scientifica.

Pois se tal acontece nas velhas sociedades da Europa multisecular, como não há de acontecer o mesmo nas que se formam no regaço immenso das patrias americanas, com gente em redemoinhante mistura vinda de todos os lados dessa mesma Europa?

Sim, porque essa questão de raças, ainda mal definida pela controversia dos sabios, não poude penetrar na alma dos povos de modo a soldar nelles as affinidades indestructiveis que alicerçam as communidades. As massas são de ordinario democraticamente ignorantes e se desconhecem sob esse ponto de vista biologico, que requer para ser entendido uma cultura scientifica que só está ao alcance das elites.

Outros factores mais palpaveis, mais concretos, mais visiveis, mais ao alcance das multidões, preponderam nas constituições das nacionalidades. E elles se avultam, crescem, diminuem, se amesquinham e desapparecem na organisação desses nucleos associados em communhão politica.

Esses factores magnos e decisivos, que são as ligas mais solidificadoras das nacionalidades, podem ser:

a) o idioma;

b) a religião;

c) os costumes;

d) as formações psychica e social (educação);

e) as conveniencias politicas, dymnasticas e economicas.

Por certo que podem existir unidades politicas sem a presença de todos os factores acima enunciados. Não são elles de coexistencia obrigatoria, dependendo das circumstancias occasionaes que imperaram na sua formação e na sua evolução.

Existem nacionalidades em que a diversidade de idiomas, por exemplo, não afrouxa a solidez do laço politico que os amarra. Eis a Suissa, formada por gente, que sem idioma

proprio, usa de 4 idiomas diversos sem que isso venha a causar a menor frincha no seu blóco nacional, tão solido e compacto elle é. Tambem a Tcheco-Slovaquia, onde mais da metade do povo falla lingua slava, ao lado de outra que se corresponde em linguas germanicas e magyares.

Existem, por outro lado povos, nos quaes a diversidade da religião tambem não faz bambear a unidade politica que os congrega. E exemplo ainda o dá a Suissa que, sem ser unificada no idioma, tem gentes que rezam nos evangelhos de duas religiões differentes sem que se extinga ou desmereça a sua inteiriça consciencia nacional.

Outro exemplo é a Allemanha que comporta nos seus 65 milhões de habitantes a convivencia pacifica de dois credos, que outrora se excommungaram em anathemas furiosos. E apesar disso, o povo germanico conserva sempre a sua maravilhosa unidade, que se mostrou inquebrantavel mesmo aos embates da grande guerra.

A Inglaterra, igualmente, acceita de bom grado a coexistencia do anglicano quasi catholico, com o presbyteriano, ainda a recender o puritanismo das éras cromwellianas.

Do que vimos apontando se pode deduzir que a nacionalidade exige a coexistencia desses factores, apontados em maior ou menor escala, sem que entretanto a falta de qualquer delles, ou mesmo de dois delles, compromettta a unidade politica nacional. Poderá um delles faltar, ou mesmo mais de um, sem quebra da integridade da communhão.

ALFREDO ELLIS (Junior)

A escravaria na evolução economica do Rio Grande do Norte

O Rio Grande do Norte nunca possuiu vasta escravaria porque sua vida economica dispensava, em proporção séria, o auxilio do escravo. O gado era sua actividade normal, sua razão de ser, o pretexto dum trabalho continuo e pacifico.

O rebanho norte rio grandense está citado em todos os chronistas hollandezes. Está vivendo como fonte de ajuda inestimavel, nos historiadores da reconquista.

Em 1625 o capitão Uzeel que trouxe uma patrulha da bahia da Traição até Cunhaú, extasiava-se avistando a manada gorda e grossa. Cinco annos depois o brabantino Adriano Verdonck annuncía que:

> "...ha alli muito gado... que ordinariamente é trazido para Pernambuco..."

Esta léva de gadaria para Pernambuco atravessa todos os seculos cada vez mais avultada. A industria assucareira vivia no Rio Grande do Norte em dois pobres enjenhos e já o hollandez informava no "Breve discurso sobre o estado das capitanias conquistadas":

> "O Rio Grande do Norte está dando muito gado que é conduzido para Pernambuco, Itamaracá e Parahiba, onde serve quer para o córte, quer para trabalharem nos carros e nos enjenhos".

No fim do seculo XVIII o grave Senado da Camara de Natal, em data de 5 de outubro de 1799, reclamava melhorias á rainha dona Maria declarando:

"...que extrema necessidade de carne não chegarão os mesmos moradores (de Pernambuco) se os sertões do Assú, Seridó, Espinháras e Trahiry, pertencentes a esta Capitania, não exportassem todos os annos seis mil bois, e antes da secca de 1790 a 1793 certamente iam de quinze a deseseis mil bois por anno".

A supremacia do gado vem durando annos e annos e o algodão só assume logar de vulto quando a guerra de Secessão americana (1860-65) abre ao mercado algodoeiro uma ensancha inesperada e larga.

Em 1848, num semestre, passaram por Natal seis mil arrobas de algodão em pluma. Não chegava a ser coisa séria. Em 1860 o preço medio do algodão segurava quinze mil réis e em 1866 o Rio Grande do Norte trazia uma safra de cento e quarenta mil arrobas.

Ao mesmo tempo o assucar recuava.

O escravo, elemento essencial nos cannaviaes e cafeeiros, não o era na creação de gado, caracteristica na funcção economica do Rio Grande do Norte.

A montanistica teve uma actuação leve. Só recordamos o trabalho de minas e apanha-de-areia nos annos do dominio batavo. Na epoca colonial Apody e Seridó apparecem como regiões de attração. Mas a lenda se desfaz, facil e rapidamente. O hollandez é que perdeu tempo e ouro catando serras sertanejas e os vazadouros dos rios de enxurrada na esperança do metal cubiçado. O escravo que a montanistica aglomerou em Minas Geraes, Matto Grosso e Goyaz, desapparecendo do Rio

Grande do Norte levava comsigo a possibilidade dos grandes rebanhos humanos.

Na epoca-do-assucar o elemento escravo adensou-se nos valles onde os cannaviaes ondulavam. Capió e Ceará-Mirim possuiram sempre a mais alta percentagem de negros.

O salto do assucar pode figurar em duas simples notas. Em 1854 exportava-se 80.749 arrobas. Em 1859, com cento e cincoenta e seis enjenhos funcionando, a exportação tocava 350.000 arrobas. Um pulo de duzentas mil em cinco annos...

Justamente nessa phase de oiro a questão do escravo norte-americano sacudiu Norte contra Sul e o algodão recebia o sceptro economico.

Mesmo assim a desposição da escravaria não muda. São José mantem seus 9.816 escravos, Estremoz (era Ceará-Mirim) 1.126, Goyaninha 1.600, Principe (Caicó) 1.210, Angicos 1.100 em 1855, pleno reinado do assucar, e em 1870 a população escrava era num total de 24.326 pouco superior á de 1855 que ia a 20.244.

Um augmento de 4.182 num espaço de quinze annos demonstra o pouco commercio de escravos inter-provincial.

Sommando essas diversas considerações temos que

1.º) A escravaria no Rio Grande do Norte nunca foi uma expressão economica.

2.º) As actividades economicas sempre dispensaram um grande numero de braços escravos.

3.º) As mudanças de trabalho, pastoril para agricultura e desta para industria, não affectavam maiormente a população escrava que permanecia, com pequeninos acrescimos, a mesma.

O escravo nunca poude ser uma expressão economica. O Rio Grande do Norte atravessou lentamente a sua idade-do-couro e nesta o escravo andava ao lado do senhor como com-

panheiro. Cedo as populações sertanejas, herança do trabalho pessoal nas velhas familias aldeãs de Portugal, fizeram sua vida á custa do proprio braço. Os filho-de-familia eram elles mesmos os primeiros vaqueiros, os grandes derrubadores de gado, os comboieiros que atravessavam até o Piauhy, mercado de gadaria no inicio de inverno. Os escravos figuravam como homens-de-confiança, acompanhando o "siô-moço" nas longas viagens silenciosas. A vida de vaqueiro dispensava a multidão de acostados. Tres vaqueiros conduziam boiadas enormes. Com a mania politica do segundo imperio é que surgiu o escravo armado de bacamarte bocca-de-sino, negro falastrão e atrevido, guarda-costa do fazendeiro liberal ou do senhor-de-enjenho conservador.

A' ausencia de escravaria numerosa juntou-se a tradição sem par das vaqueijadas arrojadas. Os moços sertanejos preferiam reunir ao gabo da fortuna a lenda de afoiteza e de valentia, de bem cavalgar toda sella, conhecer o matto e a sciencia da orientação, os mysterios da suggestão melodiosa do aboio e a galhardia das derribadas estrondosas nos domingos de "apartação". Foram, logo ao sahir da infancia, vaqueiros, veteranos do campo, legionarios das "pégas", rastejadores, caminheiros magnificos, donos do trabalho-do-gado na secca e no tempo das chuvas.

O escravo passou a ser um companheiro. Rastejava maravilhosamente, seguia como uma sombra o senhor, defendia-o, servia-lhe de "esteira" na carreira para a "muçica" final, prepavara-lhe o moquem quando o não conduzia no surrão de couro, a passoca com a raspadura classica junto á "borracha", resumando agua fresca, para os grandes goles saborosos, na sombra dos joazeiros e oiticicas, á hora da "fresca" no recanto sombrio onde os marruás pezadões e nedios "malhavam", lentos e magnificos.

A vida do vaqueiro predispunha para a democratisação dos costumes. O sertanejo não via o escravo na hora do "eito" sob o chicote dos feitores brutaes. Não o conheceu surrado, fa-

minto, maltrapilho, inutil de tanto soffrer. Não o enxergou na fila remorada dos outeiros colhendo as bagas vermelhas do café. O escravo era-lhe um quasi-igual. Como elle proprio alimentava-se de coalhada e de queijo, montava, corria, derribava irmãmente. Nunca houve uma superioridade de conhecimentos ou de indumentaria. A vestia de couros fardava-os ao mesmo tempo para o mesmo combate. Viam os perigos iguaes. O branco não tinha maiores "sabedorias" que elle, seu inseparavel nas serras, grotões e varzeas limpas buscando novilhos bravos ou vaccas tresmalhadas. Essa continuidade de esforço trouxe uma noção instinctiva de solidariedade, de auxilio mutuo, de comprehenção mental.

O escravo envelhecia com o amo e ficava seu confidente, auxiliar insubstituivel, senhor de sua vida, enterrador do seu oiro, guarda de seu segredo. Depois de annos é que o velho escravo passava, naquelle fideicommisso emocionante, a indicar aos herdeiros impacientes e avidos o roteiro dos saccos de couro onde as moedas de D. João V dormiam debaixo das aroeiras ou pereiros verde-escuros.

A's vezes a fidelidade escrava fazia o herdeiro perder o thesouro. Confidente do senhor o escravo promettia só o dizer "depois que meu-senhor morrer". A loucura sobrevinda ao *meu-senhor* não desobrigava a outra parte. Foi o que sucedeu ao oiro de Felix Gomes, o famoso "Felix Gomes do Totoró", irmão do capitão-mor Galvão, fundador de Curraes Novos. Felix Gomes enterrara seu oiro e o escravo de confiança sob promessa, informaria aos herdeiros depois de sua morte. Enlouquecendo Felix Gomes o escravo não quiz dar o roteiro. E a doçura dos costumes não insinuava a tortura como meio de forçar a eloquencia. Annos depois morria, inesperadamente, o confidente. E Felix Gomes continuou, doido e velho, a ser o possuidor do segredo do seu oiro que levou para o tumulo.

Durante o seculo XIX o Rio Grande do Norte estabelece sua historia economica. E' o seculo onde o café e o assucar obrigam regiões inteiras a construir os vastos pombaes, as senzalas em quadrado, reunidoras de escravaria fervilhante. Inicia-se o tempo dos Teixeira Leite, dos Rio Claro, dos marquezes de Itú, do commendador Joaquim José de Souza Breves, do conde de Nova Friburgo, Rio Preto, Ibicabas, São Clemente, donos de populações escravas. No Rio Grande do Norte o escravo continua parco e sem esperanças de multidão. O "Roteiro do Maranhão a Goyaz" informa, descrevendo a vida patriarchal dos grandes fazendeiros do "hinterland" nortista:

> "Desvanecidos os terrores da viagem do sertão, alguns homens mais resolutos levaram familia para as fazendas, temporaria ou definitivamente, e as condições de vida melhoraram: casas solidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, curraes de mourões por cima dos quaes se podia passear, bolandeira para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de rêdes ou panno grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capellas e até capellães, cavallos de estimação, negros africanos, não como factor economico, mas como elemento de magnificencia e fausto, apresentaram-se gradualmente como signaes de abastança".

Um periodo servirá para dar uma idéa da presença dos escravos junto ás fazendas tradicionaes:

> "...negros africanos, não como factor economico, mas como elementos de magnificencia e fausto..."

Esse elemento decorativo valia immenso. Era o pagem, o negro-de-fiança, figura expressiva de dedicação e honestidade, pago pela confiança do amo, incorruptivel, leal, duma coragem soberba, duma finura incrivel, sempre prompto para trocar a vida pelo socego do senhor, creando-lhe os filhos com o

amor detalhista que nelle assumia minucias dum culto fetichista, agil, suspicaz, destemeroso, astuto, sabendo tudo, informando tudo, especie de cinco sentidos suplementares que o dono possuia, homem-fidelidade, o mais difficil para trahir, o mais raro para abandonar o patrão que lhe comprara, num corpo negro, a limpidez duma alma nobre e luminosa...

Na evolução economica do Rio Grande do Norte o escravo é parcella de merecimento como factor pessoal de trabalho. Num sentido de valimento como força collectiva a escravaria não teve maiores rendimentos.

São Paulo, Bahia, Minas Geraes, Pernambuco, Rio de Janeiro tiveram sua fortuna particular alicerçada no trabalho escravo. Fazendas, cafezaes e enjenhos moviam-se pelo esforço martyr do negro. O pequenino Rio Grande do Norte, tendo pouco, possuindo quasi nada, tinha, numa compensação moral que o enobrecia, o trabalho rural feito, em quasi sua totalidade, pelo braço livre do jornaleiro de aluguel semanario.

Esse facto era enunciado com um sentimento de intima superioridade da provincia pobre sobre suas manas infinitamente orgulhosas dos montes de café e da verdura infinita dos cannaviaes, plantados e tratados pelo negro chibateado e faminto, sem direitos e sem garantias.

Quando se discutia na Camara dos Deputados o projecto da repressão ao trafego africano que Eusebio de Queiroz sacudira como uma luva na arena poderosa pelas forças dos conservadores que haviam "subido" com o visconde de Olinda, um deputado pelo Rio Grande do Norte salientou o facto do trabalho agricola ser feito pelo elemento livre.

Assim resumia a tachigrafia da Camara o discurso de Moraes Sarmento (*):

(*) Casimiro José de Moraes Sarmento. Piauhiense. 13 de agosto de 1813 nasceu e morreu em Paris a 10 de fevereiro de 1860. Bacharel em Olinda, 1836, e doutor em direito em 1840. Lente da Escola Militar de applicação no Rio. Presidente do Rio Grande do Norte a 4 de abril de 1845, empossou-se a 28 do mesmo mez e anno, deixando a administração a 9 de outubro de 1847. Administrou o Ceará em 1847. Eleito Deputado-Geral pelo Rio Grande do Norte para a setima legislatura (1848) e releito para a oitava (1850-52).

"Concorda em que o trabalho do escravo não é necessario. No Rio Grande do Norte ha poucos escravos, e quasi toda a agricultura é feita por braços livres. Conhece muitos senhores de enjenho que não têm senão quatro ou cinco escravos, entretanto que têm 20, 25 e 40 trabalhadores livres, e se os não têm em maior numero, é pelo pequeno salario que lhes pagão. Disto se convenceu o orador quando foi alli presidente, porque em consequencia de elevar o salario a 400 rs. por dia, nunca lhe faltarão operarios livres para trabalharem na estrada que teve de fazer".

Assim falava Moraes Sarmento na sessão de 1.º de setembro de 1848. A palavra do deputado que presidira o Rio Grande do Norte tem maior relevancia se pensarmos que a provincia, com sua agricultura quasi toda feita a braço livre, não estava inteiramente á margem como expressão economica. Justamente nesses seis annos, 1840-46, vinha a provincia fundando sua industria assucareira. Em 1845 possuia quarenta e tres enjenhos e noventa e tres enjenhocas. Em 1847 somente por Natal sahiram 11.304 arrobas de assucar. Arrecadara em 1847-48 uma receita de 56:739$306 para uma despeza orçada em pouco mais de cincoenta e dois contos.

Lembrando a estatistica ha a informação do chefe de policia dr. João Paulo de Miranda que apurava em 1844 numa população total de 149.072 a massa escrava de 18.153. Sejam 18 para 130 de diferença. Estava, pela observação e pela logica, muitissimo autorisado Casimiro José de Moraes Sarmento a dizer na Camara dos Deputados, quatro annos depois destes dados, que *"o trabalho escravo não é necessario"*...

E para o Rio Grande do Norte, economicamente, não o era...

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Freud

No todo e em relação a qualquer uma de suas obras, a impressão que Freud me dá traduz-se numa imagem que não hesito em reproduzir tal como me aparece.

E' uma floresta imensa e acho-me na borda que a limita. Hesito sempre, não sabendo se penetro ou não, mas de todas as vezes acabo entrando. Asfixiado a principio pela vegtação, densa e especialmente forte, não sinto nada, nada me prende. Vou andando, e mais depressa agora, e mais uns passos e a floresta no inicio tão comum, tão semelhante ás outras, é agora uma qualquer coisa de especial que não se parece com nenhuma outra. As arvores enormes, isoladas, troncos gigantescos que aqui e ali enchem o vasio — cheias de espinhos que me fazem evita-las, lançam-se vertiginosamente para o céo numa ramificação sem fim. Tudo como que se crêa e desaparece a cada instante. Quasi desarvorado, caminho em silencio. A variação da floresta — essas arvores em movimento para o alto — é tudo o que mais me preocupa. A vegetação é inteiramente sem medida. Tudo é grande. Não ha arbustos. Não ha hervas. O chão é liso. E nessa estranha floresta — em que as arvores, cá em baixo afastadas umas das outras, lá muito em cima formam cupulas cerradas — ha sol, sol no chão, sol nos troncos, sol por toda a parte, e não se sabe por onde entra porque tudo é cerrado no alto.

Vou caminhando, sempre adiante... E eis que pouco a pouco o solo vae faltando debaixo dos meus pés. E em plena floresta deparo com o abismo. Está aos meus pés. Agora — assim a região cada vez vae tornando-se mais estranha — ao lado das arvores que sobem, ha abismos cavados, troncos que em vez de subir desceram para as profundidades.

Para ir adiante nessa floresta de Freud é preciso passar por cima dos abismos. Cautelosamente, sem me encostar nos troncos cobertos de espinhos, passo bem á beira dos abismos — e se olho estão escritas lá em baixo as palavras que era preciso não ver para não rolar, os complexos de Edipo e as ambivalencias de sentimentos. Mas se não olho, se fica para traz o perigo, ergue-se de novo no entrelaçamento da ramada a vegetação grandiosa banhada de uma luz interior que só póde vir de uma qualquer coisa que podemos chamar o genio de Freud-artista, de um Freud considerado como artista creador.

E' essa grandeza dentro da propria concepção da sua teoria que me obriga a não aceitar a primeira frase do estudo do Snr. Tristão de Athayde sobre Freud: "Eu vejo em Freud um Nietzsche sem genio".

E' sempre desagradavel discordar de uma autoridade como o Snr. Tristão de Athayde, especialmente no terreno intelectual, mas aqui sinto-me forçado pela sinceridade de quem aspira de ha muito a se libertar da sua admiração por Freud — peso que por vezes oprime muito. Sinto que dentro de mim se trava uma luta, por emquanto irresolvida, entre um *não* que as idéas provocam e um *sim* que o creador arranca, entre a repugnancia que elas inspiram e a admiração que ele exige. Por isso eu sonho frequentemente com o homem que ha de refutar Freud.

Refutar Freud. Um grande esforço que exige um cerebro quasi igual ao do creador. Uma inteligencia muito vasta que consiga dominar a obra toda e responder-lhe de um modo geral, grande, uma resposta global, que se imponha, que aniquile.

E como vejo essa refutação é sob a forma de uma nova teoria, de uma grande construcção que por afirmação propria, por ser verdadeira em si, torne a de Freud inaceitavel por incompatibilidade. Uma doutrina que exclua Freud. Uma qualquer coisa como isso: uma teoria (com grande base matematica) a afirmar que no mundo o sistema de Freud é impossivel porque taes outros sistemas (que o excluem) são reaes, necessarios, imprescindiveis. Ou ainda: que depois de reduzir o mundo psiquico a um sistema de equações, mostre que tal determinada equação (a de Freud) é impossivel, é de mais, é um erro.

Porque uma refutação de Freud na base de discussões parciaes, de negações de pontos determinados, como até agora, ao que me parece, foi o mais que se conseguiu fazer (vejam-se os esforços, felizes em si, de Bodin ou de Blondel), não me inspira confiança, não satisfaz de modo algum. Na desordem intelectual que reina essas refutações não teem mais efeito, não invalidam mais teoria alguma. São simples tiros de fusil quando o mundo intelectual — á imagem do mundo material — não é mais sensivel senão a balas de canhão. — Fala-se hoje por sistemas, por teorias — e os ataques contra argumentos empregados, as afirmações de que se infringiram principios de logica, não ferem mais. Passa-se calmamente por cima deles como se nada fosse.

E' por teorias que se tem de divergir de Freud. Ao lado da psicoanalise, o que encontramos de real importancia, são novas teorias, mesmo entre os proximos: é a "Individualpsychologie" de Adler ou é então a "Geisteswissenschaftliche Psychologie" de Klages e Spranger. E' por uma teoria desse genero que me agradaria sentir a queda definitiva de Freud dentro de mim mesmo.

De facto, tenho convicção profunda dessa impossibilidade de destruir Freud por pequenos ataques, pequenas mordeduras. Não ferem, não atingem. Se a comparação não fosse exquisita, diria que Freud é como que um ouriço, protegido de todos

os lados, circularmente defendido. E' um todo, insecavel e inatingivel por golpes isolados.

Ha a esse respeito na teoria da relatividade uma noção que me parece essencial para compreender a posição de Freud. Imaginemo-nos no interior de um balão, dormindo, sem comunicação alguma com o meio exterior e suponhamos que de repente esse balão se ponha a andar com velocidade absolutamente uniforme. Ensina a teoria da relatividade que se acordarmos de repente não saberemos, não teremos meio nenhum de saber se estamos nos movendo ou não. Será preciso para que venhamos a ter qualquer certeza ou que uma mudança de velocidade no balão ou que um meio qualquer de communicação visual com o exterior, nos informe, seja por alterar a uniformidade da velocidade, seja por estabelecer um ponto de referencia no exterior. O balão com tudo que se acha dentro forma nas condições imaginadas um sistema fechado em movimento uniforme, independente, sem ponto de contacto com outros sistemas.

E' como um sistema fechado em movimento uniforme que vejo a teoria de Freud (...as arvores formando lá em cima cupulas cerradas... cá em baixo a superficie da terra, mesmo quando rompida em abismos, e esse sol que ninguem sabe como entra, verdadeira creação do genio de Freud...). E esse todo é fechado domo o balão de que falamos.

E' um ciclo. A linha inicial quasi recta de uns casos interessantes de histeria, cresceu e encurvou-se com a força das primeiras conquistas da psiquiatria. E de tal modo expandiu-se que abrangendo a moral, a arte e a religião, formou emfim um circulo — essa linha que de tanto augmentar sobre si mesma, e de tanto se encurvar, encontrou-se um dia emfim comsigo mesma no mais profundo do cerebro de Freud e poz-se desde então a girar indefinitamente, circulo, sistema fechado, balão que atravessa os ares em movimento uniforme. Como dizer agora qual o inicio, qual o ponto que gerou a recta que já hoje é circulo?

A dificuldade essencial no esforço de refutação provem do facto desse balão estar revestido do mais rigido dos revestimentos, desse sistema ter sido construido com a maior solidez, tecnica que dá a Freud precisamente esse "direito a ser admirado", em nada importando que se aceite ou não a sua teoria.

Freud, mais do que o homem que "constróe" é o homem que "sabe construir". E' um grande artista creador e dos maiores que a humanidade tem tido, mas tambem e essencialmente o artista que atinge a perfeição na forma, no modo de construir, na arquitectura do sistema. Lembra Descartes, lembra Racine, lembra Flaubert. Lembra muito o Valery do "Eupalinos".

Sabe construir e é constructor por natureza. Seus livros teem proporção. Suas menores frases um fim. Aparecem como se nada fossem, e cem paginas adiante reaparecem na memoria de quem as leu, iluminadas pela significação que o desenvolvimento das idéas do livro lhes deu. Freud não se esquece pelo caminho de nada que o possa comprometer. Tudo é logico e coerente no seu sistema — uma vez aceitas as premissas. Da aceitação do caracter sexual das primeiras manifestações da creança chega-se infalivelmente ao extremo de ir descobrindo no seu desenvolvimento disposições perversas de todas as especies. Do mesmo modo o complexo de Edipo não recusado de inicio, obriga a aceitar o "assassinato dos paes". Tudo está preso, forma um todo só, um sistema fechado, impenetravel. E' o freudismo que está para a psicoanalise como o positivismo está para o metodo positivo. E' o freudismo excesso *de* e *da* psicoanalise. (Lembra até, dado o absurdo de certas donclusõees, uma refutação "pelos resultados"... Isto é: se taes eles são, se taes só podem ser dados os termos iniciaes, é que estes devem forçosamente estar errados. O erro não é visivel na origem, apenas no desenvolvimento do germem).

Por tudo isso parece-me inutil procurar refutar Freud dentro dos seus dominios. Soube precaver-se. Está munido, cercado da mais rigida das defesas, a fé que ele proprio tem,

que seus discipulos teem e que é preciso ter para crer nas suas teorias.

Não ha meio de discutir com Freud. Sempre tem razão. Se não se aceita a "libertação" no dominio moral é porque se tem "tabús" que o impedem. Se deante do complexo de Edipo se pensa em lembrar que não se póde erigir em regra, em base mesmo de um sistema, uma inclinação que se verifica mais ou menos tantas vezes quanto a que lhe é oposta, logo Freud, como a antever o argumento, fulmina-nos com a sua "ambivalencia" de sentimentos.

Não é possivel discutir assim. Quando se afirma ao mesmo tempo que vae dar: ou preto ou vermelho — não póde haver jogo. Existe "jogo", isto é: teoria verificavel, discutivel, não-artigo de fé, desde que se escolha preto ou vermelho, mas um de cada vez. Com as cem probabilidades na mão, não é possivel errar. Com cem probabilidades tem-se mesmo o que se chama: a certeza, a certeza contra todas as duvidas, a certeza que não precisa de nada, nem mesmo de verificação, a certeza que é fé. Freud é uma questão de fé. E' um profeta a quem Deus parece ter confiado baixo e em segredo que no principio eram os paes e os paes foram mortos e que ele proprio não é mais do que imagem transformada do pae primitivo.

Mais ainda: ha no "jogo" que Freud faz, alem dessas cem probabilidades — de que aliás ás vezes consente em abandonar algumas como a tentar um pouco de emoção numa cartada arriscada (ou pelo menos não-inevitavel) — ha um não sei o que que não consigo definir e que me preocupa muito. Refiro-me a essa pavorosa impressão de realidade, de verdade exacta, exactissima, com minucias incriveis, a que sucede ás vezes no mesmo instante, diametralmente oposta, a perfeita impressão de arbitrariedade, de construcção forçada ,de realidade que se falsêa. Seria a "ambivalencia" no proprio Freud. Um genio e um charlatão que falam alternativamente, confundindo-se as

vozes e por vezes até falando ao mesmo tempo. Como se, para poder "camouflar" a realidade nos pontos em que precisa, se achasse na obrigação de revela-la em toda a sua força em outros pontos.

Veja-se no caso de "Totem e Tabú", o livro de Freud que mais me seduziu — talvez em geral o menos bem aceito deles, porque o mais "fantastico", aquele em que o "realista" e o "prestidigitador" aparecem mais e mais alternadamente — veja-se nele a serie de observações felizes de onde se parte para chegar a mil fantasias de imaginação, ou o contrario, dados apanhados no ar que vão levar a constatações reaes, não sabemos, como, por magia, por força de expressão, por construção de um cerebro onde dois extremos devem lutar a todos os momentos.

Nietzsche, afirma Adler, enlouqueceu porque um dia no seu cerebro fundiram-se Cristo e Dionisios, os polos extremos entre os quaes viveu. Se Freud algum dia enlouquecer deverá ser por uma fusão dessas, entre os seus dois extremos talvez...

A idéa exacta que essa capacidade de trazer em si dois aspectos opostos como esses me dá é que um dia o mundo acordará sob a estranha noticia de que Freud vae responder a processo por se ter servido de um estratagema ilegal que ninguem tinha percebido, nem mesmo os seus discipulos, iludindo a todos os de bôa fé. E que era impossivel descobril-lo, tal era a natureza desse estratagema. Não imagino bem como será tudo isso, mas qualquer coisa como alguem que mostrasse a realidade encoberta por um vidro, finissimo — mas capaz de deforma-la — um jogo de espelhos qualquer — como esses que cream as mulheres sem corpo, só com cabeça (sabe-se que ha um estratagema mas não se percebe qual é).

Ou ainda, descobrir-se-á então que se esteve deante do simples caso dessas creanças que, aplicando sobre uma estatueta o papel de prata que lhes embrulha o chocolate, conseguem adapta-lo de tal modo ao bronze da estatueta que ela como que surge logo aos olhos de todos nos seus traços geraes, ás vezes

com minimos detalhes. Os traços são reconheciveis, são aparentemente "verdadeiros". E' dessa mesma natureza que me parecem ser os traços de vida humana que "reconhecemos", que achamos "verdadeiros" na obra de Freud.

E se existe a miragem nos desertos que a Geografia nos descreve, por que não tambem nos que a Psicologia tenta em vão encher?

Aproximemo-nos mais porem. Freud oferece aos seus futuros refutadores mais do que possibilidades de haver miragem ou estratagemas ilegaes a denunciar. Sua obra, ao lado de ser a maior afirmação que conheço do limitado das formas que o homem póde perceber distintamente (pobre "natureza" que debalde os poetas cantarão na sua riqueza e variedade de formas para que os homens comuns continuem a representa-la sempre com o limitado das suas imaginações em materia de numero de formas), aproveita-se o mais que póde dessa limitação. Tem nela mesmo uma das suas armas mais fortes.

Nada mais desesperante do que a simbologia de Freud. Submetido a ela nenhum homem resiste por muito tempo á acusação de todas as perversões sexuaes. Não lhe ficará nem mesmo a liberdade de escolha. (A psico-analise de um estudo como esse seria suficiente para me desclassificar socialmente de uma vez por todas).

Será preciso ir olhar de perto o numero reduzido de formas definidas que ha, a dificuldade que o homem tem de estabelecer diferenças entre formas semelhantes, para perceber o abuso, a verdadeira "chantagem" de que o freudismo lança mão.

A inteligencia do homem leva o desdobramento dos lados do poligono até o infinito. Mas os seus sentidos param logo muito cedo numa visão distinta do triangulo, do quadrilatero, do pentagono, do hexagono e de mais uns poucos. Confunde os outros todos numa impressão geral de simples poligonos,

até que a exiguidade de meios de representação grafica e de percepção visual, dão-lhe então uma mesma impressão de circulo ou de quasi circulo, quaesquer que sejam as diferenças de numero de lados dos poligonos entre si.

Dá-se no espaço o mesmo que no plano. O homem tem deante de si poucos padrões, poucas formas definidas de que possa dispôr para catalogar os objectos que vê. Afirma que são "convexas" duas superficies — uma de facto inteiramente convexa, a outra cheia de pequenas concavidades que não vê, ocupado que está apenas com o aspecto geral que é realmente de superficie convexa. E assim por diante em um sem numero de casos.

Freud é o homem que abusa sem medida dessa repetição constante de formas nas classificações por demais imperfeitas do homem. Qualquer pessoa sonhará com objectos que descritos serão forçosamente classificados em simbolos masculinos ou femininos porque muito dificilmente as superficies que os limitam não serão convexas ou concavas, raras vezes não aparecerão com saliencias ou reintrancias, etc.

Lutar contra quem usa dessas armas é inutil. A vitoria na interpretação do sonho ou do gesto está de ante-mão garantida. O homem só podendo ver em sonho um numero limitado de formas, terá fatalmente de ter sonhado com o que Freud determinou que corresponde a essas formas. Só quem sonhasse com objectos sem forma, sem saliencias e sem significação escaparia dessa simbologia forçada. (E' o mesmo caso do elemento sexual que Freud denuncia em quasi todos os actos do homem. Tendo ele proprio tingido de sexo, se assim se póde dizer, o germem, não é de espantar que esse no seu desenvolvimento através a vida continue com a mesma côr, igualmente tingido de sexo. Era até inevitavel.)

A conclusão estando evidente já na premissa maior, o resto do silogismo é inutil. A simbologia de Freud não é aliás um silogismo. E' um sistema de interpretação de um monumento em lingua desconhecida. Dá sentido, um sentido, — mas será,

é *o* sentido? E' um sistema de interpretação, possivel em si — mas será, é *o* sistema?

Ao refutador de Freud provar a impossibilidade desse sistema, sem que isso exclua de modo alguma a admiração que temos de ter pelo artista que soube tão espantosamente dominar as formas, reduzi-las, prendel-las nos limites que queria. Porque, o resultado a que chegou é realmente deslumbrante. Nunca artista nenhum conseguiu evocar aos nossos olhos tão maravilhosamente a variedade das fantasias em um baile como Freud ao explicar como as idéas recalcadas precisam se disfarçar para, escapando á censura, poderem se exteriorizar em sonhos, gestos e obras de arte, todo esse mundo de aparencia que encobre o da realidade profunda.

Formas e limitado das formas, bailes á fantasia, moldes de estatueta, reflexos e deformações da realidade, miragem, jogos de espelhos, estratagemas ilegaes, genio e charlatanismo que se alternam, jogo onde se tem cem probabilidades por si, pregação de profeta que tem fieis, palavras de um mestre que sempre tem que ter razão, construção admiravel, sistema fechado em movimento uniforme, circulo a girar indefinitamente, vejo tudo isso misturado e confuso na obra de Freud. A floresta reaparece. Do alto das arvores ao fundo dos abismos encontro tudo isso espalhado, dependurado, subindo e descendo em constantes mudanças, a encher estranhamente o vasio, verdadeiro reflexo do genio, de Freud. Tranquilo, continuo a atravessar a floresta.

Rio — Janeiro de 1931

OCTAVIO DE FARIA

Bazar Colosso

Quando o sr. Oliveira, reunindo algumas economias, montou num andar terreo escuro o primitivo Bazar Colosso, que um tabique de madeira separava do seu quarto de dormir, não faltou quem duvidasse do êsito da tentativa, considerando arriscado para o sr. Oliveira o seu estabelecimento. Naquele ponto só talvez um açougue, que o S. Leopoldo andava descontentando a freguezia: já não vendia por mês, queria dinheiro á vista e só sabia carregar a mão no contra-peso e na aba. Quanto a negócio de bazares, estava alí a dois passos a loja de ferragens do Martinho bicheiro e o que esse por acaso não tivesse, encontrava-se com certeza no "Aos dois Elias", um armarinho e tanto, uma casa que era um brinco. Tudo de bom e do milhor. Depois que os dois Elias botaram o seu armarinho, quem é que ia comprar os artigos do ramo na cidade? Só bobo. As casas da cidade o que têm é mais luxo. Quem é que paga o luxo? O burro do freguês, que súa para comprar caro lá o que tem baratinho em frente de casa, a mesmíssima coisa. Naturalmente. O camarada não gastou o dinheiro em aluguel, instalações, escritórios e mais enfeites e babados? Pois tem de ir busca-lo de novo, que o bom filho á casa torna. Já com as firmas do bairro não se dá isso. Não tem fofices e espelhames, não precisa empregados, que os donos mesmo servem, mas a gente compra o que quer; e o que é que se quer mais sinão comprar o que se quer?

Si eram bons tais motivos, nem por isso lhes deu ouvidos o sr. Oliveira. Instalou-se alí disposto a alí ficar. Mostraria

si era ou não homem de fazer vingar um negócio onde bem lhe parecesse. E alí estavam deviam haver pr'aí uns vinte anos e pico, o sr. Oliveira e o seu Bazar. Ambos muito mudados, é verdade, mas para milhor. O bazar nem parecia o mesmo. Ocupava agora os dois primeiros andares de uma casa de três, reconstruida já em sua intenção. Em baixo ficava a loja propriamente dita. No primeiro andar, um pequeno escritório e o depósito de mercadorias. No segundo, finalmente, morava o sr. Oliveira com a Ecelentissima e a única filha do casal. Poderia, si quisesse, morar com a familia em outra casa. Mas nunca tivéra coragem de abandonar o Bazar Colosso nem mesmo para dormir. Alí se casara. Alí lhe nascera a filha. Alí grangeara a simpatia e a preferência do bairro, que êle pode-se dizer que ajudara a progredir. Alí vira aumentar na mesma razão (um bom par de contos de réis por quilo) sua fortuna e seu corpo, ambos, hoje, de vulto respeitável. Alí conseguira tornar-se uma opinião acatada e adquirira titulos de benemerência e respeitabilidade. Estava, portanto, definitivamente fixado e, como se vê, sua vitória fôra completa.

Tambem o sr. Oliveira introduzira no bairro processos novos de negociar. E a estes devia certamente a milhor parte da vitória. Ainda hoje, si lhe perguntarem o segrêdo da sua rápida prosperidade, o sr. Oliveira responderá:

— "Ah! m'o amigo, isso d'n'gócios, é uma aiarte cum'outra qualquere. E' pr'ciso cá um certo num xâiquê. E' a tal história da cump'tância. El's metem isso d'safadeza, nas r'vistas, mas deixe 'star que nunca vi coisa mais v'rdadâira."

Essa arte e essa competência, o sr. Oliveira as possuia como ninguem. Só podia comprehender até que ponto êle tinha o direito de lhes atribuir o seu triunfo quem o tivesse visto em acção, conquistando o terreno sem pressa, tratando mais do futuro que do presente, muito seguro de si, como quem não ignora que traz em si mesmo a sua propria fortuna.

Hoje, como nos primeiros tempos, o Bazar Colosso não se abre sem ser sob as vistas esperientes do seu proprietario.

E' verdade que agora já não é êle em pessôa que levanta as cortinas de ferro, que espana e que varre. Tem empregados. Mas está sempre presente a esses preparativos, que dirige e fiscaliza com a autoridade de quem saber fazer o trabalho milhor do que qualquer um e, si fôr preciso, vai pegar na vassoura, para ensinar. E o dia inteiro o sr. Oliveira não arreda pé alí da loja. Preside ás negociações, intervindo oportunamente na conversa, dando uma opinião, concedendo um abatimento, e fazendo as honras da casa. Isso quando não se põe êle mesmo ao serviço de algum freguês de qualidade. Nesses casos utiliza-se dos empregados apenas para procurarem a mercadoria, que êle mesmo faz questão de mostrar e oferecer ao freguês.

— Então, ó sr. António, aquela peça d'morim? Ond'stá o senhor co'a cabeça, hóm? S'gunda prat'lâira, á esquerda!

De sorte que certas pessoas só querem ser atendidas pelo sr. Oliveira e não o encontrando no seu posto, si não pódem mandar chama-lo, preferem deixar as compras para outro momento. Mas quasi sempre o sr. Oliveira está na porta, afim de receber a freguesia e ao mesmo tempo aproveitando para dar uma palavra ou outra ás pessôas conhecidas que passarem. Que êle é homem de muitas e muito boas relações.

— Ora viva! o sr. Dr. Fontes! Muito bons dias, Vossência como tâm passado? A saudinha é bôa, não é assim? E a eç'lentíssima? Ha umas poucas d's'manas qu'não nos tem vindo dar uma vista d'olhos á casa. Ah! sim? Não, não sabia. Em todo caso diga-lhe qu'temos r'ç'bido muito artigo d'priméirissima. Quando qu'zer nos dar o prazer d'uma v'zitinha... Páss muito bem, sr. Dr. E aqui 'stamos, hain!

— Ái qu'rica surprêsa! A s'nhóra Julieta! Ainda antes d'ontem cá tivemos a falar na s'nhóra. Ó! sr. António! Qué daquelas amostras? Traze-m'as! Anda, rapaz! As outras, as outras! Isso, sim. Dá cá. A senhóra Julieta não pod'ra dar-m'o seu par'cer sobre estas amostras? 'Stou pra fazer a encomenda ha uns quantos dias, mas com este n'gócio d'modas a gente não sabemos o que se 'stá mais a usar. A

senhora Julieta podia ajudar-m'a escolher, isto é, lembrâi-me eu. Essas quatro, acha? Ó sr. António! tom'nota aqui dessas fazenda, faz favor! Não, senhora, trem d'cozinha não temos tido ultimamente. A uma, qu'não tinha muita saída, a duas qu'nós 'stamos n'gociando mais em artigos d'armarinho, p'rfumarias e brinquedos. Mas a senhora Julieta deixa-m'a lista do qu'stá a pr'cisar qu'dentro d'dois dias...

— ...

— Ora iessa! Era ó qu'faltava! Não faço mais qu'a minha obrigação. O Olivâira não 'stá aqui pr'outra cousa sinão pra servir os fréguêz's e amigos, como a senhora Julieta. Si m'dá licença, leve aqui est'caderno d' d'zenho aos garotos. Isto é fácil, é só passar aqui o lapis a côr's... Nada, não s'nhora. Ora iessa! uma cousa á tôa! Não seja por isso. Passar bem, s'nhora Julieta, até amanhan.

Assim passa os seus dias, diligente e gentil, o sr. Oliveira. Sua atividade comercial tem só duas pausas: a hora do almoço e a do café. Assim mesmo o café êle costuma tomar alí no balcão do fundo. Vem uma bandeja com a chicara e uma fatia de pão com manteiga ou biscoitos. E de noite, o fim da faina, o jantar, o descanso, lá uma vez por outra, um passeiozito, uma visita, ou mesmo um cinematógrafo.

Decidas as cortinas do Bazar, o sr. Oliveira sente-se outro homem. Sobe e vai gozar um pouco a sua vida de familia, o seu lar. Durante o almoço tem o sentido na loja. Os caixeiros fazem-lhe cada uma! O sr. Oliveira não póde entregar-lhes a casa sem desassossêgo. Aquilo lá é gente de confiança! Não quanto á honestidade, que nesse ponto, graças á Deus, êle não tem de que se queixar. Mas que grandes parvos! Falta-lhes a bóssa do comercio, o amor á arte. Esses nunca seriam capazes de levar por diante uma casa ou a bom termo um negocio. E note-se que não lhes faltam lições e esemplos. Mas qual! quem nasceu pra dés réis não chega a vintem. Uns boas-vidas é que êles são. Aquilo lá está se incomodando com o lucro da casa? Êles querem é trabalhar pou-

co e vêr o ordenado no fim do mês. O sr. Oliveira está farto de ensinar: seja o que fôr que o freguês procure, é preciso mostrar alguma mercadoria. O lema da casa, o lema do sr. Oliveira sempre foi esse. Ao freguês nunca se diz — "isso não tem". Não tem mesmo? Então dize-se assim: "Atualment' ha falta dess' artigo, mas 'stamos pra r'c'ber". Ou então assim: "O nosso stock esgotou-se mas podemos tomar a encomenda e amanhan sâm falta lh'o mandamos l'var á casa". Ou ainda: "Dess' não temos no momento mas temos aqui um suç'dáneo qu'faz o m'smíssimo ifâito". E vai-se buscar o sucedaneo queira ou não queira o freguês. Do contrario a coisa não vai lá das pernas. Quantas vezes o freguês vai procurar pincel de barba e sai com escova de dentes, caneta, pó de arroz, um córte de vestido e alguns brinquedos? A vida é essa, meu amigo. E quem não tiver geito para isso, que vá plantar batatas ou coisa que o valha, mas que não se lembre de ir para o comercio.

Por isso tudo, só de noite é que o sr. Oliveira pode estar tranquilo, gozar um pouco a vida, repousar. "Sab'm'até m'lhor a comida" diz êle satisfeito de emfim poder se despreocupar. Ninguem iria chamá-lo. Não se corria o risco de perder freguês nenhum. A mercadoria estava toda arrumadinha nas prateleiras, descansando tambem o seu bocado até o dia seguinte. O sr. Oliveira sobe, lava as mãos, a cara, passa um pente no cabêlo, senta-se na cadeira de balanço.

— Francisca!

— O' Francisca!

— O' Francisca! ó r'pariga! ó coisa! ó raio! Irra! Cheguei a pensar qu'não tinha cá ningâm! Qu'é do "Commercio" d'hoje? Hâin? Dá cá.

E com os telegramas do "Jornal do Comercio" vai-se distraindo até servirem o jantar.

O jantar era o grande momento da vida da familia Oliveira. De dia andava cada um pra seu lado. O velho na loja, a velha em casa, a filha quasi sempre na rua, a estudos. O

jantar os reunia e cada um contava da sua vida. Falava primeiro a pequena. Si não falasse espontaneamente, o sr. Oliveir perguntava. Em seguida o sr. Oliveira relatava os acontecimentos internacionais que acabava de lêr. Depois dava noticias dos negocios: mercadorias entradas, movimento da caixa, incidentes com os caixeiros ou com os fregueses, gente e coisas que vira. A sra. Oliveira indagava detalhadamente do que contavam a filha e o marido. Fazia o seu comentário. Ela mesma raramente tinha o que contar. Pouco saía. E uma visita alí era um acontecimento.

Nessa casa de gente pacata, de gostos assentados e hábitos fixos, a pequena era o movimento, a ebulição, o levedo. A esse meio era ela que emprestava graça, vivacidade, desordem: coisas da mocidade, que era necessário fiscalizar e conter, mas que já se tinham tornado indispensáveis ao proprio sossêgo que perturbavam. Graças a ela não se perdera de todo alí o gosto do imprevisto. E o imprevisto dava ao todo dia, ao que se faz de cór, um encanto sempre novo de equilibrio reconquistado. A pequena era o principio de vida e de inquietação que alterava aquela placidez, era a força em aplicação sobre a vida do casal, que era a resistência. Tudo alí era sabido e invariavel, tudo era hábito e repetição. Só a menina introduzia nessa insipidez o inesperado, a surpresa e por conseguinte a alegria. Repreendiam-na ás vezes. Esforçavam-se para refrear um pouco o que levavam á conta de irreflexão e de infantilidade. Coisas que passariam com o sizo... Mas que sería dêles si não tivessem essa obrigação de represar a cada instante aquela turbulência? Porque na fiscalização que eserciam entrava uma dose de dever e outra de divertimento: o sr. Oliveira, principalmente, gostava de proibir demais para conceder um pouco. Mesmo nessas coisas êle sabia como fazer os seus abatimentos. A pequena, por seu lado, aplicava o mesmo golpe para cima dêle, certa de sempre obter tudo que desejasse, por pouco que fingisse sacrificar á sua vontade. De modo que o jogo era ecitante para ambos e o fingimento, recíproco.

Assim Dédé fôra conquistando suas liberdades. O que ontem obteve a custo, hoje é direito adquirido e, a sério, não se discute mais. Seu cabedal aumentara por esse modo, até garantir-lhe um "modus vivendi" bastante amplo e definitivo. Agora, só mesmo de brinquedo se levantavam objeções contra os seus desígnios. O mais, eram cuidados de saúde, precauções sábias ("Não m'sáias sâm agasalho por uma noute destas", "Pois não levas guarda chuva, ó garota?!") ou então pequenos embaraços de ante-mão vencidos, que ditava menos a vontade de impedir efetivamente alguma coisa do que o gosto de uma "d'scussãozita" seguida do prazer de conceder a licença depois da espectativa de uma proibição.

Dédé prestava-se de bom-grado á bricadeira. Compreendendo o jogo do velho, tinha a certeza previa da licença. Êle lá era capaz de lhe negar alguma coisa! Mas Dédé sabia ser cautelosa. Tinha descoberto o segrêdo do velho, mas não vê que era boba de dar demonstração! Logo quem! A principio, sim, a negativa desconcertava-a e a concessão final era tida como uma reforma, que ela conseguia á custa de argumentos sólidos e pedidos ardentes. Agora, quando o velho negava qualquer coisa, ela sabia que daí a pouco êle ia deixar. Nenhuma sensação lhe davam mais a proibição e a licença. Mas ela sabia que o prazer do velho estava em provocar nela aquelas impressões e tinha o cuidado de proceder como si continuasse a sentí-las do mesmo modo e com a mesma intensidade.

— Papai!

— Qué que tu quer's?

— Papai... (E ela vinha se chegando toda engraçada)

— Aposto em como 'stás a inventar mais uma asnâira!

— Asneira não, Papai. Então você acha que sua filha ia inventar uma asneira!

— Ora iéla! Não faz's outra cousa... Paréss qu'passas o dia a pensar qu'asnâiras mais pód's inventar prá noute! Olha qu'já té não hão d'faltar muitas, lá isso é qu'não faltam.

— Ora, papai, deixe de historias, onde é que você já viu menina ajuizada como a sua filha? Cadê? Me mostre! Tá aí! Embatucou. Tambem a gente inda bem não falou, já você vem com partes. Assim é impossivel!

— E qu'tal 'stá iessa agóra! Uma garota dessas quas' a ralhar cómigo! Não 'stá má, pois não! Um homem r'spâitável da minha idade!

— Chi! você hoje está! nem me deixa falar. O que vale é que...

— Num tâm val nâm mâio val. Hoj'num m'sái d'cá ningâm. Por uma noute destas! D'pois era o qu'faltava. Quâm é que manda aqui dentro?!

— E' você, não é! Eu estou só pedindo. A noite até não está feia... Você deixa?

— Dâixa o quê, si ainda não m'p'diste nada?

— Ué! Mal eu abri a bôca você lógo empombou comigo! Estou até te estranhando. (Pausa). Eu quero ir é no S. Christovão sabe, Papai. Você deixa, não deixa?

— Qu'história é iéssa d'S. Christovão?

— Tem festa lá. Eu ia com a Luiza e o irmão, na volta êles me traziam em casa e pronto.

Emquanto fala sem olhar para êle, Dédé vem se chegando outra vez. Senta no braço da cadeira de balanço, endireita o penteado do "velho".

— Ih! espera aí. Fica quietinho... Um cabelo branco! Olha aqui: branquinho da Silva. (Pausa). Você deixa, deixa? Papai não fez a barba hoje?

— Ai fiz, fiz. Mas por um calor destes ela créss um p'daço.

— Então posso ir?

— Bâm, pod's ir. Vai, vai, mas...

Mas o quê, sr. Oliveira? Dédé já está tratando de se vestir. Daí a meia hora está pronta, toda cheirosa, toda pintada. Dá-lhe uma porção de beijos bem estalados, promete voltar cedo e vai esperar a Luiza no portão. A Luiza...

— Alô, Dédé!

— Até que enfim! Eu já estava assustada com tanta demóra.

— Estás esperando ha muito tempo?

— Claro. Você não disse 9 1/2?

— Não pude. Tive um defeito no carburador. Fui fazer força na garage. E a licença? Dificil?

— Tch! (muchôcho) Canjissima. O velho é camarada, coitado.

Vem-lhe uma onda de ternura. Tão bom pra ella aquêle pai. Tão pronto para fazer-lhe todas as vontades. Ela sentiu vergonha de proceder assim. Aquilo não era coisa que se fizesse. Que é que êle diria, como ia ficar desesperado, coitado! quando descobrisse. Esteve calada um momento. Os olhos perderam a vivacidade. Tinha as mãos frias. A barriga fria, como quando o elevador dece. E o coração batia depressa como si fosse muito pequenininho. Gente pequena é que anda sempre mais depressa.

— Que é isso, Déde? Vamos deixar de besteira. Agora ou nunca mais...

Aquela voz abafada, e o misterio do que deixara em suspenso a despertaram. Diante dela abriam-se o mundo, a liberdade, a vida. Agora ou nunca mais era a oportunidade para a sua Grande Aventura. Desistir no ultimo momento, quando tudo estava preparado? Continuar aquela vida, quando bastava um passo?... Loucura. A que pretesto? Como esplicar? Ir a casa de Luiza e contar tudo a ela? E aquêle chamado, aquela curiosidade...

— Cadê o embrulho?

— Já levei de dia. Depois você apanha.

— Lá mesmo?

— E'.

— Então vamos, duma vez. Estamos perdendo tempo. Tóca! Prá frente é que se anda.

— Meu bem, eu...

— Eu coisa nenhuma. Vamos.

Tomou-lhe o braço, arrastou-a. Era preciso acabar com a hesitação. Ela seguiu meio á força, em silencio. Suspirou aliviada. Sentira diminuir a sua parte de responsabilidade e dava graças a Deus. Parecia-lhe que sósinha nunca teria resolvido a dúvida. Entretanto até aquêle instante não tinha vacilado um segundo! Só na ultima hora um receio súbito e aquêle remorso. Assim, uma outra vontade é que escolhera por ela no momento decisivo. E' verdade que tudo já estava se realizando mas ao menos não dera por si o último passo e com isso sentia-se aliviada. Não via o caminho que iam seguindo. O automovel esperava numa esquina sombria. Desta vez êle não permitiu mais demoras. Fê-la entrar bruscamente. Era um cabriolet e tinha as cortinas decidas. Não seriam vistos. Êle passara um braço em volta do pescoço dela e procurava fazel-a recostar no seu peito. Enquanto isso ia acompanhando: "Pegou... Primeira... segunda..." Ela se opôs a principio, de medo. Ainda não readquirira a confiança. Tinha cada vez maior o frio na barriga. E os labios tremiam um pouco. Parecia um sonho, um pesadelo. Tinha medo, tinha medo do fim. Ha pouco, na rua arborisada e escura, como agora no automovel, parecia que uma fumaça... Onde é que estavam passando? As luzes de onde seriam? Norma... Teve uma especie de tonteira, não pôde lêr e não viu, não pensou mais nada. Deixou encostar o rosto, deixou-se abraçar, beijar... Estava bom.

Êle compreendera a resistência, respeitava o silencio. Ia reparando: Figueira de Melo bonde de tostão a padaria e confeitaria onde quasi fôra preso uma noite de farra, um cinema, um onibus esquisito, que diabo de onibus sería? Alguma linha nova. Campo de S. Cristóvão. Ô casarão indecente! São Luis... Êpa! uma brecada violenta, um safanão.

— Pra quê que tem buzina, seu estúpido!

— Vá dormir em casa, seu... Desgraçado! São Luis Gonzaga. Si fosse em outra hora êle ainda havia de vêr quem é que é estúpido.

Dédé, mais tranquila, continuava achando bom.

Seu Oliveira, no dia seguinte, acordou tarde: sete horas passadas. Havia mais de seis anos que isso lhe acontecera a ultima vez, por causa de uma enxaqueca. Dai pra cá nem mesmo aos domingos. Bem que êle tinha vontade. A mulher ajudava: "Pra quê se matar desse geito, seu Oliveira? De primeiro não digo, tinha precisão. Mas agora pra que? Não tem quem abra a casa? Não tem quem arrume, quem varra? Lá em baixo, tão cedo, fazer o quê?" Seu Oliveira concordava, não podia deixar de concordar. O diabo era o hábito. Áquela hora certa era como si tocasse o despertador. E êle tinha de pular da cama, quisesse ou não quisesse. Mesmo porquê "isso d'ficar pr'alí d'papo pró ar, a fazer pão grande é coisa d'mandriões e não dum hómem d'trabalho". Ora, si ainda ha neste mundo um homem de trabalho, esse é certamente o sr. Oliveira, a quem se poderá negar qualquer outra qualidade, menos essa, que é a base mesma da sua vida e do seu caráter. Êle precisa estar em atividade, á frente dos negocios, para se sentir satisfeito. E si aos domingos ás vezes vai, mais a familia, a algum passeio — uma tourada á portuguêsa no Saco de S. Francisco, um convescote no Alto da Boa-Vista, um lanche no Leme, ou lanche e cinema na cidade — não é tanto pelo prazer do proprio passeio, mas para matar o tempo, para poder atravessar o dia insípido que é para êle dia em que ficam decidas as cortinas do Bazar. Assim fechado, o Bazar tem um aspecto desagradavel. Por pouco lhe faria horror, como a idea de doença ou de morte.

Pois naquêle dia passava das sete quando o sr. Oliveira sentou-se á mesa do café. Estivera acordado até tarde, esperando a garota, que êle não conseguia dormir sossegado emquan-

to não a soubesse recolhida. Seriam pr'aí umas duas e coisa quando o sono o venceu. Os olhos já estavam fecha-não-fecha. Fecharam-se. Tão cansado! Acordou já de manhãzinha, quando começava a clarear. Levantou-se e foi ao quarto da garota. Esperimentou a porta: fechada por dentro, ora graças! Tambem si aquela hora ainda não tivesse chegado... Ah! mas mesmo assim desta vez era preciso ser enérgico. Podia lá saber a que hora ela tinha entrado! Talvez pouco antes. Veja-se como isto anda! Até uma hora destas por aí, a dançar! Ai! esta mocidade. Antigamente nem um homem, um rapaz, quanto mais... Aahn! Não devia ter comido aquelas salchichas. Emfim era tratar de aproveitar o restinho da noite. O sr. Oliveira já tinha chegado ao quarto. Sentou-se na cama, bem devagar, que era pra não acordar a sua Teresa — diabo de joelhos já tão perros, diabo de idade que enferruja a gente. A garota a...manhan... me pá...aga... Nisso, tudo cessou e a paz foi com êle, que mergulhou numa profunda ausência.

Agora, tomando o seu café, voltava-lhe ao pensamento a necessidade de acabar com esses abusos.

— T'resa? Vist'entrar a garota esta noute? ai, não? Pois nâm eu. Olha qu'stive acordado até ás tantas. Ah! mas não deixo isso ficar nesse pé. Eu hoje digo-lhas. Qu'dessa vez temo-la travada, ai temos temos. Olarilas! Não a dâixo mais meter-se nos tais bailaricos. Vai chama-la, tu, que eu quero falar-lhe.

— Então não sei que você vai falar alguma coisa! Seu Oliveira parece criança. Da bôca pra fóra é só fazer e acontecer. Quem vê diz que é verdade mesmo. Vai olhar de perto, é lingua só. Ora dá-se! Você mesmo é que bota essa menina assim, cheia de partes, vai deixando tudo, até ajuda a assanhar! Depois quando ela fica aí que nem caxinguelê, que não tem sossêgo, daí você acha rúim... Vá achando. Eu com isso? Vou me meter? Sou besta! Vou chamar mas é nada. Deixa ela dormir. No almoço, si quiser, você fala.

Seu Oliveira ouviu calado. A censura era justa, o conselho era bom. Êle franziu um pouco a testa, virou o resto do café e deceu aos seus afazeres.

D. Teresa — havia já tantos anos e ela não tinha geito de se acostumar com esse tratamento, a dona era como sapato bonito mas apertado, que dá vontade de calçar, a gente calça, machuca — D. Teresa ficou na lida e nas arrumações do costume. Tanta coisa em que pensar, meu Deus! Determinar almoço, presidir ás compras e á limpeza da casa, ensinar ás criadas como é que se faz o serviço. Hoje em dia não vê que se acha mais criadas que saibam fazer um serviço decente. E' tudo matado e na carreira, para acabar cedo. Felizmente D. Teresa estava alí pra corrigir e mandar tornar a fazer de novo. "No meu tempo, pensava ela, trabalhava-se como burro, desde de manhan até de noite. E cada pessoa esigente que Deus te livre. Hoje? Hum!" D. Teresa ia e vinha ocupadissima, toda entregue aos seus problemas, aos seus projétos, ás suas dificuldades. Sua vida inteira consumia-se nessa preoccupação absorvente. E' preciso arranjar um vaso pra cima desta mesa, um capacho para a entrada, um tapete novo pro quarto de Dédé. Este ultimo projéto lembrou-lhe que já eram horas de acordar a filha, sinão almoço saía e ela não estava pronta. E era dia de lição.

— Francisca! ô Francisca! Bate no quarto da menina e diz que já são horas, almoço está aí, está na mesa.

Francisca não respondeu. Francisca nunca responde. Ela não vê a menor necessidade de responder quando lhe falam, mesmo que seja perguntando. Mandou? Ela vai fazer. Perguntou? Em geral ela acha geito de traduzir a pergunta em ordem e vai fazer. Por causa disso uma vez D. Dédé xingou ela de malcriada. Ela fez uns olhos grandes, espantados: "Ué, gente"! Sim, ué, gente! Malcriada porquê? D. Dédé não disse o que queria? Então? Logo mais, quando pudesse, Francisca ia fazer. Na hora, dizer o quê? Só que ouviu,

que entendeu? D. Dédé que tivesse paciencia e desculpasse, mas a gente não é surda e nem tão pouco é besta.

— D. Dédé! D. Dédé! Ô D. Dédé!

Para tornar mais persuasivo o chamado Francisca ia batendo na porta. Devagar a principio, foi aos poucos levantando o tom da voz e das pancadas. Êta, sono! Está ferrada mesmo. A estas horas do dia! E tome disso: D. Dédé! D. Dédé! Já estava quasi gritando e dando sôcos na porta. D. Teresa vem vêr a causa do barulho.

— Ela não quer acordar nem por nada. Só a gente entrando e sacudindo. Mas a porta está fechada...

Agora é D. Teresa que bate e que chama: "Dédé! Ô Dédé, ô minha filha!" D. Teresa começa a assustar-se. Terá acontecido alguma coisa á Dédé? "DÉDÉ! DÉDÉ! Francisca! Francisca! vá correndo lá em baixo, chama seu patrão depressa aqui, que a menina nãₒ fala".

Seu Oliveira estava dobrando uma peça de fustão. A essa voz que "a menina não fala" seu Oliveira pulou:

— Como qu'não fala! Fala tu ântão, 'stupor!

— Não senhor, seu Oliveira, eu chamei chamei bati bati bati ela não quis responder. Daí veio a patrôa e está lá chamando. Então ela dise pra mim vim cá em baixo correndo, chamar o senhor, que a menina não fala. Então...

Seu Oliveira não quer ouvir mais nada. Sobe como pode, pálido, correndo. D. Teresa vendo-o ofegante e assustado entrega-se de uma vez.

— "Que é isso, mulher, não m'steja pr'aí a chorar com'um b'zerro. Temos d'arrombar a porta, é o que ha". Mas dizendo-o, o sr. Oliveira começava a ter os olhos turvos, êle tambem. Era o qu'faltava! Um homem! Mãos á obra. Um impulso: quasi. Outro. Aí! Hummm... Plá! Cedeu.

No quarto vasio, tudo em ordem. Cada coisa em seu lugar. Nada nada nada de estraordinario. Nada? E Dédé? Como é que a porta estava fechada? Ah! alí estava a chave,

alí no chão. E Dé... Um papel espetado no travesseiro com um alfinete foi descoberto por D. Teresa. Seu Oliveira avança, arranca a folha.

Queridos Papai e Mamãi.

Quando esta lerem a sua Dédé estará ("é 'stará, pois não é"? e uma névoa passa diante dos seus olhos que mal podem adivinhar a dança das letras na sua mão)... estará bem longe daqui. Sim, Papai, o baile do S. Christovão é pretesto só, mentira, eu vou fugir com o homem a quem amo. Seremos um do outro porêm sem casarmos, pois o casamento é uma prisão que nós não precisamos porque o que nos prende, o homem e a mulher, é o Amor e não bobagens. Espero sermos muito felizes e perdôe-nos, Papai e Mamãi, esse desgosto.

A filha saudosa que os estima

Dédé.

N. B. — Darei noticias.

Seu Oliveira não pôde lêr até o fim. O papel tremia cada vez mais entre seus dedos. Todo êle tremia, seu Oliveira. Tudo tremia em volta dêle. Nos seus olhos turvos e húmidos passa desta vez uma sombra. Parece que ha nêle qualquer coisa que se desequilibra. Quer estar em pé e não pode. Quer segurar-se em qualquer coisa, mas não sabe calcular a distância. O braço não alcança o que queria. D. Teresa dá-lhe a mão e êle se sustém um pouco. Mas o soalho parece que o olha, que o amarra, que o atrái, isso, atrái. E' um chamado, é uma ordem e êle sente que... eh! lá vai.

Quando seu Oliveira dá conta de si, está na cama. Que foi, hein? Ah! Pálido, pálido. Lagrimas brotam dos olhos

dêle, nem êle sabe como. Vê o quarto todo deformado através das lágrimas. Enxuga-as no braço. E a testa fria. D. Teresa estava alí inclinada sobre êle, enxugando-lhe a testa fria.

— Agua!

Agua. Um copo inteiro de agua. E a garganta ainda sêca. Ao mesmo tempo uma coisa no estômago. Um bolo, um pêso, uma vontade de vomitar. Devia estar muito mal. Quem sabe si ia morrer? Morrer! Êle, o sr. Oliveira, do Bazar Colosso, que ainda ha menos de uma hora lá estava, em baixo, ás voltas com uma peça de fustão. E', devia estar muito mal. Nunca sentira assim uma coisa tão esquisita por dentro. Aquilo tudo havia de estar fóra do lugar. Seu Oliveira procura levantar-se. Está que não se pode ter em pé. E o quarto dêle, já arrumaram? Então êle vai meter-se na cama, a vêr si milhora um pouco. A sua Teresa ajudando, êle podia ir bem devagar, firmando-se aqui e alí. O quarto é perto. Essa agora! Que tinha de deitar-se, isso lá tinha. Avisassem os rapazes, na loja. Um choque daquêles! Aquilo não lembrava ao diabo! Uma desgraça assim! E logo na véspera é que lhe deu para comer aquellas salchichas.

Dois dias e duas noites esteve de cama o sr. Oliveira. Entre a vida e a morte, diria êle mais tarde. No primeiro dia teve febre e o tal pêso no estômago. A esses dois sintomas, na verdade, não eram de todo estranhas as salchichas. Tudo passou, á noitinha. D. Teresa tinha prática dessas coisas e sabía remédios caseiros. Ficou-lhe ainda o nervoso. A's vezes uma sensação de frio perturbava a sua tristeza. Pouco sôno, e esse pouco atormentado de pesadelos. Com o nervoso vinha-lhe de vez em quando um amolecimento sentimental, êle enternecia-se, tinha uma especie de pena de si mesmo, uma vontade de chorar a sua infelicidade. O segundo dia, passou milhor. Lia e relia a carta da filha, ond'andaria agora a póbre-

zita? Aquilo eram coisas do raio do hómem, que ela por si não era capaz. Mas ah! si êle o agarra! Nesse dia pôde dormir e recebeu sem desagrado os seus caldinhos. E no terceiro, sentindo-se mais forte, si bem que ainda abatido, decidiu-se a voltar ao trabalho.

Seu Oliveira foi se vestindo devagar. Pressa? Pra quê? Êle tinha perdido a alegria de trabalhar. Estava com a sua vida para sempre estragada. Para sempre? De certo. Sua vida agora ia ser como um domingo, sem a sua filha, a Dédé, a garota. O que sería o jantar, só com dois lugares á mesa? Ah! fatalidade! Seu Oliveira certamente tería preferido morrer.

— Eu não sâi, T'resa, mas 'stá m'a par'cêr qu'nunca mais acharemos gosto a esta nossa vida, sâm a garota. Quando iamos nós imaginar qu'assim uma d'sgraça nos 'stava a d'zabar á cabêça!

— Seu Oliveira é bobo? Mais cedo ou mais tarde faz diferença? Não tinha de acontecer? Casava, ia s'embóra... Você não sabe que o bocado é pra quem come?

— Você m'vâm com cada uma cumparação! Qué que tâm uma coisa com a ioutra? Si éla se tâm casado era muitissimo dif'rente. Podia ficar aí, mais o marido...

— Diz você... Não ficava.

— Não ficava?! Ora iessa! Então porquê qu'não ficava? Ficava, ora si ficava! Tu tambâm. Tinha d'ficar, digo eu. Emfim, ficáss' ou não ficass', vinha aqui, a gente ia v'sitá-la, era ioutra coisa.

— Ué, então vamos assim mesmo.

— Vamos ond'? A gent' nâm ao menos sabemos ond' éla 'stá. D'pois, já ieu diss': é muitissimo dif'rente. Ir vê-la á casa do gajo que a s'duziu! que a raptou! Sim, qu'isto foi um rapto, uma violéncia, um ardile. Um mis'ravel qu'arrastou minha filha á d'zonra, que não tev' duvida em jogá-la á lama, róbando-a dum lar honesto, duma vida d'cente e honrada. Ah!

mas rais m'apartam si eu lhe não deito a mão e lhe não amarróto a tromba!

Essas palavras, essa indignação, eram, porem, coisa passageira, que já não dizia com o seu sentimento profundo. Na realidade êle não tinha raiva de ninguem, nem mesmo do gajo. Estava escrito, era o destino e êle conformava-se, ou pelo menos não tinha força para guardar rancores. Seu resentimento voltava-se contra o destino absurdo que o fizera criar a filha querendo-a daquela maneira para ela depois...

O que mais lhe doía agora era lembrar-se de que tinha-o enganado, ela, a quem seu Oliveira queria daquela maneira. Tinha-o enganado, tinha-o abandonado êle e a velha, tinha fugido. E a sua desonra refletia sobre a vida dos pais, de seu Oliveira, principalmente, que não havia como não se sentisse tambem um pouco desonrado. Seu Oliveira tinha tido uma idéa que, pensando bem, considerou feliz e resolveu pôr imediatamente em prática: vestir-se de preto, de preto, sim, pelo resto de seus dias. Só a roupa preta poderia condizer com as trevas que lhe iam na alma. Era o luto que êle queria botar pela sua vida feliz, pelo seu amor de pai tão mal recompensado, pelos seus vinte e tantos anos de trabalho honesto para formar para si e para os seus além de um pecúlio, uma reputação, longe de supôr que o primeiro peralvilho de alguma lábia a viria enxovalhar.

— Ai! est'val de lágrimas! Ai, vida, vida!

Seu Oliveira ainda nesse dia não quis o seu café com leite. Tomou chá simples, sem provar as torradas feitas por D. Teresa e deceu ao Bazar. Sua atitude digna não convidava a interpelações ou comentários. Os caixeiros — eram tres — deram-lhe a uma voz o bom-dia. Seu Oliveira mal respondeu. A casa já estava aberta, que era tarde. Seu Oliveira olhava as suas mercadorias, os seus balcões, as suas prateleiras. Tudo como sempre. Achava odioso que tudo estivesse nos seus lugares como si os dias de agora fossem iguais aos de sempre, como si nada tivesse acontecido. Um desgosto tão grande, ta-

manha desgraça e tudo continuava na mesma, já êle não falava no resto do mundo, mas alí mesmo, no *seu* Bazar. Pareceu-lhe que os caixeiros se olhavam num misterioso entendimento. Naturalmente teriam comentado o caso a seu modo, sem o menor respeito, provavelmente com obcenidades. E isso levava seu Oliveira a uma ordem de pensamento que êle se sentiu no dever de reprimir imediatamente. Mesmo para não estourar.

Êle estava precisando de uma distração, de alguma coisa que o absorvesse, que lhe tomasse o tempo, que o impedisse de viver revolvendo sem cessar os mesmos pensamentos de infelicidade. Si pudesse, faria uma viagem. Mas todo mundo perceberia o motivo, todo mundo veria nisso uma fuga. E o seu desgosto, a sua vergonha, aumentavam, pelo fáto, que o aborrecia acima de tudo, de estranhos poderem penetrar os seus sentimentos, percebendo a desordem que lhe ia por dentro. Êle não saberia esplicar isso claramente, mas sentia que nada lhe poderia ser tão desagradável como vêr alguem adivinhar a sua tristeza, interpretar os seus sentimentos diante do que sucedera, principalmente si acertasse. Que aquilo que sente um, lá lhe fica e os outros não tâm pr'cisão d'saber. Si ocultar não podia, ao menos que cada um pensasse o que quisesse sem nenhuma base. E a idea de viagem não foi por diante. Além do mais êle não era bastante rico para fechar a sua casa. Mas não a fechando, a quem confia-la? Não, não podia mesmo viajar. E pensando-o, seu Oliveira foi marcar as mercadorias recebidas na véspera, que ainda nem tinha visto. Dédé é que costumava ajuda-lo nesse serviço... Seu Oliveira, por mais que fizesse, estava trabalhando distraído, não podia concentrar as ideas, seus pensamentos dispersavam-se como uma tropa. Uma vizinha entrou. Vinha comprar sabonetes e ao mesmo tempo saber si seu Oliveira estava passando milhor e si era verdade...

— E' v'rdade, sim, minha senhora, é v'rdade (e um olhar duro, que ela nunca vira em seu Oliveira, cortou as outras perguntas que se enfileiravam). O seu sabonêt? Temos, temos.

Quantos d'seja?... Um só é 1$800. A caixa são 5$000. Eu é qu'lh'agradeço. Até mais vêr.

A marcação acabada (demorou muito, por causa das distrações; seu Oliveira estava!) sentou-se na caixa, calado. Olhava para baixo, a vêr si de repente pegava os rapazes a se fazerem sinais. O que êle tinha era uma grande vontade de se pilhar longe dalí! Si pudesse, ia romper de uma vez com o passado todo, apaga-lo, começar vida nova. Uma vida que não lhe lembrasse em tudo e por tudo, como aquela lembrava a cada instante, a brusca reviravolta que sofrera. Mas êle lá podia começar vida nova? Na sua idade! Seria uma aventura. Positivamente êle não podia mais se espôr ao insucesso, ao fracasso, á bancarrota. Precisava fazer pelo pão da velhice, que já vinha, o dêle, o da mulher, e apezar de tudo o da... Êle nem sabia que nome lhe havia de dar. Nunca mais diria "a garota". Só si escapasse. Não queria tambem dizer o apelido, que já lhe soava como um carinho. Filha? Não, não era mais sua filha. (de bôca, pensava D. Teresa). Ah! diria o nome: Lidia, como si fosse uma estranha. Isso quanto ao carinho; agora quanto ao dinheiro, sempre queria deixar-lhe assegurada a vida, áquela maluca, áquela grandissima ingratalhona, que é o que ela era.

As mercadorias, as prateleiras, o proprio bazar começavam a dar-lhe nos nervos. Tinha letra dela em todas as etiquetas, cada uma peça daquelas trazia uma recordação.

— Isto foi naquel' dia do cinema... éla 'stava d'azule.

E assim coisa por coisa que êle via da sua cadeira, na caixa, e que havia de vêr por força todos os dias, nos mesmos lugares, até vende-las todas. E seu Oliveira o que não queria, justamente, era recordar.

— Disso ao menos posso eu dar cabo, disse êle comsigo.

E distraído, passando de uma a outra coisa, sem demorar em nenhuma, sem ao menos saber direito o que vinha a ser cada uma delas, seu Oliveira ia repetindo: "...dar cabo... dar cabo... dar cabo...". Súbito vislumbrou pequenina,

longe, como numa nuvem, no mundo meio de sonho a que o tinha levado a sua distração, uma coisa, uma idea, um botão de idea, que veio tomando vulto, tomando vulto. E quando seu Oliveira caíu em si e pôde saber o que estava pensando, já era uma idea feita. Sim, dar cabo de tudo aquilo, como não? Toda aquela mercadoria tinha de sair dalí. Para seu bem, para sua saúde de homem idoso a quem um desgosto dado são meses de vida que com a mão se lhe tiram. Ora, como é que se faz sair a mercadoria duma casa de commercio? Vendendo, pois não? Admirava até como não tinha pensado nisso mais cedo! Dar cabo, pois não, ia dar cabo de tudo aquilo. Era o que se impunha, era o que tinha a fazer, já e já, era o que se podia chamar uma idea-mãi

— Hâi de ser mesmo um porfissional até ao fim. Só o n'gocio é qu'a mim nunca me engana.

Mandou vir a taboleta de anuncios, com a tela nova. Mandou vir o lapis, a regua, a brocha, a tinta. Com a habilidade de velho conhecedor do serviço, em pouco tinha acabado. Guardou a taboleta ao pé da caixa e ecepcionalmente mandou fechar para almoço, dando a mesma hora de folga aos rapazes. Que será ainda, perguntavam-se estes saindo.

— Ora, o que fôr logo se vê. Vamos almoçar.

Quando voltaram, já seu Oliveira estava levantando as cortinas. Chamou-os, antes mesmo que fossem tirar os paletós. Sobraçava a taboleta.

— Afixem-m'lá na porta est' anûncio. E oiçam: 20 % d'abatimento em todos os artigos. Vamos liquidar, p'rc'beram?

Perceberam, ora essa! 20 %. Como não? O sr. António encarregou-se de afixar a taboleta. Dois ginasiais que passavam na ocasião tiveram a attenção despertada pelos preparativos, a escada, o martello e aquela taboleta que o caixeiro pregava no alto da porta do Bazar Colosso.

Pararam para lêr:

POR MOTIVO DE DESGOSTOS INTIMOS

GRANDE LIQUIDAÇÃO

— Essa está gozada! Que número! disse o mais gordo, que estava fumando e usava óculos. O outro concordou. E riram-se.

Nesse momento seu Oliveira chegava até a porta acompanhando uma freguesa e êles puderam ouvir:

— Sim, d'pois vamos r'formar isto tudo... Como não, minha rica senhora? Tudo ao preço do custo. Os livros da casa aí 'stão para quâm quiser v'rificar.

— ...

— Os d'sgostos, cá m'ficam. Assim uma coisa... Tudo ao preço do custo, é o qu'stou lh'a dizer.

PEDRO DANTAS

Chronica

A Poesia em 1930

O ano de 1930 fica certamente assinalado na poesia brasileira pelo aparecimento de 4 livros: "Alguma Poesia" de Carlos Drummond de Andrade, "Libertinagem" de Manuel Bandeira, "Passaro Cego" de Augusto Frederico Schmidt e "Poemas" de Murilo Mendes. Todos são poetas feitos, e embora dois deles só apareçam agora com seus primeiros volumes, desde muito que podiam ser poetas de livro. Mas quiseram escapar dos desastres quasi sempre fatais da juventude de idade. Si fizeram e fazem versos não é mais porquê sejam moços mas porquê são poetas.

Essa me parece uma das lições literarias do ano. Quatro livros de poetas na fôrça do homem. Acabaram as inconveniencias da aurora. A poesia brasileira muito que tem sofrido dessas inconveniencias, principalmente a contemporanea, em que a licença de não metrificar botou muita gente imaginando que ninguem carece de ter ritmo mais e basta ajuntar frases fantasiosamente enfileiradas pra fazer verso-livre. Os moços se aproveitaram dessa facilidade aparente, que de deveras era uma dificuldade a mais, pois, desprovido o poema dos encantos exteriores de metro e rima, ficava apenas... o talento. E já espanta, um bocado dolorosamente, êsse monturinho sapeca de livros de moços, coisa inutil, rostos mais ou menos corados, excessiva promessa, resumindo: bambochata que não resiste á primeira varredura do tempo.

Devia ser proibido por lei, individuo menor de idade, quero dizer, pelo menos com 25 anos, publicar livro de versos. A poesia é um grande mal humano. Ela só tem direito de existir como uma fatalidade, que é, mas essa fatalidade apenas se prova a si mesma depois de passadas as inconveniencias da aurora. Os moços têm muitos caminhos por onde tornar eficazes as suas falsas atividades: conversem com o povo e o relatem, descrevam festas de região bem detalhadamente, ou se inundem de artigos de louvor aos poetas adorados. Poesia não. Escrevam, si quiserem, mas não se envolumem. O resultado dessa envolumação precipitada das inconveniencias da aurora, refletindo bem, foi desastrosa no movimento contemporaneo da nossa poesia. Uma desritmação boba, uma falta pavorosa de contribuição pessoal, e sobretudo a conversão contumaz a pó-de-traque da tematica que os mais idosos estavam trabalhando com fadiga, hesitações e muitos erros.

Falei na desritmação dos versos dos moços... O que logo salta aos olhos, nestes poetas de 1930, é a questão do ritmo livre. Verso-livre é justamente a aquisição de ritmos pessoais. Está claro que si saimos da impersonalisação das metricas tradicionais, não é pra substituir um encanto socialisador por um vácuo individual. O verso-livre é uma vitória do individualismo... Beneficiemos ao menos dessa vitória. E é nisso que sobresaem as contribuições de Manuel Bandeira e Augusto Frederico Schmidt.

O "Libertinagem" é um livro de cristalisação. Não da poesia de Manuel Bandeira, pois que êste livro confirma a grandeza dum dos nossos maiores poetas, mas da psicologia dele. E' o livro mais individuo Manuel Bandeira de quantos o poeta já publicou. Aliás tambem nunca êle atingiu com tanta nitidez os seus ideais esteticos, como na confissão (*Poetica,* pag. 23) de agora:

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado...

(.....)
Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Entendamo-nos: libertação pessoal.

Essa cristalisação de Manuel Bandeira se nota muito particularmente pela ritmica e escolha dos detalhes ocasionadores do estado lirico. Manuel Bandeira lembra êsses amantes bem casados que, depois de tanta convivencia, acabam se parecendo fisicamente um com o outro. Assim a ritmica dele acabou se parecendo com o fisico de Manuel Bandeira. Raro uma doçura franca de movimento. Ritmo todo de angulos, incisivo, em versos espetados, entradas bruscas, sentimento em lascas, gestos quebrados, nenhuma ondulação. A famosa cadência oratoria da frase desapareceu. Nesse sentido Manuel Bandeira é o poeta mais *civilisado* do Brasil: não só pelo abandono total do enfeite gostoso, como por ser o mais... tipografico de quantos bons possuimos. Quero dizer: si a gente contar na Poesia a maneira dela se realisar, desde o grito inicial á poesia cantada, á manuscrita que se decora, á recitada com acompanhamento, á declamada, á poesia enfim concebida exclusivamente pra leitura de olhos mudos: Manuel Bandeira é dentre os poetas vivos nossos o que prescinde mais do som. A poesia dele, na infinita maioria atual, é poesia pra leitura. Se observe a aspereza ritmica dum dos poemas mais suaves do livro, como os versos são "intrataveis", incapazes de se encaixar uns nos outros pra criar a entrosagem dum qualquer embalanço:

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho da India.
Que dor de coração eu tinha
Porquê o bichinho só queria estar debaixo do fogão.
(.....)
O meu porquinho da India foi a minha primeira namorada.

A inutilidade do som organisado em movimento é evidente. E citei o verso longo final, tão freudiano, pra mostrar toda a aspera ritmica do poeta. Aspereza tanto mais caracteristica

que, si estudarmos êsse verso pelas suas pausas cadenciais, a gente se acha diante dos versos mais suaves da lingua: a redondilha maior e o decassilabo:

O meu porquinho da India (7 sílabas)
Foi a minha primeira namorada (10 sílabas)

Numa poesia emocionante pela simplicidade de expressão, acolhendo mil simbolos fieis, *O Cacto,* o último verso diz bem o ritmo atual de Manuel Bandeira: *Era belo, aspero, intratavel.*

Aliás se dá mesmo ùma luta permanente entre essa essencia "intratavel" do individuo Manuel Bandeira e o lirico que tem nelle. Vem disso o dualismo curioso que a gente percebe nas obras dele, passando de jogos com valor absolutamente pessoal, duma detalhação por vezes pueril (no sentido etimologico da palavra), dificil de compreender ou de sentir com intensidade pra quem não privou com o homem, a concepções profundas, duma beleza extremada e interesse geral. Interesse em que não entra mais o conhecimento pessoal do poeta, ou coincidencia psicologica com êle. As milhores obras do poeta, *Andorinha, O Anjo da Guarda, A Virgem Maria, Evocação do Recife, Teresa, Noturno da Rua da Lapa,* pra citar apenas o "Libertinagem", são as poesias em que por mais pessoais que sejam temas e detalhes, mais o poeta se despersonalisa, mais é toda a gente e menos é caracteristicamente ritmado. A propria *Evocação do Recife* que atinge o recesso da familia chamada nominalmente (Totonio Rodrigues, dona Aninha Viegas), é bem a maneira por que toda a gente ama o lugarinho natal. Em duas poesias que agora cito *Poema de Finados* e *Vou-me embora pra Pasárgada,* o poeta se generalisa tanto que volta aos ritmos menos individualistas da metrificação, como já fizera nas cantigas dos *Sinos* e do *Berimbau,* no "Ritmo Dissoluto". (1)

---

(1) Esse poder socialisante do ritmo medido tem uma prova critica bem evidente dele e de Manuel Bandeira, quando êste na **Evocação do Recife,** ao

Muito curioso de observar é o *Vou-me embora pra Pasárgada,* com que Manuel Bandeira deu afinal a obra-prima poetica dum estado-de-espirito bastante comum nos poetas brasileiros de hoje. Já o início dêsse título-refrão que percorre a poesia, é duma unanimidade brasileira muito grande. Nos poetas romanticos o tema do exilio e do desejo de voltar é vulgarissimo. Com o néo-romantismo dos nossos parnasianos, o tema das barcas, das velas que partem e "não voltam mais" foi substituindo a ave que voltava ou queria voltar ao ninho antigo. No... néo-néo-romantismo dos contemporaneos, o desprendimento voluptuosamente machucador, a libertação da vida presente que se resume na noção de partir, agarrou frequentando com insistencia significativa a poesia nova. Isso se nota não tanto nas poesias de viagem, comunissimas em qualquer dos nossos versolivristas, como pela declinação clara do desejo de partir. Em Augusto Frederico Schmidt esse desejo (ou antes: o de abandonar o atual) é uma obecessão constante. E o fenomeno se particularisa mais pelo emprêgo da propria frase "vou-me embora". Si pelo menos em mais dois poetas contemporaneos, de que me lembro no momento, a frase foi empregada com sistematisação consciente e não como valor episodico, o "vou-me embora" é ainda uma obecessão da quadra popular nacional. Me retrucarão que será mais certo dizer da quadra portuguesa. Posso aceitar que, como lugar-comum poetico, a frase nos tenha vindo de Portugal. Aparece aliás

---

constatar, caçoista, a nossa escravisação ao português gramaticado em Lisboa, principia dançando de repente e organisa, no meio dos versos livres, um verdadeiro refrão coreografico e **coral:**

... Porquê êle é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
E' macaquear
A sintaxe lusíada.
A vida com uma porção de coisas que eu não entendia bem... (etc.)

Sobre a fôrça socialisadora da métrica, ainda se notará a preferencia pelos ritmos ímpares de marcha, em Augusto Frederico Schmidt, que é um catolico de feição francamente proselitista.

em todo o folclore de origem iberica. Porém o "vou-me embora" frequenta muito mais a quadra brasileira que a portuguesa, onde, como pretendo demonstrar num estudo futuro, o tema da partida as mais das vezes é traduzido por "adeus" — o que parece indicar que a noção de partir é muito mais saudosista em Portugal onde mais frequentemente se converte num sentimento de despedida, ao passo que entre nós será mais egoistica e desamorosa (o que concorda com o já tão reconhecido individualismo nosso), convertida no sentimento de abandonar o atual. Se servindo pois dessa constancia nacional, Manuel Bandeira fez ela coincidir com um estado-de-espirito bem dos nossos poetas contemporaneos, incontestavelmente menos filosofantes que os das duas gerações espirituais anteriores (Bilac, Raimundo, Amadeu, Rosalina Coelho Lisboa, Ronald de Carvalho, Hermes Fontes), porém mais em contacto com a vida quotidiana e mais desejosos de resolve-la numa prática de felicidade. Incapazes de achar a solução, surgiu neles essa vontade amarga de dar de ombros, de não se amolar, de *partir* pra uma farra de libertações morais e fisicas de toda especie. Vontade tranzitoria, episodica, não tem dúvida, mas importante, porquê êsse não-me-amolismo meio gosado deu alguns momentos significativos da poesia ou da evolução espiritual de certos poetas contemporaneos brasileiros. Em última análise o tema do "vou-me embora pra Pasárgada", é o mesmo que está cantado nas "Danças" de Mario de Andrade, e em especial é o que dita o diapasão basico dos "Poemas de Bilú" de Augusto Meyer. Se percebe o eco dele em alguns poemas de Sergio Milliet e de Carlos Drummond de Andrade, pra enfim se transformar de estado-de-espirito em constancia psicologica, já independente da consciencia, em toda a obra de Murilo Mendes. Fiz esta digressão pra mostrar quanto Manuel Bandeira perdeu de si mesmo, pra dar a um tema useiro dos nossos poetas de agora a sua cristalisação mais perfeita. Será talvez a ironia da sorte contra êsse grande lirico tão intratavelmente individualista, isso dele ser tanto maior poeta quando menos Manuel Bandeira.

Carlos Drummond de Andrade, dum individualismo tambem exacerbado, nos deu um livro que revela um individuo excessivamente timido. Já isso transparace pela ritmica dele, inaferravel, disfarçadora. Daí uma riqueza de ritmos muito grande, mas psicologicamente quasi desnorteante porém. E' o mais rico em ritmos dêstes 4 poetas. As suas subtilezas atingem ás vezes a arte filigranada de Guilherme de Almeida. Assim por exemplo naquele caso furioso de *Fuga* em que, além da primeira quadra da pag. 94 parecer toda em versos de 9 sílabas e embora contendo um de 8 e outro de 10, a estrofe seguinte, toda em octossilabos, termina com o decassilabo:

E todo mundo anda — como eu — de luto.

Verso habilissimo, que apesar das suas 10 sílabas e possivel acentuação de decassilabo romantico, é bem ainda um octossilabo, pois que o parêntese reflexivo "como eu" funciona tambem como um, por assim dizer, parêntese ritimico — preservando a unidade ritmica da quadra.

Tem mesmo em Carlos Drummond de Andrade um compromisso claro entre o verso-livre e a metrificação. Os seus versos curtos assumem na infinita maioria função de versos medidos, contendo noções geralmente completas e acentuações tradicionais. Mas não me parece que neste poeta a utilisação do verso medido, sistematisada em tantos poemas, seja uma tendencia pra socialisar-se, como em Augusto Frederico Schmidt, ou pra se generalisar mais, como em Manuel Bandeira. Salvo talvez o caso da *Cantiga do Viuvo,* o emprêgo da metrificação provem nele de uma vontade íntima de se aniquilar, de se esconder, de reagir por meio de movimentos ostensivamente cancioneiros e aparentemente alegres e comicos (sempre ainda o "vou-me embora pra Pasárgada"...) contra a sua inenarravel incapacidade pra viver. E' o que êle mesmo resume aliás naquele dar de ombros com que termina a *Toada de Amor*:

Mariquita, dá cá o pito,
No teu pito está o infinito. (pag. 24)

A análise de "Alguma Poesia" dá bem a medida psicologica do poeta. Desejaria não conhecer intimamente Carlos Drummond de Andrade pra milhor achar pelo livro o timido que êle é. Pra êle se acomodar, carecia que não tivesse nem a sensibilidade nem a inteligencia que possui. Então dava um dêsses timidos só timidos, tão comuns na vida, vencidos sem saber que são, cuja mediocridade absoluta acaba fazendo-os felizes! Mas Carlos Drummond de Andrade, timidissimo, é ao mesmo tempo inteligentissimo e sensibilissimo. Coisas que se contrariam com ferocidade. E dêsse combate toda a poesia dele é feita. Poesia sem agua corrente, sem desfiar e concatenar de ideas e estados de sensibilidade, apesar de toda construida sobre a gestão da inteligencia. Poesia feita de explosões sucessivas. Dentro de cada poema as estrofes, ás vezes os versos, são explosões isoladas. A sensibilidade, o golpe de inteligencia, as quedas de timidez se interseccionam aos pinchos. Reparem o final do *Poema das Sete Faces*:

Meu Deus porquê me abandonaste
Si sabias que eu não era Deus
Si sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,
Si eu me chamasse Raimundo
Seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo
Mais vasto é meu coração.

Eu não te devia dizer
Mas essa lua
Mas êsse conhaque
Põe a gente comovido como o diabo.

Toda a timidez do poeta ressumbra do primeiro terceto. Vem depois a explosão da sensibilidade na quintilha seguinte com uma fadiga provocando assonancias, associações de imagens, e o verso sublime (mas intelectualmente tolo) "seria uma rima, não seria uma solução". E o diabo da inteligencia explode na quadra final: o poeta pretende disfarçar o estado de sensibilidade em que está, faz uma gracinha bancando a corajosa, bem de timido mesmo, e observa *com verdade* (pura inteligencia pois) as reações do ser ante o mundo exterior. Essa poesia de arranco, que não se deverá confundir com a superposição de dados objectivos que de Whitman nos veio é sistematica em todo o livro.

Seria preferivel talvez que Carlos Drummond de Andrade não fosse tão inteligente... A reação intelectual contra a timidez, já está mais que observado: provoca amargor, provoca humour, provoca o fazer graça sem franqueza, nem alegria, nem saúde. Em Carlos Drummond de Andrade provocou tudo isso. A amargura não fez mal e foi um valor a mais. Nem o humour, pois que poesias como *Fuga, Toada de Amor, Quadrilha, Familia,* são da milhor poesia de humour. E a todo instante se topa com notações humouristicas excelentes, como o final do *São João D'El Rei*:

E todo me envolve
Uma sensação fina e grossa. (pag. 42);

ou quasi todas as estrofes de *Fantasia,* principalmente as notações sobre o Diabo que me lembraram Schelley. Mas onde a inteligencia prejudicou o poeta e o deformou enormemente, foi em fazer êle aderir aos poemas curtos feitos pra gente dar risada, o poema-cocteil, o "poema-piada" na expressão feliz de Sergio Milliet. O poema-piada é um dos maiores defeitos a que levaram a poesia brasileira contemporanea. Antes de mais nada, isso é facilimo: ha centenas de criadores de anedotas por aí tudo. Acho mesmo que os poemas-piadas (Manuel Ban-

deira tambem caiu ás vezes nessa precariedade) são a unica restrição de valor permanente que se possa fazer a "Alguma Poesia". Culpa integral da inteligencia. De inteligencia incapaz e fatigada ("vou-me embora pra Pasárgada!...). Não é mais o humour. Não é ainda a sátira. Não creio que êsses poemas possam adiantar qualquer coisa ao poeta. E por êles será aplaudido nas rodas dos semi-literarisados das academias e cafés. O que positivamente é uma desgraça.

Assim incapaz e fragil diante da vida (V. o *"No meio do Caminho"*) era natural que a poesia de Carlos Drummond de Andrade se alargasse em maior detalhação individual. De fato: a caracterisação psicologica de "Alguma Poesia" não assume apenas verdades totais do individuo, como a de *"Libertinagem"*, sinão que desce a particularisações interessantissimas. Dois sequestros tem no livro, pelo menos 2, que me parecem muito curiosos: o sexual e o que chamarei "da vida bêsta". Ao sequestro da vida bêsta Carlos Drummond de Andrade conseguiu *sublimar* milhor. Ao sexual não; não o transformou liricamente: preferiu romper adestro contra a preocupação e lutas interiores, mentindo e se escondendo. O suave cantor do *Rei de Sião,* o anjo de *Purificação,* o humourista de tantas ironias, o paciente de sua propria casa, do recesso familiar, da vida bêsta, virou grosseiro, um ostensivo debochado. O livro está rico de notações sensuais, ora subtis como a da pele picada por mosquitos, ou do dente de ouro da bailarina, ora maleducados como o das têtas. Mas onde o sequestro explode com abundancia provante é no livro estar cheio de côxas e especialmente de pernas (pags. 10, 36, 62, 141, 144, 136, 117, 113, 110). Ainda não encontrei referencia entre as civilisações antigas e as primarias, a êsse desvio do olhar masculino, universal na Civilisação Cristã, com que os homens julgam das qualidades boas duma... peça, olhando-lhe as pernas. A explicação do uso das sáias me parece insuficiente. Deve haver nesse costume um acondicionamento do ser sexual com as proibições dos Mandamentos. Uma especie de bluff: o cristão blefa a

lei, com uma inocencia deliciosa. Carlos Drummond de Andrade tambem foi vítima dêsse desvio do olhar cristão mas porém com uma deformação subconsciente curiosa. Não creio que êle seja na vida êsse grosseiro que tantas pernas evocadas indicam. O que êle quis foi violentar a delicadeza inata, maltratar tudo o que tinha de mais susceptivel na sensibilidade dele, dar largas ás tendencias sexuais, inebriar-se nelas, clangorar pernas e mais pernas, pra se vencer interiormente. Ser grosseiro, ser realista, já que não achava (por causa da propria timidez) saída delicada ou humouristica pro caso. E isso culmina, pagina 110 ("pernas" 3 vezes!), na grosseria bem comovente com que o que estava bancando o violento sensual, não conseguiu vencer as delicadezas íntimas, e em vez de falar que a mulher não passa dum sexo (que é o que êle queria gritar malvadamente), exclama: "Todas são pernas!"

O sequestro da vida bêsta é mais poeticamente valioso. Ele representa a luta entre o poeta, que é um ser de ação pouca, muito empregado-público, com familia, caipirismo e paz, enfim o "bocejo de felicidade" como êle mesmo o descreveu, e as exigencias da vida social contemporanea que já vai atingindo o Brasil das capitais, o ser socialisado, de ação muita, eficaz pra sociedade, mais público que íntimo, com maior raio de ação que o cumprimento do dever na familia e no empreguinho. O poeta adquiriu uma consciencia penosa da sua inutilidade pessoal e da inutilidade social e humana da "vida bêsta". Mas a tragedia era menos individualista. O poeta poude não atribuir a ela a importancia pessoal que dava pro caso sexual, e conseguiu poetificar milhor, fazer disso mais lirismo e mais poesia. Criou poemas de pura sensibilidade, saudosa (*Infancia*), complacente (*Sweet Home*), ironica (*Cidadezinha Qualquer*), ou humouristicos (*Familia,* e *Sesta*). Ainda o *Chopin* e a eterna *Cantiga de Viuvo,* se enquadram bem no ciclo. Outro poema, êste curiosissimo, tambem do ciclo, é o *Sinal de Apito,* duma pureza impressionante, em que a "vida bêsta" aparece convertida em valor social mas vingativamente reduzi-

da enfim a um simples maquinismo material de gestos e sinais. E finalmente, como climax do sequestro, vem a *Balada do Amor através das Idades.* Agora o caso é admiravelmente expressivo. O poeta se vinga da vida bêsta, botando mirificos suicidios e martirios estrondosos em casos de amor de diferentes epocas passadas. Menos na contemporanea, em que faz o amor dar em casamento, em burguesice, em... vida bêsta: é êle. O poeta não faz mais do que se retratar "através das idades". As dificuldades com que teve que lutar (não sou indiscreto, pois que como as dele, pequenas, todos têm), êle exagerou liricamente e transportou pra epocas *já passadas,* ao passo que na contemporanea, desenhou a coisa facil, liquidada pronto, *como desejava pra si.* Um documento precioso de psicologia.

Augusto Frederico Schmidt nos dando em 1930 o "Passaro Cego", levou dois anos pra publicar o mesmo número de obras que Manuel Bandeira em 13. Isso determina o poeta. E' terra de pau-dalho: numeroso, abastoso e voluptuariamente disperdiçado. E assim a ritmica dele. O poeta, que vem de judeus e soube tirar dessa origem temas e caracterisações de poesia, é mais propriamente um asiatico. Agindo dentro das quenturas mais sensuais, tudo nele reveste as delícias dessa magnificencia orientalisante. Na frase dele, coisas ás vezes possivelmente irritantes que nem o abuso das repetições, as complicações pernosticas de sintaxe, a religiosidade sem discreção, o feitio não apenas oratorio, mas declamatorio, o senso exiguo de contemporaneidade, tudo enfim que parece feito pra desvalorisar, antes o valorisa. Assume um dom de necessidade que infunde respeito. Na verdade os 32 cacoetes que fazem o material da poesia dele, muito embora ostensivos e dispostos sem a minima delicadeza de coração (2), ajuntam um

---

(2) Prova da tendencia proselitista de Augusto Frederico Schmidt. Os poetas proselitistas têm pra lhes desculpar êsse escesso de indiscrição, a franqueza, dadivosa que os anima, a lealdade com que jogam toda a ri-

grau tamanho de caracter á obra do poeta, que deixam de ser cacoetes pra se tornarem caracteres dela.

Sob o ponto-de-vista tecnico, Augusto Frederico Schmidt soube com habilidade rara e desde o primeiro livro, escolher na lição historica da poesia brasileira o quanto havia de constancias capazes de lhe darem fisionomia propria e tradicional. Isso vale bem a gente observar porquê incide no orientalismo do poeta. Outros tambem foram buscar através do Brasil constancias que os tradicionalisassem. Mas o que os outros iam buscar na lição do povo popular, Augusto Frederico Schmidt ia buscar na poesia burguesa, o que o demonstra bem pachá, bem mandarim. Aliás é um catolico de ação e necessariamente havia de demonstrar exasperação monarquica. Mas eu, que a um tempo lhe censurei certos cacoetes, já não o censuro mais. Fazem parte essencial dessa torrente magestosa, e apesar de magestosa sempre suave, da poesia dele. Largas monotonias, coxas odalisquissimas, dansas rituais pesadas, doces com muito açúcar, sedas que são paredes de grossas... E sempre Deus. Um deus desamavel mas bem jesuitico, bonito, volumoso e duma violencia sincera. Por tudo isso Augusto Frederico Schmidt é dentre os nossos poetas contemporaneos, o que melhor sabe cadenciar. Se observe êste final da admiravel *Profecia*:

Si não obedeceres á escolha do Senhor, será milhor
Que os animais ferozes dividam teu corpo em pedaços.
Que o mar te atire de encontro aos rudes rochedos
E desabem sobre tua cabeça todas as desditas.
Fortifica bem o teu espirito atormentado,
Tira da tua fraqueza o teu grande heroismo.

---

queza numa cartada só. Todos êles no geral demonstram com clareza imediata, os "processos" que fazem a tecnica e a ideologia deles. Se observe, por exemplo, Marinetti, Verhaeren, Bilac, Maiakowsky, Sandburg, poetas sociais, proselitistas incontestaveis, cujas "maneiras" são facilmente perceptiveis, em oposição a um Rimbaud, a um Lautreamont, a um Manuel Bandeira, a mesmo uma Francisca Julia, não-me-amolistas de marca maior inaferraveis, impossiveis de repetir. Entre Castro Alves e Alvares de Azevedo, mesma coisa.

Abandona toda a poesia do mundo que é inutil,
Pois a beleza distrai os homens e os diminui.
Deixa o teu corpo fechado para todas as volupias.
Que a noite abandone teu corpo cansado,
Porquê teu papel é maior que tu mesmo — e o precisas cum-
[prir! (pag. 34)

Cadenciado assim, subtil na tendencia pro verso longamente voluptuoso em que a propria exaustão do respiro dificulta a lepidez da idéa (sempre lenta no poeta); tão subtil a ponto de ser lento até em muitos versos curtos, pela disposição sintatica:

Avistou a cidade distante,
Iluminada, ardia, como em chamas... (pag. 15),

pela intercalação de quebras na célula ritmica:

Um dia passa, outro dia.
E os dias todos passando vão.
A minha mocidade ha-de passar em breve
Só terei cinzas no coração. (pag. 123),

e ainda pelo uso do entroncamente, e das palavras arcaicas que interceptam a correnteza da naturalidade, temos que reconhecer: Augusto Frederico Schmidt vai tendendo pro verso metrificado. Está claro que isso era necessario pra um poeta de alma messianica (sem intenção pejorativa nenhuma), catolico por natureza e fé. Se a muitos parecerá que o poeta foi buscar nos ritmos ímpares do Romantismo (Tristão de Athayde), na escolha de dicções romanticas, de sintaxes arrevezadas, de palavras velhas, um romantismo novo, a mim me parece que todas essas normas usadas por êle, provêm de tendencias mais logicas. Na realidade êle não foi buscar nada em ninguem

não, nem se fez sob o signo de Casimiro de Abreu (3), antes as suas tendencias o levaram a utilisações velhucas (muitas são até parnasianas: o entrocamente, a evocação da "Sublime Porta", pag. 169) por aquela parte fatal e unanimisadora das religiões, em que elas se agarram no passado com o inamovivel da Lei e do Rito. Não me emparelho com isto aos que consideram paralisadoras as religiões. Mas é inegavel que Deus não requer nem progresso nem evolução. O inamovivel da Lei e do Rito não é mais que a projecção mimetica de Deus dentro da vida terrestre, um contraste danado. Essas renovações, êsses fantasmas antigos que adornam a poesia de Augusto Frederico Schmidt, têm uma verdadeira função litúrgica dentro dela.

Ainda aspeto essencial do poeta é o emprêgo das monotonias da obcessão (*Abram as Portas, Menina Morta*) repetindo ideas, palavras, frases com uma pachorra asiatica. Poemas ha em que as estrofes tiram valor emotivo de serem variantes minimas de uma idea unica. Augusto Frederico Schmidt valorisa êsse processo do Tema com variações, ás vezes muito bem. Inda mais: a condescendencia na repetição de certos temas como o romantico, da morte, o religioso, da profecia, o modernista, da brasilidade ("Canto do Brasileiro", "Novo Canto do Brasileiro") — coisas que noutro podiam demonstrar insatisfação pela realisação anterior — em Augusto Frederico Schmidt são bem valores equatoriais, são mesmo condescendencia, complascencia, conformismo com as suas proprias descobertas. O fa-

---

(3) Não tem dúvida que o Romantismo se tornou uma revolta **consciente** em Augusto Frederico Schmidt, desde o momento em que, fatigado da tematica em voga do Modernismo (foi êle, creio, quem primeiro ecoou no Brasil a noção do Antimoderno, de Maritain..., e foi êle, pela sua asiatica falta de agilidade, quem criou com o "Canto do Brasileiro", uma reprodução... séria do "Vou-me embora pra Pasárgada"), êle quis, e quis bem, abrir caminho novo. Ser modernissimo, pois... Mas êsse romantismo, consciente, e aliás episodico, deu ao poeta o que, me parece, menos o lustrará nos tempos: alem do vocabulario sediço que êle não conseguiu renovar nem impor, certas poesias de toda ou muita imitação (**A Deus, Lira**), pastichos visiveis cujo valor me escapa inteiramente.

vor que concede á tristura, sem um grito mais lancinante, sem um sarcasmo, sem uma irregularidade psicologica mais rubra (estamos nos antípodas de Manuel Bandeira), prova no poeta um aureo e sonoroso conformismo. As suas proprias insatisfações e remorsos religiosos, coados através dessa maneira geral de ser, toam irrefragavelmente um ar de Arte Pura, que os imobilisa bem. No fim de um lamento que podia vincar, a gente está mais é gosando. E é pois curioso de constatar que embora a poesia dele clame quedas de consciencia, temores do infinito, fantasmas reachados, insatisfação do presente: na verdade é uma poesia de arte, com muito conformismo e sem a minima inquietação.

E si a todo instante na obra dêste artista, se topa com imperfeições e desleixos de fatura numerosos, isso não invalida em absoluto o caracter de arte dela. Essas imperfeições fazem parte mesmo da qualidade estetica de Augusto Frederico Schmidt, que é de um barroco decidido. Como nos tempos carregados de enfeites, de Java, da India, do Barroco, do proprio Gotico, é da natureza da obra dele a avaliação do conjunto. Pouco importa num portal gotico, num alto-relevo javanês, numa capela-mór barroca, a imperfeição, o mal acabado duma estatua ou duma voluta. Não é da natureza dêsses estilos aquela natureza itinerante, completa por si a cada pormenor. O fulgor generoso do conjunto (despresada mesmo a unidade de concepção dêsse conjunto) é que vale exclusivamente e ignora essas imperfeições. Tanto fulgor e tanta generosidade que no geral as obras dessa estetica ficam sempre inacabadas, mesmo porquê o acrescentamento nelas é sempre possivel. Na literatura ha tambem figuras que por mais mortas já, mais do passado, dão sempre a impressão de inacabadas. Goethe, por exemplo, pra subir dum pulo ás supremas grandezas. Ao passo que em naturezas sem nenhuma generosidade, um Anatole France, um Machado de Assis, um Pirandello, cada obra é total por si mesma, e mesmo quando ainda vivos, êsses autores não implicam espera, são acabados (é bem o

caso de Pirandello): outros ha que por generosos, jamais, nem com a morte dão a impressão de ter findado a obra, Dostoiewski, Proust...

No meio das grandes correntes de ideas que estão movendo o seculo, a poesia brasileira se conserva como espectadora. Só mesmo o nacionalismo que nos toca essencialmente pra conseguirmos viver em paz com a nossa terra, conseguiu tirar um bocado certos poetas da sua janelinha de ouro e prata. Foi o unico instante em que alguns desceram pra rua. Um merito excepcional de Augusto Frederico Schmidt foi êsse de tomar posição na rua. E' um catolico; e cantando os seus ondulantes versos, criou um convite á procissão, que a gente poderá aceitar. Do lado oposto, o poeta comunista inda não apareceu.

Porquê, vamos e venhamos, a Poesia não pode permanecer neste compromisso de facilidades sentimentaisinhas e didaticas em que quasi exclusivamente se confina entre nós. E' preciso acabar de vez com essa bobagem de distinguir Poesia e Prosa por meio do aspeto tipografico — bobagem permanecida mesmo entre os versolivristas. O que as distingue é mesmo o fundo: a Prosa sendo o desenvolvimento intelectual de noções, a Poesia um conglomerado de fenomenos nocionais de qualquer especie. A Prosa transporta tudo pra um plano unico, intelectual, por isso mesmo que, desenvolvendo noções, é exclusivamente consciente. A Poesia, pelo contrário, transfunde as noções mais conscientes pra um plano vago, mais geral, mais complexamente humano. Nesse ponto é a principal contribuição do Surréalisme, que conseguiu como jamais, especificar a essencia da Poesia. Ou que a Poesia se tráia inteiramente e vire uma cantadora pragmatica dos interesses sociais, ou vire, no maximo orgulho inexoravelmente senhoril e livre da inteligencia. O meio-termo está se tornando cada vez mais inaceitavel. Noventa por cento da pseudo-poesia humana é falsificação. E' preciso atingir o lirismo absoluto em que todas as leis tecnicas e intelectuais só apareçam pelas proprias razões da libertação, e nunca como normas préestabelecidas. Ou então

trair desavergonhadamente: prégar. Ou ser Juiz duma vez, ou ser "louco" duma vez. Versejar cantando a Terra, a Mãi Preta, descrever o Carnaval, gemer de amor batido ou vitorioso, em Poesia, tudo isso é dum carrancismo didatico medonho. Não é Poesia, é pensamento. E é Prosa da rúim, porquê deficiente, incompleta como análise, deformada como essência. E a Poesia dada vez tem de ser mais lirica, no polo oposto á associação de ideas. Mas são admissiveis ainda e sempre a metrificação, a rima, "João Pessoa", o soneto, o verso-de-ouro e a estupidez, desque bem raciocinados e falsificadores, porém cantando reivindicações, martirios, grandezas do homem social. Nós chamaremos isso magoadamente de Poesia, pra enganar o Burro humano, respeitabilissimo e desinfeliz. E que ninguem perceba a nossa magoa. Ninguem perceba dentro de ninguem os estragos que faça o sacrificio.

E agora ressalto o valor dos "Poemas" de Murilo Mendes. Historicamente é o mais importante dos livros do ano. Murilo Mendes não é um "surréaliste" no sentido de Escola, porém me parece dificil da gente imaginar um aproveitamento mais sedutor e convincente da lição sobrerrealista. Negação da inteligencia superintendente, negação da inteligencia seccionada em faculdades diversas, anulação de perspectivas psiquicas, intercambio de todos os planos, que não exemplifico porquê são todo o livro. O abstrato e o concreto se misturam constantemente, formando imagens objetivas:

Arcanjos violentos surgem do fundo dos minutos (pag. 51);

Os cemiterios do ar esquentam
Com o fogo saído do sonho da vizinha (pag. 45);

Os homens largam a acção na paisagem elementar (pag. 81);

Estou aqui nú, paralelo á tua vontade (pag. 52),

etc. numa complexidade de valores, de belezas, de defeitos, de irregularidades, tanto mais curiosas e eficazes que aparecem dotadas duma igualdade insoluvel: as belezas valem tanto como os defeitos, as irregularidades tanto como os valores, numa inflexivel desapropriação da Arte em favor da integralidade do ser humano.

Murilo Mendes diz que é

a luta entre um homem acabado
E um outro homem que está andando no ar (pag. 48)

pra completar a verdade noutro poema, avisando que

...não é culpado nem inocente.

E', como se está vendo, mais um que foi-se embora pra Pasárgada... E êste definitivamente, em toda a sua maneira mais natural de poetar.

Seria dificil neste resumo, já tão enorme, dar uma idea pormenorisada da contribuição que Murilo Mendes traz pra nossa poesia, vou parar. O que me entusiasma sobretudo nele, além dessa essencialisação poética a que escapa só o satirico da primeira parte do livro ("Jogador de Diabolô"), é a integração da vulgaridade da vida na maior exasperação sonhadora ou alucinada.

Das cinco regiões onde navios angulosos
Sangram nos portos da loucura
Vieram meninas morenas,
Pancadões, com seios empinados gritando Mamãi eu quero um
[noivo! (pag. 45)

Os anjos maus...
São fortes e grandes, não é sopa não,
Têm dentes de perolas, labios de coral.

Os aviadores partem pra combate-los e morrem.
As viuvas dos aviadores não recebem montepio. (pag. 34)

O manequim vermelho do espaço
(.....)
De tanto as costureiras do ateliê de dona Marocas
Se esfregarem nele de-tarde
Já quer sair das camadas primitivas
Daqui a mil anos será uma grande dançarina
Dançará sobre o meu tumulo diante do cartaz dos astros
Quando eu mesmo dançar minha vida realisada
No terraço dos astros. (pag. 62)

E' inconcebivel a leveza, a elasticidade, a naturalidade com que o poeta passa do plano do corriqueiro pro da alucinação e os confunde. Essa naturalidade, essa coragem ignorante de si, no Brasil, só seria mesmo admissivel no gavroche carioca. E de fato, Murilo Mendes, embora mineiro de nascença, é dono de todas as carioquices. E aqui lembro a contribuição nacional admiravel dele. Impenetravel, visceral, inconfundivel, ha um brasileirismo tão constante no livro dele, como em nenhum outro poeta do Brasil. Realmente êste é o unico livro brasileiro da poesia contemporanea que sinto impossivel a um estrangeiro inventar. Todos os outros, com maior ou menor erudição, maior ou menor experiencia pessoal, qualquer homem do mundo teria feito. O que nos outros é fruto duma vontade, em Murilo Mendes é apenas um fenomeno por assim dizer de reação nervosa.

Como carioquismo, como elasticidade na confusão do real com o sonho, como nacionalidade independente, como tanta complexidade lirica de realisação, só é comparavel a Murilo Mendes, e na pintura, o pernambucano Cicero Dias. Me parece que formam ambos o que tem de mais rico e de mais novo na arte brasileira de agora: uma parelha esplendida que difama os cânones e conceitos da Arte, que mata a Arte no que ela

tem de mais pernicioso e inerente: o individuo mentindo, a diferenciação das obras, a singularisação dos valores, e o famoso, verdadeiro e estupidissimo "golpe de genio". Esse bobo golpe de genio que afinal das contas não ha quem não tenha, quando não na arte, pelo menos na vida. A vida quotidiana está cheia de golpes de genio. Diante das obras dêsses dois, não mais artistas, mas liricos admiraveis, tudo isso desaparece. São homens que não mentem mais, libertos da consciencia e de qualquer gerarquia psiquica, capazes de todas as fés e credos ao mesmo tempo. Só uma coisa êles não traem: a impulsão macunaimática do individuo (estou me referindo á arte deles): seres nem culpados nem inocentes, nem alegres nem tristes mais, dotados daquela soberba indiferença que Platão ligava á sabedoria. E o resultado importantissimo dêsse apenas aparente individualismo, que na realidade é antes um excesso do individuo no que êle tem de mais complexo, de mais precario e desierarquisado: é que em vez de pormenorisação pessoal, a obra deles é profundamente humana e generica. Do mesmo jeito dom que em Cicero Dias as formas assumem valores de universal, em sinteses tão abstratas que nele um cachorro se confunde com um burro, é o Quadrupede, a pomba se confunde com o urubú, é a Ave; do mesmo jeito com que sem particularisação individualista, os seus temas são primarios e genericos, a sexualidade (se confundindo com o amor), o tema da morte, o do prazer, o do Alem: tambem em Murilo Mendes os temas são genericos e êsses mesmos, os ritmos se tornam impessoais, versos longos mas respeitosos do respiro, sem entroncamentos, desprovidos de luxo e imponencia.

Mas o castigo de toda essa riqueza que lhes dá o difamarem a Arte e estraçalharem com ela, é que matam a propria finalidade objetiva dela, a obra de arte. Em Murilo Mendes, como em Cicero Dias, desaparece fortemente a possibilidade da obra-prima, da obra completa em si e inesquecivel como objeto. Não são apenas todos os planos que se confundem nas obras deles mas essas proprias obras, que se tornam enormemente

parecidas umas com as outras, ou pelo menos indiferençaveis na memoria da gente. Si o *Tanto gentile,* si o *Alma minha,* si *As Pombas* se distinguirão sempre entre milhares de sonetos, e são logo inconfundiveis; si em Gonçalves Dias o *Y-Juca-Pirama* é uma obra-prima e tal outro poema é mediocre, não possui o "golpe de genio"; nesta nova ordem de criação utilisada por Murilo Mendes e Cicero Dias, essa possibilidade de distinção desaparece estranhamente. Um ou outro verso, tal ou qual momento do quadro saltam por mais belos, mais comoventes, mais profundos, porém as obras se enlaçam umas nas outras, vazam umas pras outras, pairam numa indiferença iluminada em que não é preciso mais distinguir a grande invenção da invenção menos forte. Os outros 3 poetas, mais submissos qual ao plano sensitivo, qual ao da reflexão, e todos sob o dominio da organisação intelectual, são mais desiguais. Exceptuando os poemas satiricos de Murilo Mendes, criados francamente sob a gestão do consciente, e onde as obras se distinguem tambem (como o já celebrado *Quinze de Novembro*), o mais se confunde numa grande massa dadivosa. E si o trato quotidiano do livro permite aos poucos a gente ir afeiçoando mais tal poema, distinguindo êste outro, a gente não possui mais razão pra separar a obra-prima e a justificar. Será um mal novo?... Não me parece que. Nem tive intenção propriamente de distinguir milhorias ou decadencias impossiveis. Estive apenas procurando do meu jeito, a ordem de criação em que a poesia dêstes quatro grandes poetas se situa.

MARIO DE ANDRADE

Notas

ALCEU AMOROSO LIMA (TRISTÃO DE ATHAYDE): *Esboço de uma introducção á economia moderna* (ed. do Centro D. Vital, Rio, 1930).

O que êsse estudo de quinhentas páginas escrito em quatro meses revela de erudição, de espirito crítico e analitico, de capacidade expositiva e classificadora e sobretudo o que há nêle de pessoal e profético não pode ser dito aqui. Porque o intúito destas notas é simplesmente lembrar, aos que lêm, alguns dos livros mais importantes ultimamente publicados no Brasil (ou fora mas de interesse para êle).

Alceu Amoroso Lima vem desenvolvendo entre nós um verdadeiro apostolado a que não é estranho nenhum campo da inteligência e actividade humanas. O combatente católico desafia os adversários de sua fé em todos os terrenos lutando com a fôrça imensa que lhe vem de um preparo vastíssimo e de uma inteligência que não falha. E para que a sua acção se faça cada vez mais dominadora contribuem ainda a honestidade do pensador e a certeza do crente. Inabaláveis. O enorme e sabido poder de comunicação que tem o que age e fala em nome de uma verdade achada e conservada á custa de sacrifícios de tôda natureza.

O *Esboço de uma Introducção á Economia Moderna* trai a cada passo essa necessidade de acção, a imperiosa necessidade de revelar e convencer. Precisa ser lido. Mais: precisa ser discutido e até (para sua maior divulgação e beneficência) refutado.

A. de A. M.

J. PANDIA' CALOGERAS: *Res nostra...* (Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1930).

Basta ler o índice para ter uma idea da erudição complexa do autor: os assuntos tratados em conferências e artigos são de história, de politica exterior e interna, de religião, moral, educação, economia e finanças. Grande estudioso, Pandiá Calogeras é dos que expondo ou criticando contribuem. Em tudo que escreve há sempre um esclarecimento ou uma achega que revelam sobretudo o sabedor traquejado na pesquisa das cousas de história brasileira. O que torna a contribuição dêle original e preciosa.

Sob êsse aspecto se destacam no volume os capitulos em que sustenta a naturalidade pernambucana de Felipe Camarão e estuda a figura de D. Vital bem como os consagrados a Osório, ao barão do Rio Branco, ao padre José Manuel de Madureira, ao "Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa" de Eugenio de Castro e ao primeiro tomo da "Historia do Imperio" de Tobias Monteiro. Todos êles confirmando aquela riqueza de informação e segurança de raciocínio que fazem da *"Politica Exterior do Imperio"* um "livro fundamental da nossa história", para repetir palavras de Baptista Pereira no prefácio.

A. de A. M.

HANS STADEN: *Viagem ao Brasil — Versão de Algerto Löfgren, revista e anotada por Theodoro Sampaio* (publ. da Academia Brasileira, Rio, 1930).

Era necessária esta nova edição do livro de Hans Staden, quarta que se faz no Brasil. Mesmo a segunda de 1900, que se deveu igualmente a Alberto Löfgren como tradutor e Theodoro Sampaio como anotador, não satisfazia. A versão, como acentua Afrânio Peixoto, merecia melhor revisão e a parte crítica maior desenvolvimento. Uma e outra cousa se encontram na de agora. Depois a recente publicação facsimiliar de Frankfort permitiu uma reprodução mais perfeita das gravuras e forneceu um ótimo retrato de Hans Staden. De forma que a edição da Academia pode e deve ser considerada excelente.

Em nada menos de 153 notas Theodoro Sampaio com a sua conhecida sabedoria no assunto comenta e esclarece o texto.

A. de A. M.

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL — *Introducção de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia* (publ. da Academia Brasileira, Rio, 1930).

E' a primeira tiragem em volume da famosa conversa de Brandonio e Alviano. E tanto basta para dar á publicação da Academia um valor extraordinario. Fica sendo indispensável.

Serve de introducção o artigo de Capistrano publicado em 1901 no "Jornal do Commercio" do Rio. Artigo magistral escrito com aquela clareza e aquela agudeza em matéria de história, até espírito de adivinhação, que Capistrano possuia como ninguêm. As numerosas notas de Rodolpho Garcia (a primeira baseada em documentos só revelados ultimamente confirma uma previsão de Capistrano) completam e explicam sabiamente o que há de mais interessante ou então obscuro nas informações de Brandonio.

A. de A. M.

ENRIQUE BUSTAMANTE Y BALLIVIAN: 9 *Poetas nuevos del Brasil* (Imprensa Minerva, Lima, 1930).

Os nove traduzidos são (respeitando a prudente ordem alfabética adotada por Ballivian) Guilherme de Almeida, Mario de Andrade, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Gilka Machado, Cecilia Meirelles, Murillo Araujo, Ribeiro Couto e Tasso da Silveira. Logo de entrada poderia se objectar que dêsses nove poetas dois (que constituem o elemento feminino do ranchinho) não são novos no sentido literário que se dá á palavra. Mas isso tem pouquíssima ou nenhuma importância no caso: questão de critério e gôsto que não convem discutir.

O que importa evidenciar agradecendo é o serviço que á poesia brasileira presta Ballivian com as traduções reunidas

em volume. Porque elas são fieis e bonitas, bem fieis e bem bonitas. Quási todos os poemas se sairam perfeitamente dessa prova de fogo, para não dizer dos nove, que é a versão para uma língua estrangeira. Cousa rara e bastante lisongeira para os poetas.

Numa "Nota Preliminar" Ballivian ao lado de muita cousa francamente endossável por um entendido brasileiro avança (era fatal) alguma menos exacta. Aquilo por exemplo de atribuir a "todos los politicos brasileros" uma "sólida cultura". E' bondade sua, Ballivian.

A. de A. M.

VOYAGE DE LA PÉROUSE AUTOUR DU MONDE (éd. du Carrefour, Paris, 1930, 60 frs.).

Como é sabido, Jean François De Galaup, conde de La Pérouse, com fins cientificos e também commerciais, partiu de Brest a 1 de agosto de 1785 para uma viajem á volta do mundo. Comandando duas fragatas, *la Boussole* e *l'Astrolabe*, e tendo por companheiros vários sábios, técnicos e pintores, chegou êle á Ilha de Santa Catarina no dia 6 de novembro e ali permaneceu até 19. A relação de sua ligeira estada no Brasil não ocupa mais de cinco páginas desta reedição de 1930. Mas nem por isso deixa de ter seu interesse pois La Pérouse dá várias informações sôbre a pobreza extrema da população, a fertilidade da terra, a pesca da baleia, o preço dos víveres. Os habitantes lhe pareceram extraordinariamente hospitaleiros e de costumes morigerados: "são bons, polidos, serviçais, mas supersticiosos e ciumentos de suas mulheres, que nunca se mostram em público".

Sendo hoje raros os exemplares das edições francesas de 1797, 1799 e 1831 (mesmo os das inglesas de 1798 e 1807 custam muito dinheiro), convem chamar a atenção dos colecionadores brasileiros para a de agora, bem impressa, feita de accôrdo com os manuscriptos originais e reproduzindo desenhos dos artistas que tomaram parte na expedição.

A. de A. M.

RACHEL DE QUEIROZ: *O quinze* (Fortaleza, 1930).

A literatura das seccas nordestinas enriqueceu-se extraordinariamente em 1930 com este primeiro romance de Rachel de Queiroz. Muito jovem ainda, na reconhecida inexperiencia dos dezenove annos, a jovem escritora cearense deu-nos uma obra de grande valor, desprovida de palavreado, sem a minima retorica, directo, simples, commoventissimo. Um entrecho muito leve e doloroso, que estuda a falta de coragem no amor, serve de razão discreta para uma serie de paisagens e momentos de vida nordestinos, sob a acção terrivel da secca. A escritora possue uma força rara de exposição e soube numa linguagem corredia expor os elementos que melhor nos dariam a percepção commovida da secca. Livro que desprovido de pesquizas estheticas, desprovido de riqueza gratuita de imaginação, se impõe e tem lugar irremovivel na ficção do Brasil.

L. P.

ARTHUR MOTTA: *Historia da litteratura brasileira* (ts. I e II, Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1930).

Nestes primeiros tomos, de cerca de 500 paginas cada um, o autor estuda as epocas que elle chama de formação (seculos 16 e 17) e transformação (seculo 18). Ainda para aquelles que não concordam em absoluto com a orientação literaria, considerações e juizos do critico, a leitura dos dois volumes é de grande utilidade graças ás informações bio-bibliographicas que contêm. Obra de consulta obrigatoria, portanto, sob esse aspecto.

O. G.

TRISTÃO DE ATHAYDE: *Preparação á sociologia* (ed. do Centro D. Vital, Rio, 1931, 5$).

São as quatro conferencias que tanta repercussão tiveram quando proferidas recentemente na Escola Nacional de Bellas Artes do Rio. E valem antes de tudo por um desmentido aquelles que costumam censurar (em publico ou não) o hermetismo de Tristão de Athayde. Porque esta synthese da acção social

catholica é admiravel de clareza e de ordem. Exposição didactica ao alcance dos menos familiarizados com o assumpto.

Passando em revista todas as soluções conhecidas para o problema social contemporaneo, Tristão de Athayde conclue a favor da distributista, a "que mais attende ao triplice desideratum de ser uma solução racional, nacional e christã". Os erros do "desvio naturalista", de que o mundo moderno está soffrendo as consequencias tragicas, só podem ser reparados pela "volta a Deus". E é este portanto o tremendo dilemma com que se defrontam os "homens desorientados" de hoje: "Soberania de Deus ou Soberania da Força".

O. G.

AFRANIO PEIXOTO: *Martha e Maria* (Lisboa, 1931).

Não se trata de mais uma obra do romancista Afranio Peixoto, como pode parecer pelo titulo. E sim de uma exposição do que, em discursos, projectos e pareceres, fez o deputado federal Afranio Peixoto, durante o seu mandato de representante da Bahia, para a solução de varios problemas brasileiros: hygiene e instrucção particularmente.

Numa terra em que o suffragio universal tem sido, não uma selecção de valores, mas uma negação delles, o facto de um Afranio Peixoto ter pertencido por muitos annos ao Congresso constitue uma excepção que consola um boccado. Assim, esta prestação de contas apresenta saldo a favor do paiz. E é pena que nem sempre tenha tido a applicação devida. Como no caso da "Quinina do Estado" que é impressionante.

O. G.

ETHNOGRAPHIA BRASILEIRA

Embora já tenhamos alguns folkloristas notaveis, é ainda immensa a quantidade de aspectos em que a ethnographia inda não foi tratada entre nós. Se mesmo no dominio da poesia, das lendas, das superstições, que foram os assumptos mais versados, inda muito nos resta que recolher, pouquissimo ou

mesmo nada se tem observado a respeito da gesticulação, do traje, dos enfeites, dos objectos de trabalho ou de uso pessoal do homem brasileiro, do nosso dia rural nas differentes regiões do paiz, das nossas danças e seus aspectos particulares, dos proverbios geographicos, dos remedios populares, da architectura popular, etc.

A REVISTA NOVA, que pleiteia um conhecimento mais largo do Brasil, abre por isso as suas paginas a qualquer collaboração de ordem ethnographica e considerará bemvindos todos quantos nos auxiliarem nesse proposito. Apenas pede que, para a devida seriedade scientifica que tal trabalho exige, as collaborações venham dotadas de toda a pormenorização possivel, devidamente assignadas e com designação de endereço. Aquelles que não quiserem, por qualquer motivo, ver seus nomes indicados, poderão escolher pseudonimo, desde que as collaborações tragam sempre o nome legitimo e a direcção certa para nosso governo e garantia. As palavras inda não recenseadas nos diccionarios usuaes da lingua deverão trazer suas significações e possiveis empregos metaphoricos, acompanhados de exemplos tradicionaes. Será tambem indispensavel a indicação do lugar em que foram apanhados os dados constantes das communicações.

Resenha

Yaríbes da Amazonia

(Trechos de uma conferencia feita na Intendencia Municipal de Curuçá a 6 de julho de 1930.)

O livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*, do publicista e poeta cearaoára José Carvalho, residente em Belem do Pará, veiu prolongar a obra das letras democraticas do Brasil, iniciadas, ao tempo do Imperio, pelo fulgurante espirito de Mello Moraes Filho, ao serviço do *folklore* do nordeste e norte, emparelhando-se seu illustre autor com os melhores folkloristas brasileiros, pela elegancia de linguagem com que revela interessantes lendas, anecdotas e versos que colheu.

José Carvalho graphou, usurariamente, todas as cantigas que ouviu nos sertões da arêtãma e nos rios, igarapés e lagos de Faro, Obidos, no Pará, no Amazonas e no Acre, remota região onde consumiu os melhores dias de sua mocidade forte e intelligente, trabalhando, com Placido de Castro, pela autonomia desse territorio, encorporado ao Brasil pelo valor do seringueiro nordestense, que o arrancou da boca da Bolivia.

E esse mosaico de brejeirices da literatura popular brasileira, indumentadas num estilo simples e claro, constitue o texto de seu ultimo livro *O matuto cearense e o caboclo do Pará*.

No limiar do livro, lembra José Carvalho o historiador Ferdinando Dénis no Brasil (1845, 2.º vol.), quando estuda o sertanejo do nordeste e o gaúcho, trabalho que serviu de modelo ao divino Euclydes da Cunha n'*Os Sertões*, ao se occupar do mesmo thema.

Sem começar seccamente, como Leonardo Motta, no *Sertão alegre*, José Carvalho "cascou" logo, no copicháua do livro, a

"madeira" de seus conhecimentos ethnographicos e sociologicos, estudando, á luz de seu proprio conhecimento, a differença dos homens e das coisas do Pará e do Ceará.

Essa preoccupação de José Carvalho lembra igualmente, as folhas douradas desse estilista elegante e heraldico, que é Alfredo Ladisláo, no *Terra immatura,* ao balancear as figuras de suas personagens "Possidonio" e "Miguel Felicio", que, apesar de fantasiosas, em parte, impressionaram vivamente a José Carvalho, notadamente no modo por que Ladisláo conclue...

Ha, porém, nesse livro de José Carvalho affirmativas que pedem commentarios, os quaes eu formulo aqui, espontaneamente, no desejo de ser util á verdade, que varias vezes se ausentou do livro em apreço.

Diz José Carvalho:

"O cearense tem uma fórmula altiva que muito commumente repete: — Não dou o meu direito a ninguem!

O caboclo repete quasi sempre: — Não vale a pena brigar.

O cearense affronta o perigo de frente; o caboclo contorna-o."

O homem da Amazonia, o nativo das selvas doces da planicie verde não é um fanfarrão, nem se gaba do que faz: é kiriri...

Sua bravura é mansa e sombria: é, entretanto, feroz na vingança, obediente ao impera-tivo do sangue aborigene.

Na lucta, uma vez desatada, é inexoravel, inimitavel, e inexcedivel. Ahi estão, palpitando, as paginas dos *Motins politicos,* do barão de Guajará, que ali narrou a historia da Cabanagem, na qual ha lances stoicos, do mais puro civismo e da mais alta bravura, praticados pelos caboclos do Pará.

O caboclo paraense, como o de toda a depressão amazonica, tem a valentia surda das aguas: vinga-se na hora opportuna, sem alarde, sem bravatas, friamente, sorrindo, feliz, sobre as ruinas do inimigo, gemendo entre dentes a sua victoria, como os caimans fartos, repousados entre os chorões verdes das victorias régias...

Encontro ainda asserções pejadas de inveracidades, que serão no sul do paiz e no estrangeiro, um injusto attestado falso do atrazo da civilização amazonica.

Eil-as:

"Quando, pela primeira vez, chega um cearense nos rios ou lagos habitados no interior da Amazonia, as mulheres e crianças correm para as mattas, com medo..."

"Vivem, tambem, — outro traço da maloca — em absoluta

promiscuidade. Dormem todos, marido e mulher (casados ou não), filhos homens, filhas moças, crianças, numa pequena sala, em commum".

Essas affirmativas estão oneradas de clamorosa inverdade: se em Faro e vizinhanças, ou no Acre, ainda é assim, no resto do Pará e no Amazonas taes costumes se não praticam mais... Não, não é exacta essa historia...

Percorra o illustre poeta e publicista a região do Salgado, de Vigia a Vizeu; suba depois os rios Guamá, Capim, Acará, Mojú, Irituia, Tocantins, etc., penetre as ilhas de Afuá, Macapá, Gurupá, Chaves e Aricary, a grande Marajó e verá que os costumes não são aquelles que descreveu.

Chegue mesmo até as aldeias dos tembés do Guamá e do Gurupy e observará que os abas owapegánas cohabitam com suas mericós em altos giráos, fechados, isentos, portanto, de promiscuidade com os filhos.

Verá, ainda, que nesses opulentos recantos do Pará, como em toda a Amazonia, as mulheres e filhos dos caboclos — descendentes do ariano com o aborigene — não correm, espavoridos, diante do cariua "brabo" do nordeste.

Vem a proposito, recordando a lenda das "Amazonas" de Orelana, concluir: se naquelle tempo as cunhatans, as cunhãs e cunhãmucús não fugiram aos hespanhoes famintos, que desciam o Paranassúira, desvirginando-o á civilização iberica, quanto mais hoje, que está tudo desvendado e os caboclos da planicie já não têm o beiço, o nariz e a orelha furados e "falsificam até pluma de garça"! — como constatou o proprio José Carvalho.

Livro hodierno e de indiscutivel valor, proclamado pela critica de Basilio de Magalhães e Oliveira Vianna, não deveria trazer *O matuto cearense e o caboclo do Pará* mais essas fantasias prejudiciaes aos creditos da civilização do valle do Amazonas.

A época dos que falavam mal da planicie amazonica já passou, com os *Inferno verde, Desherdados, Terra immatura,* encerrando o cyclo o *De Bubuia,* que é a transição do mal para o bem; da fantasia para a verdade.

Noto, ainda, que depois de José de Carvalho haver demonstrado a flagrante differença entre o homem da Amazonia e o do nordeste, synthetizado no cearense, viesse a fazer conclusões que se não harmonizam com suas premissas.

Bem se percebe, através de seu incorrigivel cearencismo, que o poeta conviveu na Amazonia sempre entre colonos cearenses e sómente em Faro e no Acre lidou, de perto, com

os remanescentes dos aborigenes da região e que pelos caboclos desses logares quer bitolar o typo geral do homem da depressão amazonica.

Não sendo verdadeiro esse criterio, dahi as inexactidões de algumas deducções a que chegou o apreciavel poeta e jornalista patricio.

No nordeste brasileiro, o homem lucta desesperadamente para viver e é, por isso mesmo, um revoltado contra a Terra e precavido contra tudo que o cerca e, no Ceará, na Terra da Luz, essa revolta o predispõe a uma philosophia *sui generis*, em que remove cantando todas as mágoas que se lhe deparam no mucuripe esteril da vida.

E assim vencem, porque se invulneralizam á dôr, pela educação spartana da vontade forte, que lhes encouraça a materialidade pelo poder mystico do espirito: riem superiormente da desgraça... e cantam ao som da viola depois.

Na Amazonia, o homem está na fartura, nada lhe falta: tudo lhe está ao alcance do remo e da mão: mulheres, frutos, aves, peixes, caças, flores, agua e mel ahi estão do melhor e em abundancia: um perfeito Paraiso...

Não lhe é preciso luctar para viver: vive a vida tranquila das aguas, que andam placidamente para o mar.

Continuando seu estudo comparativo, diz José Carvalho:

"Affirmei que o caboclo do Pará não deu, até hoje, um typo, só, que se pudesse igualar com os cantadores sertanejos do nordeste".

O meio é outro, logo, outros são os costumes, como o proprio autor reconhece.

Na depressão amazonica, a poesia popular tem sido esperdiçada nas selvas, desde seculos, chegando apenas até nós alguns fragmentos deturpados que, entretanto, nos mostram o riquissimo material de que procedem.

. . . . . .

A disparidade de costumes e de habitaculos do amazoniense e do nordestense os ligou na inquebrantavel fusão que ora, prazeirosamente, se observa em todos os rios da Amazonia.

O sertanejo do nordeste é a resultante do caldeamento do branco com os caétés, potyguánas e carirys, que povoavam Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará e parte do Piauhy, seleccionando o typo cearense — cabeça chata (acangapéua), intelligente, arguto, forte e cultor espontaneo da poesia popular, como é, em geral todo o sertanejo brasileiro.

O cantador nordestense, da linhagem caété, de origem tupy e privilegiada em dar nascimento a cantores e pagés, é

o glosador de façanhas proprias ou de outrem, em que o heroismo e o banditismo se confundem, no exotico linguajar do bardo primitivo.

Ora, se a Amazonia não é, felizmente, theatro de frequentes façanhas sangrentas, porque a terra é grande, fecunda, farta e generosa e a indole do seu povo é boa, claro está não poderá possuir cantadores dos typos Rio Preto, Romano ou Ignacio Catingueira, mas os tem anonymos, nos paracauarys dos rios, com aspecto regional, naquelle rythmo livre, sereno e quasi religioso observado por José Carvalho:

"São Benedicto
Já foi cozinheiro
Mas hoje é um Santo
Do Deus verdadeiro."

Eu estava em Chaves, na contra-costa marajoára, quando ali aportou uma "fulia" de S. Caetano de Odivellas. A embaixada lyrica, da taba festiva do jornalista Santana Marques, vinha ao serviço da "esmolação" para a Festa de São João da Ponta.

A' noite, sob os auspicios do intendente de então, o joven coronel Arlindo Cacella, os caboclos odvillaoáras, peneirando as vozes alternadas, em varias tonalidades, seguidas de uma musica exotica e linda, em que tomavam parte violas, cavaquinhos, pandeiros, "onças", réco-réco e violões, cantaram, brilhantemente, uma ladainha.

Ao fim, em vez de bemditos, cantaram uma estupenda "fulia", da qual jámais consegui esquecer esta quadrinha:

"São João da Ponta,
Glorioso São João,
Que desceu do céo á terra,
Para a nossa salvação!"

Estribilho:

"Que desceu do céo á terra
Para a nossa salvação..."

Fóra dos motivos religiosos em que, na expressão de José de Carvalho, a *musa cabocla* vibra *fracamente*, affirma haver outras *quadras destituidas de senso commum e de graça. Como exemplo das primeiras — aqui temos*:

"Meu Carão está chorando
Em cima do matupá.
— Por que chora, meu Carão?
— Porque não acho uruá.
Uruá, uruá!
Peixinho do fundo
Uruá!

Tenho meu Carão preto
Com pennacho de velludo.
Meu Carão é tão bonito
Xerimbabo da rainha!
Uruá, uruá!
Peixinho do fundo
Uruá!

Quem me ensinou a dansar
Foi andorinha do ar
Dansa, dansa, mulata,
Mulata do meu coração.
Uruá, uruá!
E' comida de Carão
Uruá!"

Francamente não vejo razões para aceitar o julgamento precipitado do poeta José Carvalho.

Esses versos são puramente regionaes: vozes dagua doce... vozes da planicie... No primeiro grupo, o caboclo pensativo do baileu de sua igára pinta o Carão — *ramus scolopaceus* — ave dos lagos e das aguas dormentes e que tem costumes analogos aos das garças e mauarís. Colloca-o triste, "chorando", como os socós e pixy-pixys panêmas, sobre a garrancharia florida dos matupás — destroços vegetaes fluctuantes, que demoram á foz dos lagos — porque não encontrou seus "mariscos" predilectos: uruá e peixinho do fundo.

No segundo grupo, canta a belleza triste do Carão, com seu pennacho de velludo; acha-o bonito e, provando a antiguidade do verso, diz-lhe xerimbabo da rainha; quer dizer do quintal da rainha.

Nos ultimos versos, descreve a dansa das andorinhas no ar, affirmando que com ellas aprendeu a dansar e manda que assim danse a mulata de seu coração, informando ainda, aos ornithologos, que uruá é comida de Carão.

Onde, pois, as faltas de senso commum e de graça?

Acredito que se o mavioso poeta José Carvalho conhece a obra literaria de Affonso Arinos de Mello Franco, a proposito do sertão mineiro, certamente tambem péchou de insulsos e destituidos de senso commum e graça esses versos que o brilhante literato publicou no seu interessante trabalho regional *Pedro Barqueiro*:

"Tá trepado no páo
De cabeça p'ra baixo
Com as asas cahidas
Gavião de pennacho!
Todo o mundo tem seu bem
Só pobre de mim não tem!
Ai gavião de pennacho!"

"Na matta de Josué
Ouvi o mutum gemê
Elle geme assim:
Ai-rê-uê, hum, airê!"

Irmãos dos versos caboclos do Pará, esses versos primitivos, aflorações da poesia mineira, têm as cores symbolicas das tabas das alterosas, culminando nos ultimos o onomatopaismo tupy, impresso no gemido solenne do mutum, de que o amerába copiou o esturro de guerra.

Convença-se José Carvalho de que cada táua pindorãmoára tem seus yaribes proprios: são as vozes do ambiente, amortecidas na surdina lyrica da musica tupy.

. . . . . .

José Carvalho, se houvesse andado, como Raul Bopp — esse bolido das letras poeticas nacionaes — pelas terras fecundas de Macapá, teria escri-

pto um capitulo de ouro descrevendo o *marabaixo* e o *sahiré* macapaenses.

No *marabaixo*, por mim revelado, noutro trabalho, hoje em mãos de Edmundo Krug, folk-lorista de S. Paulo, ouvi, em Macapá, em 1920, versinhos assim:

"Eu não caso com viuvo,
nem qui seja por amô,
qu'eu não quero criá pintos
que outra gallinha deixou!

Estribilho:

Elle vai, vai, vai...
Ao som da viola é que eu vou
[chorá..."

Continuando a mesma toada e com o mesmo estribilho seguem ainda essas lindas quadrinhas, que são as flores dalma do gostoso *marabaixo*:

"O amor não tem segredo,
nem tem vergonha tambem;
quem tem vergonha não ama,
nem acalenta a ninguem...

Maria, nosso segredo,
foi crime no Paraiso;
mas encheu a terra toda
de gente, amor e sorriso!

Não temas; nosso peccado,
dos campos do Mattapy;
ficou na relva esquecido
e eu delle já me esqueci...

Agora, bella Maria,
não pensa nisso mais não...
e sentirás a saudade
te nascer no coração."

No *marabaixo* macapaense ha, ainda, as coplas do *samba riry*, do *indêrês* e outras interessantissimas em que o espirito travesso das ruas faz a critica local.

Havia, ali, um rapaz de boa familia de nome Procopio, dominado pelo alcool. Procopio, que bebeu uma fazendola que herdara, foi bater no *marabaixo* e, ao som do samba-riry, foi dansado e cantado assim:

"O Procopio já não bebe,
Sambariry!
Já não toma mais pifão!
Sambariry!
Elle agora virou rolha,
Sambariry!
E' rolha de garrafão!
Sambariry!

Em Mazagão acharia um *folk-lore sui generis* no Brasil, evocando costumes da Africa portugueza, em honra a Sant'Iago.

Ourem conserva a tradição pura dos melhores bumbás do Estado.

Foi em Ourem que ouvi estes versos:

"Boi! boi! boi!
Você diga de quem é...

E o "boi", rebolando os quartos, em voz cavernosa, respondeu, completando a rima:

Sou do gunvernadô
Sou doutô Lauro Sodré!"

E se levantava sambando e arremettendo o espantalho corneo sobre a assistencia.

Do criôlo Guilherme, principe desse "boi", guardei essa delicada lôa, introduzida no *folk-lore* de Ourem:

"Do Maranhão p'o estrangeiro
foi uma carta sem sello
por causa da moreninha
que usa fita no cabello..."

Em Camiranga, no Gurupy, os faiscadores mocambeiros do Pará e Maranhão, entre centenas de quadras chistosas, cantam, ao som do puíta:

"As Eva da minha terra
não mais engasga os Adão!
Não são fruto prohibido
as morena do sertão!

Minha terra fica longe,
do Gurupy, no sertão,
lá onde nunca chegou
cearense ou regatão.

Tudo ali inda é selvagem,
peccado é trabalhar;
a gente, como a cigarra,
desfia a vida a cantar.

No Gurupy, afamado,
corre o ouro universá:
balança que pesa ouro
não póde pesá metá."

Lembrando a musa de Zé Menino, que dá vida ás *emboladas* dos sertões do Ceará, eu ouvi, em 1914, cantar em Curuçá, os versinhos ineditos que faço vibrar:

"Em Curuçá,
Pela festa de S. João,
Tudo desmancha roçado
p'ra soltar seu foguetão.

O vento macho
Quando sopra numa saia,
Té parece a mamãgáia
Com vontade de ferrá!

No Muriá,
As cabôcas richunchuda,
Inda mesmo barriguda,
São "damnada" p'ra dansá.

Puxe direito,
Devagar c'a tarrafinha,
Qu'ella traz, dentro, saltando,
Dois pacote de tainha.

São ainda da poesia anonyma de Curuçá essas quadrinhas igualmente ineditas:

Na pesca:

Mundico joga a tarrafa
em cima da piracêma:
maloca de cangatás
do bello Pacamorêma.

Em viagem:

Converse tio Geraldo,
Converse tia Meran;
que no bailéo da canôa
tem gente no yacuman.

Na venda do peixe:

Mundico, rêma Mundico,
que a lua já impinou:
vamos "gelar" nosso peixe (*)
pois a maré já vasou...

Madrigalando:

Menina da saia curta
formosa jurupiranga,
p'ra te "amansar" linda flor,
eu tenho aqui a pussanga!

O Dr. João Gualberto Alves de Campos, inspirado poeta paraense e juiz substituto de Curuçá, de onde é filho, colheu, na praia Arêuá, foz do rio Curuçá, e nos mutiruns de S. Domingos, Muriá e Mocajuba, tudo do municipio de Curuçá, Pará, essas formosas trovas populares:

(*) "gelar" é vender.

Na pesca:

Parti ao mar, uma vez,
Pesquei ao sentar do sol.
Uma concha recolhi,
segura no meu anzol.

Quiz recuar, assustado,
mas a concha estremeceu:
e uma voz falou-me assim:
— Não tenhas medo: sou eu.

Sou a saudade sentida
que tinhas no coração,
quando de terra partiste,
cheio de amor e afflicção.

Na dansa:

Vamos dansar este tango
que o tango é dansa da moda.
Puia p'r'o meio da roda,
morena, labios de jambo.
Vamos que a flauta chorosa
anda tocando uma prosa
bonita como a illusão.
A flauta é como as morenas
que a gente as escuta, apenas,
e fica sem coração.

Ao luar:

Morena de olhos graúdos,
olhos da minha paixão:
quando me fitas, eu sinto
queimar-se o meu coração.

Parecem meigos teus olhos,
— é puro engano p'ra mim...
Porque se fossem tão meigos
não me queimavam assim.

Os teus olhos, meu amor,
queres saber o que são?
— São dois pedaços de sol,
cahidos lá da amplidão.

Pio Ramos, o apreciado autor do *De Bubuia*, recolheu de um barqueiro do Tocantins, em viagem, acima das cachoeiras das Itabócas, esses magnificos versos cantados em louvor ao sol nascente:

"O' sol! tu vens despontando
Entre os anjos serafins
Para ensinar ao piloto
As pedras do Tocantins.

O' sol! protege esta terra
Que o governo abandonou,
Esta riqueza escondida
Que ao Brasil Deus doou!"

Lembram incas ou guaycurús evocando ao sol!

Com as aguas do Tocantins, os versos descem tambem.

O saudoso Dr. Ignacio Moura colheu, nas margens tocantinas esses magnificos versos, registrados no seu livro *De Belem a S. João de Araguaya*, publicado ha 20 annos:

"Peguei, peguei, estou pegado,
Cumprindo a lei do meu fado,
Sou Serra do Cratiú
Da ribanceira quebrada;
Sou como o perú sem ninho
e o urubú sem camarada.
Sou ananaz, sou coqueiro,
Sou junco, sou quina-quina.
Para dizer com firmeza,
Nasci no mundo sem sina."

O Dr. Ignacio Moura, affirmando que a poesia popular do Tocantins nos veiu, com os bandeirantes, dos araguás de Piratininga, publicou, na obra citada, mais essas lindas quadras tocantinas:

"Vou-me embora, vou-me embora,
Adeus, que me quero ir.
Menina, dê-me seus braços
Que me quero despedir!

O trevo diz que se atreve
Dar a flôr e não abrir;
Não sou trevo mas me atrevo
De nos teus braços dormir.

Vou-me embora, vou-me embora,
E' mentira, não vou, não;
Embora que eu vá me embora
Meu coração não vai não!

Você me mandou cantar
Julgando que eu não sabia...
Eu não sou como a cigarra
Que em cantar leva o dia."

Quantos versos lindos não vivem subindo e descendo os rios da depressão amazonica, como as canarãnas e os mururés floridos, na boca dos barqueiros simples e bons, qual o poeta Jūvenal Tavares, que em versos sertanejos, orgulhoso, como o deputado Deodoro de Mendonça, pela sua linda Cametá, proclamava:

"Nasci nesta zona ardente,
tive meu berço innocente
nas margens do Tocantins:
os favonios m'embalaram,
as aves me acalentaram
nos seus eternos festins."

A poesia popular da Amazonia esteve sempre em contacto com os bardos dos sertões de Matto Grosso. O Dr. Joaquim Ferreira Murtinho, em 1869, no seu livro *Notícia sobre a Provincia de Matto Grosso*, pag. 19, registrou os versos abaixo, que ouviu dos "cururúeiros"— sambadores do "cururú" — nas cercanias de Cuyabá, e que suppoz improvisados:

"Em cima daquelle morro,
Siá dona,
Tem um pé de jatobá;
Não ha nada mais pió
Ai, siá dona,
Do que um home se casá!"

Cita tambem um desafio, nas ruas de Cuyabá, entre um homem e uma mulher:

O homem:

"Eu passeio o Parnahyba
Navegando numa barça;
Os peccados vêm da sáia
Mas não póde vir da carça.

A mulher:

Dizem que a muié é farça,
tão farça como o papé...
Mas quem vendeu Jesus Christo
Foi home, não foi muié."

Os seringueiros levaram esses versos ao nordeste onde, talvez, os "naturalizaram" e tiveram larga divulgação, porque me lembro tel-os ouvido em 1912, de cégo, no porto de Cabedello.

*
* *

Estudando os vicios de linguagem, diz José Carvalho:

"Pergunte-se, igualmente porque no Pará se permuta o "o" pelo "u" e se diz "fulha" em vez de "folha", "túdo" em vez de "todo"; o "e" pelo "i", rilho" em vez de "relho"?"

E conclue autoritariamente:

"Os philologos não resolveram a questão e nem resolverão tão facilmente.

Não se trata, a meu ver, *de um caso de incultura mas de um caso de conformação physiologica.*"

Oscar Leal (*Viagem ás terras goyanas*, pag. 150), evocando a belleza dos versos que ouvira em Barro Preto, em Goyaz, citou essas mimosas quadrinhas, notando, sem saber a causa, que ellas padeciam a falta de plural:

"Oh Liria querida
Do meu coração
Volve teus olho
Prestae-me attenção.

Ah dos céos, escuta
Os meu gemido
A dôr da saudade
Dum peito offendido."

José Verissimo, caboclo do Pará, no seu trabalho *A linguagem popular amazonica*, publicado na *Revista Amazonica*, 1.º tomo, 1883, resolve eloquentemente a questão que José Carvalho, retardatario das letras glotticas do norte do Brasil, suppõe ainda não liquidada.

Tambem soluciona o caso da falta de plural, observado pelo sertanista Oscar Leal e por Amadeu Amaral, n'*O dialecto caipira*, facto commum á linguagem popular do Brasil.

Explicando a José Carvalho, diz o saudoso mestre paraense:

"O *o* fechado pronuncia-se *u*. Dahi veiu a satira que nos fazem os filhos do sul, de que dizemos: *"Lá vem uma canúa carregada de cúco, de púpa a prúa."*

Com effeito, é assim que paraenses e amazonenses pronunciam aquella phrase, mas a esse respeito seja-me permittido dizer que, quanto a este ponto, os filhos do sul não têm muito razão, pois que julgo mais licito em portuguez, mais conforme com a phonetica da lingua, transformar o *o* fechado em *u* do que em *o* aberto, como lá fazem, dizendo bótá (r), córôá (r), córrê (r), etc.

Em Portugal pronunciam-se estas palavras com o *o* perfeitamente fechado, como no Amazonas."

Esclarecendo, ou penumbrando, a lição do mestre José Verissimo, arrisco-me a accrescentar que esse vicio de linguagem tem duas fontes: o linguajar da numerosa colonia portugueza, espalhada na Amazonia e a prosodia do neengatú do norte, que transforma o *o* fechado ou aberto em *u*.

Exemplificando, aqui estão alguns vocabulos tupys, collecionados pelo padre Luiz Figueira em 1687, em confrontação com os mesmos do vocabulario neengatú do conde Stradelli, levantado em Teffé, no Estado do Amazonas, e publicado em 1929, na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*.

Figueira: *xepó*: minha mão; *amó amó*: alguns; *aicó*: verbo

ser; *boiúna*: cobra *preta;* açó: ver ir; *araçó*: verbo levar.

Stradelli: *cepú, amu amu, icu, sú* e *rasô*.

Vulgarmente se ouve dizer na Amazonia: *buiúna; puracé*: dansa, em vez de *poracé,* e *putira* em vez de *potira.*

Está, pois, sufficientemente provado que se trata de um simples vicio de linguagem corrigivel nas escolas, e não de "*um defeito de conformação physiologica*".

Aliás, o escriptor José Carvalho deveria ter reconhecido a erronia dessa asserção se fosse acostumado a policiar, com a "revisão" e a "retranca" os seus pensamentos escriptos.

Teria reflectido que, se os paraenses e amazonenses pronunciam, sem constrangimento, milhares de vocabulos em que o *o* tem o som agudo, o som grave, médio ou nasal; distinctamente, só por um simples vicio de linguagem, dizem: *fulha* por *folha* e *tudo* por *todo*...

Os caboclos do Salgado — pescadores e roceiros — gostam tanto do *o* aberto (agudo) que modificam a voz de *u* em *o*, como na palavra *fúrus* (canaes), que elles pronunciam "fóros"... não fazem mesmo distincção da prosodia do *o* artigo para *oh!* interjeição: ambos têm a mesma tonalidade. Simples vicio de linguagem, remendavel nas bancas escolares.

Ensinando a Oscar Leal e explicando a falta de plural, nas bellissimas quadrinhas que publiquei colhidas no Gurupy e em Curuçá, o mestre José Verissimo affirmou:

"Não dão jámais o signal de plural aos substantivos e assim dizem: *as casa, os peixe, Amazona,* em vez de Amazonas."

Esse mal glottico não é regional da Amazonia; é commum a todo o paiz e flue das linguas selvagens do Brasil.

Explica que os tupys não conheciam um signal phonetico com o valor do *s* portuguez, pluralizando com a addição das vozes *êta* ou *itá,* "razão por que a determinação do plural é feita pelos artigos *os, as,* dos quaes, nestes casos, não prescindem."

Aliás, a falta de plural era commum nas linguas dos amerábas do sul, constituindo esse facto glottico o élo de unificação inicial desses mesmos dialectos, que surgiram nos labios dos autóchtones americanos no seu mais remoto nucleo de apparição: o nomadismo polysecular dividiu-lhes a linguagem.

Em quichua, o plural é formado com o vocabulo *cuna;* no pano, pelas particulas *bu* ou *bo;* em borôro, pelo suffixo *dogue* para as coisas e sêres irracionaes e com o *mague* para os sêres racionaes; akuen

ou xerente, anãmas do chavantes tocantinos, o plural é assim conseguido: *ambé ximixi*: homem um; *ambé põn quanên*: homem dois; e em caxinauá, que representam numerosa familia e que, por suas lendas magnificas, se revelam os decadentes tristes de um povo culto tambem usam o plural como aquellas linguas, addicionando aos nomes o vocabulo *daç-i*.

Depois, reclama o poeta José Carvalho a "gloria" de haver lançado ás letras nacionaes esta interessante quadrinha que ajuntou, de ouvido, da boca do matuto pórre no sitio Cyana, no Ceará:

"Se eu fosse pôdre de rico,
Eu não morava no matto;
Morava mais a Lorinda
Dentro da rua do Crato."

Fez bem fixar-lhe o historico, desde a origem.

No meu archivo folkloriano, a divulgação dessa quadrinha anonyma dos sertões do Ceará, eu attribuia ao Sr. Osorio Duque-Estrada, paciente collecionador de trovas sertanejas, o qual a publicou encabeçando outras, não só no *Almanaque Brasileiro Garnier*, de 1912, como no vol. XI da *Bibliotheca Internacional de Obras Celebres*, com a pequena modificação que se póde verificar:

"Si eu fosse pôdre de rico
Não morava lá no matto:
Morava mais a Lorinda
Ali na rua do Crato..."

Hoje sei de onde veiu e como se popularizou "o pôdre de rico" da Lorinda, que jámais chegou a morar no Crato, suspirado pelo cantador sertanejo de Cayana. Parabens ao publicista José Carvalho por haver reivindicado, a tempo, a sua "gloria", que ia sendo ensombrada pelo "immortal" e saudoso Duque-Estrada.

.....

JORGE HURLEY

(Do "O Paiz", do Rio, de 3 - 10 - 1930.)

Fetichismo das formas de governo

O momento actual deve ser propicio ás longas meditações, ás reflexões demoradas sobre os problemas fundamentaes de nossa organização politica e social. Os erros do passado deverão ser aproveitados como lições vivas que inspirem as novas directivas a serem tomadas. E' essencial que não procedamos como um organismo sem memoria, incapaz de adquirir experiencia, esquecido das dores soffridas, entregue sómente ao momento que passa, ás sensações inebriantes

de uma victoria, sem nos lembrarmos se essa victoria é apenas o preambulo de encargos mais pesados e mais difficeis do que nunca.

O Brasil atravessa um instante decisivo de maioridade politica. De sua orientação actual depende o seu futuro immediato e, portanto, o seu futuro mais remoto. Do que fizermos agora decorrerá a vida livre e nobre de nossos filhos ou a sua humilhação consequente a uma sensação de incapacidade da nação, de se organizar por si, de enfrentar com sinceridade suas questões essenciaes.

A organização sadia e firme do paiz, não sahirá, por si só, de um ambiente de festas, regosijo e manifestações ruidosas e um pouco levianas, aliás proprias e comprehensiveis em um povo que acredita ter terminado uma éra nefasta. Ella exigirá o recolhimento, o estudo, a pesquiza sincera e desinteressada das causas da fallencia do regime que parece ter acabado e, de outro lado, a indignação, o esforço para trazer á luz do dia, impondo-se á maioria das consciencias, o regime que deve ser adoptado.

Esse esforço não é facil nem simples. Elle necessitaria de um conhecimento mais profundo que aquelle que, porventura, possamos ter de nossas caracteristicas psychologicas, de nossas tendencias moraes, de nossas aspirações definidas ou um tanto vagas, de nossas necessidades praticas e economicas. O que sabemos a esse respeito é muito pouco. Quasi não possuimos uma literatura que nos permitta ter um quadro, mesmo esboçado a largos traços, do Brasil actual. A actividade intellectual, no que diz respeito ás grandes questões humanas e sociaes, se não é nulla, não assume a fórma de escriptos que sirvam para uma documentação utilizavel; ella se dissolve em conversas, em palestras nos grupos reduzidos de individuos que pensam mas raramente vão ao ponto de dar uma fórma aproveitavel e pratica a seus pensamentos: a linguagem escripta.

Isso tudo dá, em resultado, uma situação delicada. De momento, é quasi impossivel conhecer a mentalidade media do brasileiro. Os homens que têm diante de si essa tarefa urgente e esmagadora de assentar as bases novas de seu proprio paiz, hesitarão em suas resoluções. A elles, será de todo impossivel ter a sensação reconfortante de possuir os seus problemas, de dominar os materiaes de seu trabalho, de modo, senão perfeito, ao menos bastante aproximado da realidade. Uma larga parte terá de ser dada ás hypotheses, ás theorias, ás generalizações um pouco ou-

sadas e, em alguns casos particulares, é uma parte talvez mais avantajada ainda, ás soluções aprioristicas, ensaios arriscados, que poderão dar resultados optimos ou levar a novos desastres.

A discussão que fatalmente se travará em torno da questão da nova forma, encontrará alguns obstaculos de penosa remoção. A ausencia quasi completa de cultura politica em nosso paiz, criou para esse problema uma attitude altamente prejudicial: a intolerancia. Esse modo de encarar as coisas dominou sempre todos os espiritos e aggravou-se progressivamente sob o regime republicano. Já em 1914, Alberto Torres com superior visão, escrevia:

"Quanto á Republica e ás suas obras, a intolerancia partidaria nunca permittiu, nem a adversarios nem a confrades, negar os beneficios e progressos que attribuem ao regime. A simples observação da decadencia a que descemos nos costumes eleitoraes — base do systema representativo e titulo dos governos democraticos — bastaria para provar aos mais zelosos defensores da fama da "nova forma de governo", que não vem de azedo pessimismo o desgosto com que muitos republicanos desconhecem, nas instituições dominantes, *a republica que haviam sonhado*".

Cada brasileiro encara, em geral, a questão da forma de governo como uma especie de superstição, de verdadeiro fetichismo. Partidario de uma dada ordem, de uma determinada organização, elle se julga na obrigação de não admittir discussões ácerca do seu dogma. Uma especie de fé, quasi mysticismo, obumbra sua visão, perturbando-a, e elle se sente capaz das maiores violencias, senão dos maiores sacrificios, para defender suas crenças que, no fundo, não sabe bem de onde vêm e que, sem duvida, recebeu, como um todo intangivel, sem analysal-as em sua essencia.

No Brasil raramente se quer fazer o esforço de descer até o fundo das questões. Os brasileiros não se apercebem serem os paizes da America, o campo propicio para a discussão livre de preconceitos e problemas, diante dos quaes o europeu medio raramente póde ter completa isenção de animo. Comprehende-se que um cidadão de um paiz de cultura secular, dominado em largos periodos do passado, por classes dirigentes que impuzeram as suas tradições e se distinguiram pelos serviços prestados, ou pela pressão exercida, não possa desligar o problema politico fundamental de um conjuncto de sentimentos cujo peso se faz sentir na apre-

ciação. Entre nós, as cousas deveriam ser differentes. Certamente, tivemos tambem aristocracia. Tambem temos, felizmente, tradições, mas nem uma nem outra foram sufficientemente prolongadas em sua acção para perturbar o nosso julgamento. A escolha da forma de governo poderia assim, sem muita difficuldade, ser posta em seus verdadeiros termos. Um trabalho de opção livre e desembaraçado, no sentido de procurar dar á Nação o apparelhamento mais adequado, mais concentaneo com o seu modo de ser, mais de accôrdo com a verdadeira realidade brasileira, a não encravar, por meio de lutas estereis e perniciosas, o desenvolvimento espontaneo que seus recursos e suas forças autorizam esperar.

Contra essa opção ideal age o fetichismo. Se fosse possivel despir a nossa mentalidade desse preconceito irreductivel, o problema se apresentaria em termos mais simples. Apesar de tudo, das condições de meios, das differenças de climas e, quiçá, das diversidades de raças, que se esboçam entre as diversas grandes regiões do paiz, ha, até certo ponto, uma extraordinaria homogeneidade de pensar, de aspirações — o desejo nunca desmentido de que esse immenso territorio continue a ser uma unidade indissoluvel. Foi um dos grandes serviços prestados pela revolução actual, este de affirmar conscientemente e com uma força caracteristica dos sentimentos profundamente enraizados, a unidade do Brasil.

Esse fundo commum de sentimento já é muito. Tratar-se-ia agora de concordar racionalmente sobre o modo de coordenação dos esforços individuaes e collectivos na administração e direcção da cousa publica. Não haveria motivo para que grupos differentes se aferrassem a normas immutaveis, mantendo-se na posição intransigente dos que consideram criminosa qualquer tentativa de exame.

Essas reflexões nos vêm á mente, ao nos lembrar do silencio feito, ha muitos annos, em torno da possibilidade de adopção entre nós do regime republicano parlamentar. Nossa observação pessoal nos mostrou sempre que abordar a discussão desse ponto seria perigoso. Tinha-se sempre a impressão de levantar uma questão morta e já julgada, senão de estabelecer um problema sedicioso que despertaria a repulsa dos espiritos equilibrados.

O regime parlamentar não parecia digno de merecer a attenção dos homens de responsabilidades. Talvez conscientemente, no fundo das consciencias, elle foi mesmo parcialmente identificado com o re-

gime monarchico, sob o qual vivemos perto de setenta annos e dahi a resistencia passiva que todos opunham ao exame de suas instituições. Instinctivamente, se recuava diante do que poderia parecer uma volta, ainda que parcial, ás instituições decahidas. O exemplo dos grandes paizes democraticos, que vivem e prosperam de modo invejavel sob o regime parlamentar, não era sufficiente para impôl-o á consideração parcial. Dos beneficios do regime, na Inglaterra ou na França, ninguem queria falar. Só se aproveitavam as criticas lá feitas. Criticas alĝumas vezes razoaveis, mas que não affectavam a essencia mesmo das instituições que deram a uma a sua secular grandeza e a outra sua prosperidade e sua estabilidade, em vão tentadas anteriormente em diversos ensaios infelizes.

E' tempo de encarar corajosamente as coisas. E' essencial que nesse periodo de reformas, todas as idéas sejam pesadas, apreciadas, julgadas sem partipris, afim de revolver o que nellas se encontra de aproveitavel e util. E' inadmissivel que o regime parlamentar seja systematicamente afastado do terreno da discussão, por obediencia a um sentimento não sufficientemente esclarecido. Assim devemos esperar.

MIGUEL OSORIO DE ALMEIDA

(Do "Diario de S. Paulo", de 19 — 11 — 930.)

REVISTA NOVA

publicará nos proximos numeros

collaborações de

AFRANIO PEIXOTO — ALCANTARA MACHADO — ALFREDO ELLIS (JUNIOR) — A. C. COUTO DE BARROS — ASCENSO FERREIRA — ASTROJILDO PEREIRA — AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT — CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE — FLAMINIO FAVERO — GUILHERME DE ALMEIDA — HOMERO PIRES — J. A. FERREIRA PRESTES — JOAQUIM RIBEIRO — LEONIDIO RIBEIRO — LUIS DA CAMARA CASCUDO — MARIO PEDROSA — OCTAVIO DE FARIA — OSORIO CESAR — PEDRO DANTAS — SUD MENNUCCI E OUTROS.

EM TODAS AS LIVRARIAS:

TRISTÃO DE ATHAYDE — PREPARAÇÃO A' SOCIOLOGIA

AFRANIO PEIXOTO — MARTHA E MARIA *(Documentos de acção parlamentar)*

O numero 3 da

REVISTA NOVA

a sair em 15 de

Setembro será

dedicado a

Alvares de Azevedo

em commemora-

ção do primeiro

centenario do

seu nascimento.

E. G. "Revista dos Tribunaes"
Rua Xavier de Toledo, 72
São Paulo — 1931

46788